



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MARIA MIRLEY FARIAS DOS SANTOS

**Narrativas orais: vestígios da história da Comunidade da  
Praia do Crispim-PA.**

BELÉM

2023

O melhor resumo do  
prazo de Crispim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MARIA MIRLEY FARIAS DOS SANTOS

**Narrativas orais: vestígios da história da Comunidade da  
Praia do Crispim-PA**

BELÉM-PA  
2023

MARIA MIRLEY FARIAS DOS SANTOS

Narrativas orais: vestígios da história da Comunidade da Praia do Crispim-PA

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho

BELÉM – PA  
2023

MARIA MIRLEY FARIAS DOS SANTOS

NARRATIVAS ORAIS:

Vestígios da história da Comunidade da Praia do Crispim-PA

RESULTADO: ( ) APROVADO ( ) REPROVADO

Data: \_\_\_\_\_ de abril de 2023

---

Prof. Dr. Otacílio Amaral Filho (PPGCOM/UFPA) – Orientador

---

Prof. Dr. (nome)

---

Prof.a Dra. (nome)

---

Prof. Dr. (nome)

BELÉM – PARÁ  
2023



À

*Minha família, em especial ao meu marido e  
filha, que sempre estiveram comigo enfrentando os  
obstáculos para que eu conseguisse terminar meu  
mestrado. Amo-os infinitamente.*

*In memoriam ao  
meu anjinho que está no céu, meu filho Gabriel, que  
se foi durante minha jornada no mestrado, e que  
muito me ensinou durante o período em que fui sua  
casa.*

*Ao professor Otacílio Amaral Filho, meu orientador,  
que muito me ensinou durante o curso.  
E por fim, e não menos importante, à Comunidade da  
Praia do Crispim-PA.  
Dedico esta dissertação.*

*“Na face do velho as rugas são letras, palavras escritas na carne, abecedário do viver. (...) O que os livros escondem, as palavras ditas libertam.”*

*(Conceição Evaristo)*

*“Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens”*

*(Manoel de Barros)*

## AGRADECIMENTOS

Início aqui os meus votos de gratidão, agradecendo a uma pessoa que inúmeras vezes não mediu esforços para que este curso fosse concluído, essa pessoa enfrentou muitas vezes batalhas internas, perdas imensuráveis, principalmente no ano de 2022, mas mesmo assim, se doou integralmente para não me deixar desistir, essa pessoa é aquela, que diante do espelho a mim se revela. A você serei eternamente grata, por suportar tanto e não desistir dos seus objetivos.

Aos demais, e não menos importantes, quero agradecer nominalmente, expressando aqui todo meu reconhecimento do quanto foram importantes na minha trajetória no mestrado. Quero aqui registrar meu agradecimento:

À Hillary Alice, minha filha, o motivo de todo o esforço que venho fazendo para vencer todos os obstáculos, e com seus 12 anos de sabedoria, me ensinou a maior lição da vida, nós não podemos deixar que nos digam até onde devemos ir para conquistar nossos sonhos.

Ao Fábio Rodrigo, meu esposo, por muitas vezes ter feito o possível e o impossível para me ajudar a concluir mais esta etapa da minha. E desde a minha graduação, sempre foi meu companheiro não só de vida, mas de vida acadêmica. Esta pesquisa dedico a você que esteve comigo em todas as etapas me acompanhando, nas estradas dessa vida.

Aos meus pais Rosimilton e Sirlei que a vida inteira fizeram de tudo para que eu pudesse buscar, por meio da educação, uma vida melhor. Agradeço também, à minha irmã Glenda por sempre torcido por mim, para que eu conseguisse concluir esta etapa.

À minha avó Raimunda, que mesmo distante sempre me incentivou a ser o que eu quisesse, desde que eu não passasse por cima de ninguém. A que me ensinou que eu precisaria aprender a dizer não, para o que não me faz bem, e isso mudou a minha vida.

Ao meu orientador o Prof<sup>o</sup> Dr. Otacílio Amaral Filho, a pessoa que será sempre a minha maior referência de educador, porque educar é um dom, uma arte, e essa arte ele domina com humanidade e maestria.

Aos meus amigos, o melhor presente que o mestrado me deu, Giselle, Samara e Lucas, vocês foram peça fundamental nesse processo. Que nossa amizade se eternize, o quarteto fantástico.

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa: Laboratório de pesquisa em Mídia, Cultura e Povos da Amazônia (LAPAM), agradeço todos momentos de aprendizado compartilhados com vocês.

À Universidade Federal do Pará, por resistir e continuar dando oportunidade a jovens da periferia, que assim, como eu, almejam fazer uma trajetória de crescimento profissional, por meio da vida acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior – (Capes) pelo financiamento da minha pesquisa ao longo do curso.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) pela oportunidade de contribuir com a produção científica de qualidade na Amazônia.

E por fim, agradeço imensamente a Comunidade da Praia do Crispim-PA, pelo acolhimento durante minha estadia na pesquisa de campo. Em nome dos atores sociais que contribuíram com esta pesquisa, seu Jorge, seu Amado, dona Conceição, seu Francisco e seu Amâncio, deixo aqui minha eterna gratidão.

## RESUMO

A presente pesquisa realizou um estudo de comunicação com a finalidade de coletar e registrar de forma escrita, as narrativas orais para identificarmos possíveis vestígios da história da Comunidade da Praia do Crispim-PA, de modo a compreender como a comunidade surgiu e se tornou uma das mais relevantes para a região do Salgado. Para a coleta das narrativas, contamos com a colaboração de atores sociais importantes para a comunidade, pois ambos, foram um dos primeiros a migrarem para localidade, são providos de memórias, práticas e saberes sobre a região praiana, além de possuírem uma forte relação com o local que habitam. O interesse na pesquisa surgiu, após constatação de que não há registros oficiais que relatem a história da comunidade. Deste modo, o objetivo desta pesquisa é mostrar de que forma as narrativas orais podem contribuir na compreensão da história e memória da comunidade. Assim como, registrar as narrativas orais, para que se possa entender como a comunidade do Crispim- PA surgiu, bem como, aconteceram as mudanças no ambiente e na vida social da comunidade ao longo do tempo. Como aporte teórico nos embasamos naqueles que abordam sobre o estudo de narrativas: Ricoeur (1994), Souza (2010), Halbwachs (2013) e Benjamin (1985). Acerca dos conceitos de memórias e história: Le Goff (1990), Maciel (2017) e Sodré (2002). A pesquisa de campo surgiu nos moldes metodológicos da pesquisa narrativa de Motta (2013, 2017) e os apontamentos de Jovchelovitch & Bauer (2008) sobre a entrevista narrativa, que é considerado um método de pesquisa qualitativa, entrevista não estruturada e de profundidade.

**Palavras-chave:** Narrativas Orais. Vestígios da história. Comunidade. Praia do Crispim.

## **ABSTRACT**

The present research carried out a communication study with the purpose of collecting and registering, in written form, the oral narratives in order to identify possible traces of the history of the Community of Praia do Crispim-PA, so as to understand how the community emerged and became one of the most relevant to the Salgado region. To collect the narratives, we counted on the collaboration of social actors who are important to the community, because both were among the first to migrate to the place, and because they have memories, practices, and knowledge about the beach region, besides having a strong relationship with the place they live in. The interest in this research arose after finding out that there are no official records that relate the history of the community. Thus, the goal of this research is to show how oral narratives can contribute to the understanding of the history and memory of the community. As well as to register the oral narratives, so that one can understand how the Crispim community emerged, as well as how the environment and the social life of the community changed over time. As a theoretical basis we rely on those who address the study of narratives: Ricoeur (1994), Souza (2010), Halbwachs (2013) and Benjamin (1985). About the concepts of memories and history: Le Goff (1990), Maciel (2017), and Sodré (2002). The field research emerged in the methodological molds of narrative research by Motta (2013, 2017) and the notes of Jovchelovitch & Bauer (2008) on the narrative interview, which is considered a qualitative research method, unstructured and in-depth interview.

**Keywords:** Oral Narratives. Traces of history. Community of Crispim-PA.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Imagem do casal Jorge Pinto e Marcelina Pinto
- Figura 2 – Imagem do morador da comunidade do Crispim de apelido “Bagre”
- Figura 3 – Imagem do ator social Amado Pinheiro (primeiro contato)
- Figura 4 – Imagem de casas sendo destruídas pelo fenômeno das marés altas.
- Figura 5 – Imagens de casas destruídas pelo fenômeno das marés altas na praia do Crispim-PA.
- Figura 6 – Monumento construído em memória do Padre José Maria do Vale, considerado o fundador do município de Marapanim-PA.
- Figura 7 – Construção antiga de Marapanim localizada próximo ao Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja.
- Figura 8- Estabelecimento possui a sua arquitetura histórica preservada localizada no entorno da praça de N.S das Vitórias.
- Figura 9- Estabelecimento comercial que ainda possui a sua arquitetura histórica preservada. localizada no entorno da praça de N.S das Vitórias.
- Figura 10- Prédio histórico - Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja.
- Figura 11- Placas que constam as informações sobre a obra de revitalização do prédio histórico
- Figura 12- Fachada do Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja, após revitalização.
- Figura 13- Prédio histórico- Paço Municipal após revitalização.
- Figura 14- Ponto de venda de camarão, na estrada.
- Figura 15- Barraca de venda de camarão, em estrada que dá acesso a Marapanim-PA.
- Figura 16- Portal de entrada do município de Marapanim-PA
- Figura 17- Letreiro do município de Marapanim-PA
- Figura 18- Monumento de Mestre Lucindo, na entrada da cidade.
- Figura 19- Trasladação da imagem de Nossa Senhora das Vitórias.
- Figura 20- Praticante de Kitesurf, na Praia do Crispim.
- Figura 21- P9 Kite Point Pousada e Restaurante na Praia do Crispim.



Figura 22- Sistema de distribuição de água da comunidade

Figura 23- Imagem de ônibus de passeio no estacionamento privativo da comunidade

Figura 24- Placas informativas sobre a proibição de carros na área de praia.

Figura 25- Vendedores organizando as mesas para chegada dos turistas

Figura 26- Placa da República Federativa do Brasil- Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo

Figura 27- Ator social 1 (Jorge de Souza Pinto, 82 anos)

Figura 28- Casa do ator social Jorge Pinto na Praia do Crispim

Figura 29- Figura 29 – Casal Jorge e Marcelina

Figura 30- Marcelina Pinto, esposa do seu Jorge

Figura 31- Dona Marcelina organizando rede de pesca

Figura 32- Ator social 2 - Amado Pinheiro Negrão, 95 anos, (apelido: “boi sem rabo”).

Figura 33- Residência do seu Amado Negrão

Figura 34- Ator social 3 - Lorival Rosa Nunes, 71 anos.

Figura 35- Ator social 4- Conceição Nascimento, 64 anos.

Figura 36- Ator social 5- Francisco Mendes, 72 anos.

Figura 37- Ator social 6 – Amâncio Lopes, 60 anos

Figura 38- Vista da entrada para a Praia do Crispim-PA

Figura 39- Registro da maré no “horário de banho” como dizem os moradores.

Figura 40- Projeto de Lei para denominação da rodovia

Figura 41- Escola Municipal Ensino Fundamental Elias Negrão.

Figura 42- E.M.E.F (Fachada da escola)

Figura 43- Rua Amado Negrão, na Vila de Bacuriteua-PA

Figura 44- Bar e Restaurante da Conceição

Figura 45- Casa abandonada no estacionamento

Figura 46- Casa II abandonada no estacionamento.

Figura 47- “Gue Guevara” do Crispim-PA, personalidade emblemática da comunidade

Figura 48- Famoso Carrinho de Drink's do "Che Guevara" do Crispim-PA

Figura 49- Vendedores organizando a praia para receber os turistas.

Figura 50- Chegada dos ônibus de passeio na Praia do Crispim-PA

Figura 51- Vendedores ambulantes da comunidade que organizam cedo seus pontos.

Figura 52- Membro da comunidade, apelido "Neguinho" – autônomo e tira sua renda oferecendo transporte de bagagens para os turistas que chegam nos ônibus de passeio.

Figura 53- Pontos comerciais que atendem a comunidade.

Figura 54- Conveniência inaugurada há um ano na comunidade do Crispim-PA.

Figura 55- Registro da despesa da rede.

Figura 56- Imagem da Igreja de São Benedito, na Vila de Bacuriteua-PA

Figura 57- Imagem do monumento em homenagem a São Benedito, na Vila de Bacuriteua-PA

Figura 58- Placas confeccionadas pelos moradores para conscientização da população.

Figura 59- Ação de moradores para retirada de lixo da Praia do Crispim-PA

## SUMÁRIO

**AGRADECIMENTOS**

**RESUMO**

**LISTA DE FIGURAS**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 – INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>1</b>  |
| 1.1 – O DESPERTAR PARA A PESQUISA .....  | 1         |
| 1.2 – NOS VESTÍGIOS DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DO CRISPIM<br>(breves conceitos teóricos sobre história, narrativas orais e memória) ..... | 4         |
| 1.2.1 A história e o seu papel na sociedade .....  | 4         |
| 1.2.2 Narrativas orais: a prática milenar de contar histórias.....   | 9         |
| 1.2.3 Narrar para não esquecer: uma abordagem sobre o conceito de memória .....  | 13        |
| 1.3 - ERA UMA VEZ... UMA PESQUISA<br>(procedimentos metodológicos, desafios e relatos da pesquisa de campo).....                         | 18        |
| 1.3.1 Dificuldade para encontrar registros oficiais sobre a história da comunidade.....  | 18        |
| 1.3.2 A busca por uma metodologia adequada.....  | 19        |
| 1.3.3 Primeiros contatos na visita de campo, coleta e registros fotográficos.....  | 24        |
| <b>2 – MARAPANIM, PRINCESA DO SALGADO.....</b>   | <b>37</b> |
| 2.1 – “FRUTO DE BOA INTENÇÃO?”- O QUE CONTA A HISTÓRIA OFICIAL? .....  | 37        |
| 2.2 – “BORBOLETINHA DO MAR” - ORIGEM DO NOME, ESTRUTURA URBANA<br>E COTIDIANO.....   | 40        |
| 2.3 –MARAPANIM, TERRA DO CARIMBÓ! – BREVE ABORDAGEM SOBRE A CULTURA<br>MARAPANIENSE.....   | 49        |
| <b>3 – O QUE SE SABE OFICIALMENTE SOBRE A PRAIA DO CRISPIM?.....</b>   | <b>52</b> |
| 3.1 – “GARIMPANDO INFORMAÇÕES” - VEÍCULOS OFICIAIS DO MUNICÍPIO E LIVROS.....  | 52        |
| 3.2 – OS NARRADORES DO CRISPIM” – CONHECENDO UM POUCO DA<br>HISTÓRIA DA PRAIA PELOS PRIMEIROS HABITANTES DO LOCAL”.....                  | 58        |
| 3.2.1 – Por que Praia do Crispim? – Narrativas sobre a origem do nome da localidade.....   | 68        |
| 3.2.2 – As primeiras construções na beira mar – memória da terra e processo de<br>ocupação da praia .....                                | 75        |
| 3.2.3 – “A vida de quem mora aqui é assim” – Organização Social e quotidianidade<br>da comunidade.....                                   | 85        |
| 3.2.4 – “Nosso receio é que tudo isso se acabe” – Narrativas orais por um viés ecológico<br>da memória.....                              | 93        |
| <b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>97</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   |           |
| <b>APÊNDICE</b> .....  |           |

## 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 – O despertar para a pesquisa

Durante a minha estadia na graduação, no curso de Letras – Língua Portuguesa, tive o privilégio de ter como orientadora a Professora Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Reis Rodrigues - (UFPA), e conhecer suas pesquisas voltadas às línguas indígenas. Por intermédio dela, tive a oportunidade de conhecer, também, os estudos toponímicos, através do trabalho da professora Dr. <sup>a</sup> Karylleila Santos Andrade, professora da Universidade Federal do Tocantins - (UFT). Ambas as temáticas foram as motivadoras no meu primeiro contato com a pesquisa, que surgiu do interesse nessas duas áreas: Estudos Toponímicos e Línguas Indígenas.

Meu trabalho de conclusão de curso, tornou-se fruto do interesse por essas duas áreas que citei anteriormente, tendo como título: “Uma pesquisa toponímica: os topônimos de origem tupi das localidades rurais do município de Capitão Poço/PA”. Para entendermos sobre os estudos toponímicos, faz-se necessário uma breve abordagem acerca do conceito.

A Toponímia é uma ciência pertencente à linguística, mas especificamente ao sub-ramo da Onomástica. Resumidamente, a Onomástica volta-se ao estudo dos nomes próprios, tanto de pessoas (denominados de antropônimos), quanto de lugares (que são chamados de topônimos).

A origem da palavra Toponímia vem do grego “topos” que significa “lugar”, e “onoma” tem por sua tradução “nome”, sendo assim, Toponímia estuda o nome dos lugares e denominações geográficas. As especificidades do estudo dos topônimos, são sobretudo a busca pela etimologia da palavra. (ANDRADE, 2010, p.114). À nível de informação, os estudos toponímicos no Brasil, iniciaram sob uma perspectiva etimológica no idioma indígena tupi, tendo como um dos estudiosos Levy Cardoso (1990), com a toponímica brasílica amazônica.

O estudo etimológico, apesar de dedicar-se à compreensão do significado da palavra, afirma Perissé (2020, p. 3): é também, considerado um dos melhores mecanismos, do qual, detemos para investigar, mapear e explicar as relações que envolvem a palavra. Uma vez que, por meio das palavras, [...] “passamos a ter a percepção ‘do que somos e pensamos, assim como do que os outros pensam e são’ [...]”. A etimologia, proporciona entendermos a realidade que nos reveste, e nos ensinam e colaboram na definição da nossa identidade.

Os fatos e conceitos citados acima, justificam o interesse pelo tema abordado nesta pesquisa de mestrado, pois no ano de 2012 fiz minha primeira viagem à Praia do Crispim-PA, e em determinado momento, o primeiro questionamento que fiz a um morador da comunidade, foi exatamente sobre a origem da denominação do local. Sem hesitar, o morador contou-me que pouco sabia sobre a história do nome, mas que já havia escutado que o nome da praia, era uma homenagem a um homem que morou na praia por muitos anos com sua família, e que alegam os mais velhos, ter sido o primeiro a fazer residência na região.

Desde então, passaram-se os anos e comecei a visitar a comunidade com mais frequência, e sempre que podia registrava imagens que me chamavam a atenção e fazia anotações das mudanças que ocorriam no ambiente, bem como, na vida da comunidade. A finalidade dos registros é por conta do “instinto” de pesquisadora, eu costumo me referir assim, porque em tudo vejo a oportunidade de levantar questionamentos. E foi em uma dessas viagens que conheci algumas pessoas que residem na comunidade do Crispim e que considero importantes personalidades do local, que serão apresentadas no decorrer dos capítulos.

A primeira pessoa que conheci, foi o senhor chamado Jorge Pinto, mais conhecido pelos demais moradores como “velho Jorge”. Seu Jorge, morava na praia, literalmente, em uma área mais isolada da comunidade, destinada aos pescadores. Ele vivia da pesca e demonstrava bastante conhecimento sobre a praia e comunidade, também descobri que ele era considerado um dos moradores mais antigos da região.

Por intermédio dele, após uma visita em sua casa, tive a oportunidade de conhecer a senhora Marcelina Pinto, sua esposa, que compartilhava com ele não somente a vida a dois, mas as práticas e vivências da quotidianidade dos pescadores. E foi após, incontáveis conversas, com os dois, que me despertou o interesse em perguntar sobre o que eles sabiam da história da Praia, bem como, de ouvir suas narrativas e vivências na comunidade.

Quando surgiu a oportunidade, no ano de 2021, de submeter ao PPGCOM-(UFPA) um projeto de pesquisa, para o processo seletivo de mestrado, prontamente, pensei em pesquisar sobre as narrativas do seu Jorge sobre a comunidade, e assim, investigar sobre a origem do nome da praia “Crispim” - uma vez que, meu interesse pela etimologia dos nomes de lugares, tinha sido aguçado ao saber que era uma homenagem ao primeiro habitante da praia - bem como, descrever sobre os saberes locais e memórias da comunidade.

Ao iniciar uma breve investigação para a elaboração do projeto de pesquisa, descobri que não há registros oficiais sobre a história da comunidade do Crispim, o que despertou-me ainda mais, interesse em investigar possíveis vestígios dessa história. Afinal, a comunidade é uma das mais relevantes na região Nordeste do Estado do Pará (denominada de região do Salgado), por estar inserida em uma Reserva Extrativista Ambiental, pela prática pesqueira, por sua cultura e pela demanda turística.

É necessário para o estudo dos nomes de lugares, atentar-se não somente à etimologia, mas também, aos fatores linguísticos e extralinguísticos, como: os aspectos antropolinguísticos, geo-históricos, culturais e socioeconômicos. Desta forma, ao desvendar o sentido de um determinado designativo, é possível que se descubra sobre outros fatores importantes, como por exemplo, a relação entre o indivíduo e a comunidade em que ele habita, bem como, sobre sua etnia, sua língua e cultura. Sendo assim, a ausência de fontes históricas oficiais sobre a comunidade da Praia do Crispim, me impediu de dar continuidade à pesquisa numa perspectiva dos estudos etimológicos dos nomes de lugares.

Após ingressar no programa de mestrado, pude ouvir e analisar sobre o que eu poderia aprimorar na pesquisa, uma vez que a proposta inicial seria inviável, pela ausência de fontes oficiais históricas. No decorrer das disciplinas do curso, pude trazer ao foco da pesquisa não somente a investigação etimológica do nome do lugar, mas a busca pela compreensão da história da comunidade através das narrativas orais.

Para a coleta das narrativas orais sobre a história da comunidade, fez-se necessária a escolha criteriosa de alguns atores sociais, e não poderiam ser pessoas aleatórias, mas aquelas que fossem vistas pela comunidade como referências para ajudar a contar a história. Ao realizar a busca pelos narradores, culminou-se com unanimidade, no nome de seis pessoas: Jorge Pinto, Marcelina Pinto, Amado Negrão, Lourival Nunes, Amâncio Lopes e Francisco Mendes, ambos são também, os moradores mais antigos da comunidade, cada um carrega sua bagagem emocional, são providos de memórias, práticas e saberes sobre a região praiana, além de possuírem uma forte relação com o local que habitam.

Portanto, a pesquisa teve como objetivo, buscar nas narrativas orais, a compreensão sobre a história da praia, para que se possa entender como a comunidade do Crispim-PA surgiu, bem como, aconteceram as mudanças no ambiente e na vida social da comunidade ao longo do tempo.

Antes de iniciarmos os relatos sobre a pesquisa de campo e a busca pelas narrativas que possam contribuir com o entendimento da história da comunidade, abordaremos no próximo capítulo, algumas sínteses teóricas que versam sobre: história, narrativas orais e memórias.

## **1.2 – Nos vestígios da história da comunidade do Crispim (breves conceitos teóricos sobre história, memória e narrativas orais)**

### 1.2.1– A história e o seu papel na sociedade

Para iniciarmos a busca pelos vestígios da história da comunidade da praia do Crispim, através das narrativas orais, faz-se necessário abordar alguns conceitos acerca da história na sociedade e o papel do historiador, como forma de compreendermos a importância do seu resgate e registro, bem como, a sua finalidade de se reconectar com o passado. Não cabe a este trabalho realizar uma abordagem densa e reflexiva sobre os conceitos da ciência histórica, uma vez que, esta tarefa não é fácil, sobretudo para quem não é da área, mas nos compete aqui, localizar o exercício da história na contribuição do desenvolvimento da pesquisa.

Em síntese, a História é considerada uma ciência humana, que detém seus estudos voltados ao desdobramento do homem no tempo. Portanto, é ela quem analisa o desenvolvimento histórico, os fatos e personagens, na intenção de compreender um determinado período do tempo, assim como uma cultura ou civilização. De acordo com Novo et al. (2019), a história apresenta como um de seus objetivos, o resgate dos aspectos culturais de uma determinada região ou população, na busca pela compreensão do processo de desenvolvimento, pois o passado também é importante para o entendimento do presente. Segundo Le Goff, Jacques (1924):

Desde o seu nascimento nas sociedades ocidentais – nascimento tradicionalmente situado na Antiguidade grega (Heródoto, no século V. a.C., seria, senão o primeiro historiador, pelo menos o "pai da história"), a ciência histórica se define em relação a uma realidade que não é nem construída nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se "indaga", se "testemunha". Tal é o significado do termo grego e da sua raiz indo-europeia *wid-*, *weid-* "ver". Assim, à história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer "Eu vi, senti". Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. LE GOFF, JACQUES, 1924, p. 5)



Para entender onde a história se faz presente em uma pesquisa sobre narrativas orais, é indispensável que leve em consideração os estudos historiográficos, que nada mais são, do que a história da história, ou seja, a sua trajetória ao longo do tempo, a sua evolução e suas concepções, assim como, os momentos filosóficos, autores e pensamentos predominantes em cada fase.

Dentro da perspectiva das análises, das denominadas concepções historiográficas, é relevante entendermos sobre os conceitos de lenda, mito e fato. A princípio é importante, inicialmente, fazermos uma distinção a respeito dos três conceitos.

A lenda deve ser compreendida como algo que não tem uma factualidade, ela não parte de uma realidade concreta, ou de um fenômeno que realmente ocorreu. Nesse sentido, a lenda é considerada uma construção literária, podendo até, ter por inspiração, algum fato, mas o seu desenvolvimento e detalhes não apresentam situações concretas.

No entanto, a lenda, difere do mito, que por sua vez, é algo que nasce da realidade. As pinturas rupestres<sup>1</sup>, por exemplo, foram estudadas e analisadas por psicólogos, arqueólogos e incontáveis estudiosos na intenção de analisar a psicologia e os modos de vida do homem primitivo. A base do surgimento do mito, é o pensamento mítico, pois este nasce do embate do homem com a realidade. Contudo, o mito não é o fato, ou seja, tal como ocorreu.

O fato, porém, já é considerado o acontecimento, e este é o objeto de pesquisa do historiador, pois é nele que se ancoram os estudos para o entendimento a respeito de um determinado acontecimento, em um dado momento histórico. Portanto, essa diferenciação é importante como perfil de análise, porque ainda hoje, os historiadores se utilizam das lendas, mitos e fatos, para tentar extrair alguma interpretação, no que se refere a um determinado momento da nossa humanidade.

Outra abordagem relevante sobre a historiografia, é a teoria das concepções, pois é esse o principal percurso da ciência histórica ao longo do tempo. Estas concepções denominam-se: Grega, Providencialista, Positivista, Marxista e História Nova, e ambas serão abordadas aqui de forma sucinta.

---

<sup>1</sup> **Pinturas Rupestres** é o termo utilizado por estudiosos da Pré-História para se referir à produção artística realizada pelos primeiros seres humanos durante o Período Paleolítico Superior. São pinturas e gravuras feitas em pedras e paredes das cavernas representando imagens que compunham o cotidiano vivido por eles. Apesar de não haver precisão acerca do tempo em que essa produção artística foi feita, os estudiosos acreditam que se deu por volta de 40 mil a.C.

Nos atentemos aos conceitos em ordem cronológica, a começar pela Concepção historiográfica Grega, uma vez que esta, se fundamenta no limite entre o mito e fato. Como já mencionado anteriormente, na citação de Le Goff e Jacques (1924), no período da Grécia Antiga existiram dois importantes estudiosos da história, Heródoto e Tucídes, estes por muito tempo defendiam a tese de que a história era cíclica, por acreditarem que determinados fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos poderiam repetir-se, tal qual um processo pedagógico. Na época, os historiadores não detinham-se em distinguir o que seria mito, lenda ou fatos heroicos, a única preocupação dos estudiosos eram as anotações sobre as informações que aconteciam.

A segunda concepção, a Providencialista, estava ligada diretamente ao conceito de providência divina, ou seja, todo acontecimento no mundo era intencionalmente orquestrado pela vontade de Deus. O teólogo e filósofo que influenciou o pensamento providencialista, foi Santo Agostinho de Hipona. Vejamos no trecho abaixo, o que definem os autores sobre o teólogo:

Agostinho se propõe compreender o sentido da criação na sua dimensão histórica, isto é, na medida em que é dado entender ao ser humano que tudo quanto foi feito, foi feito pelo Verbo. Este fato garante o sentido de toda forma e a possibilidade de tal sentido ser decodificado pelo ser humano, fazendo-o descobrir que toda a criação é, afinal, uma dádiva divina ao ser humano, para que este, à semelhança do que realiza o Verbo no interior da Trindade, oriente de novo a realidade criada ao seu Criador (OLIVEIRA E SILVA, 2012, p.285-286).

Posterior a Concepção Providencialista, surge a Concepção Positivista historiográfica, marcada pela descrença do homem do século XIX. Contrapondo a concepção anterior, esta, põe em dúvida a fé, e busca um conhecimento para além da razão, busca a ciência. O homem da era positivista, pauta-se nos pensamentos de Auguste Comte, o fundador do positivismo. Segundo o autor Bergo (1983, p.53), a corrente positivista se instaurou no momento em que a burguesia se estabeleceu como classe dominante, e assumiu, então, o poder econômico e político da sociedade francesa, por meio da Revolução.

Foi a partir dessa concepção que a história passou a ser de fato, considerada uma profissão, assim como iniciou a era da comprovação de fatos mediante a ciência, e por meio de um processo natural. Nesse sentido, para o positivismo de Comte, a realidade social constituía-se pelas leis que aparentavam-se às leis naturais, ou seja, as leis da natureza, uma vez que, estas, são definidas como invariáveis e imutáveis,

proporcionando ao ser humano somente conhecê-la, porém jamais modificá-la.

O positivismo defendia a ideia de que, somente o documento escrito, oficial e institucional serviria como repositório da verdade. Como podemos observar quando os autores Langlois & Seignobos (1898, p. 2) afirmam que um dos aspectos que constitui o alicerce da profissão do historiador e a base da ciência histórica, é a teoria de que: "Não há história sem documento".

A próxima corrente histórica a surgir, e que coloca-se em oposição ao pensamento defendido por Comte, é a Concepção Marxista. Esta, parte da premissa de que, no positivismo, a realidade social não é fruto de um processo que acontece pela lei natural, mas um de processo de exploração do homem, pelo próprio homem. O materialismo histórico, tem como seu precursor Karl Marx, e este defendeu a tese de que a realidade social, também é constituída por leis, no entanto, essas leis são sociais e históricas, e foram elaboradas por homens ao longo de sua história e são passíveis de modificações, por eles. De acordo com Russi (2017):

Independentemente de como essa abordagem é caracterizada, se de vertente teórico-filosófica, teoria econômica, método científico, etc., o seu mérito principal é ser a instauradora de uma forma totalmente nova de análise e compreensão da realidade, voltada aos interesses da classe trabalhadora e da revolução socialista. (RUSSI, 2017, p. 267-268)

A história proposta por Karl Marx é pautada no viés dos excluídos, não somente da elite. O historiador na concepção marxista, é considerado um revolucionário, e defende a ideia de que é necessário, fazer a história do proletariado, tornando-os protagonistas da sua própria história. Portanto, Marx se opunha ao pensamento positivista que tinha como base, a história pela óptica da burguesia.

Outro momento importante da historiografia surgiu a partir da era da História Nova, esta vertente não se opõe a nenhuma outra concepção, mas ela se propõe a entender que tudo é história. Esse novo conceito de história, localiza-se no tempo, entre o final do século XIX e início do século XX. A história Nova, surgiu a partir da revista denominada de "Escola de Anales", fundada em 1929, tendo como seus pioneiros os estudiosos Marc Bloch (1886-1944) e Lucian Febvre (1878-1956), como menciona Rocha (2010), no trecho a seguir:

Com a fundação, em 1929, da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, esses historiadores teriam inaugurado uma nova forma de se produzir conhecimento histórico. A iniciativa da revista *Annales* representaria um marco, uma mudança de paradigma no interior da disciplina histórica; a implementação

de uma escola fundada no estudo da história social e econômica, em contraposição à “história tradicional” que estabeleceria suas bases na história política. (ROCHA, 2010, p.11)

Para Marc Bloch (1993) qualquer pessoa é capaz de produzir história, a partir do momento em que age sobre a realidade, não só factual, mas psicológica, dos processos e problemas humanos. Nesse momento da História Nova, o que era fonte escrita, exclusivamente para a concepção positivista, passa a ser fonte oral, podendo ainda, ser um monumento, um objeto, qualquer coisa escrita, que possibilite a análise de um fenômeno histórico. Marc Bloch considera que [...] “a diversidade dos testemunhos históricos, é quase que infinita. Tudo o que diz o homem, ou escreve, tudo o que ele fabrica, tudo que toca, pode e deve informar-nos sobre ele.” (BLOCH, 1941-42, P.63)

Portanto, esta nova concepção, a da História Nova, passa a despertar inúmeras possibilidades, bem como se comunica com as mais diversas ciências, numa interdisciplinaridade de um prisma infinito de análise. E essa nova abordagem proposta pelo estudo da história, trouxe influências que perpetuam até os dias atuais.

A história tem por objeto fundamental de análise, o passado. Porém, esse passado é buscado e rebuscado, dialeticamente analisado em função das demandas do presente, ou seja, dos problemas que se apresentam no presente, no contexto social, cultural, político, econômico ou psicológico de massa. Nesse sentido, é preciso que se compreenda que a história ao longo do tempo ela vem desenvolvendo uma teia de fatos e desdobramentos, e estas análises cabem ao historiador propriamente dito. Como destaca Hobsbawn (1994):

“A história não corresponde exatamente ao que foi realmente conservado na memória popular, mas aquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo. Os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem, não só, ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública na qual o homem atua como ser político.” (HOBSBAWN, RANGER, 1984)

Esta breve abordagem, acerca da historiografia, nos permite compreender a importância do percurso histórico, para o desenvolvimento de pesquisas sobre narrativas orais. Vale ressaltar que o interesse por investigar as narrativas orais, para compreender a história da comunidade do Crispim-PA, surgiu pela ausência de registros oficiais que dessem conta da história do lugar.

Deste modo, Sousa (2017, p.6) afirma que, assim como exerce o historiador em seu ofício; aquele que narra (o narrador) não relata somente o passado da maneira exata tal como aconteceu, porém, elenca dele uma interpretação, organizada pelo viés das crenças, ideias e valores que norteiam o tempo presente.

Sendo assim, narrar o que foi vivido nos permite enquanto seres humanos, compreendermos nosso lugar no mundo, bem como construirmos a historicidade, tornando-nos sujeitos da história. Pois, para Le Goff & Jacques (1924) o historiador, como analisou Certeau (1990), não tem acesso ao passado, mas sim, aos resquícios dele, uma vez que a ele chegaram. Desse modo, também acontece com o narrador, porque este, não possui mais que os sobras de suas experiências passadas, tal como sua memória as guardou.

#### 1.2.2– Narrativas orais: a prática milenar de contar histórias.

Antes de iniciarmos este subcapítulo sobre as narrativas orais e o seu papel na sociedade, faz-se necessário respondermos sobre a pergunta mais recorrente, a quem pretende realizar pesquisas com o conceito de memória, comunidade e identidade: O que é a história oral?

Nesse sentido, contaremos com as contribuições dos estudos de Meihy (2000, p.33), sobre a história oral. O autor afirma que a história oral é um mecanismo moderno instituído após a segunda guerra mundial, juntamente com a expansão da tecnologia, dos gravadores e das máquinas em geral. E foi nessa época que a história oral se tornou um mecanismo utilizado para validar algumas experiências, que quase sempre, não estão registradas em documentos escritos, porém, quando registradas apresentam uma outra dimensão ou mensagem, em sua maioria com valor subjetivo.

A história oral, portanto, passa a ser um tipo de narrativa onde, particularmente, a entrevista gravada ou filmada passa a ter uma finalidade de registro em cima de uma matéria, um suporte material que permite uma reflexão, que quase sempre varia das possibilidades da documentação escrita. Existem alguns gêneros de história oral, e dentre estes, destacamos aqui as suas quatro principais ramificações: a história oral de vida, a história temática, a tradição oral e a história oral testemunhal.

O conceito de história oral de vida, define-se como aquela que recompõe a narrativa a partir da trajetória existencial de um indivíduo. Já a história oral temática é aquela

onde se apresenta um tema central e as entrevistas encaminham-se em desenvolvimento deste tema. Por sua vez, a tradição oral é a prática que procede dos contatos com os grupos, onde as tradições que superam o espaço biográfico e suas míticas (receitas culinárias, medicinais, cantigas, etc.) acabam por levar uma memória caracterizada por uma certa antiguidade. E por fim, temos a história oral testemunhal que mistura traços da biografia pessoal com a existência de um problema modal, traumático ou mais evidente.

É importante que se leve consideração que cada um desses segmentos da história oral, tem um procedimento correlato, por exemplo, temos as chamadas entrevistas abertas, as entrevistas roteirizadas, e ainda, em outro caso, a combinação das duas propostas com ênfase no problema trágico que direciona a questão do testemunho. No entanto, nas tradições orais o procedimento se detém a questão das observações e do convívio.

Um dos debates acerca da história oral, diz respeito quanto ao seu pertencimento. Deste modo, surgiram ao longo do tempo algumas indagações: quem faz a história oral? a quem ela pertence? Com base nessas perguntas, pode-se afirmar, segundo Meihy (2000, p.98) que o meio acadêmico apresenta um tratamento específico, que visa uma apropriação teórica e fundamentada, o que acaba, por sua vez, tornando a prática da história oral até exclusiva aos muros das universidades. No entanto, a tendência geral é que uma apropriação desses recursos aconteça, por parte de alguns grupos, seja por famílias, clubes esportivos, por sindicatos, instituições e entre outros.

Sendo assim, há uma necessidade explícita da produção de autoconhecimento, o que possibilita delimitar a história oral dentro de um espaço ainda mais amplo. O que vem abrangendo bastante os territórios brasileiros no momento, é a denominada história pública, ou seja, uma história que transita por diferentes segmentos, não somente no meio acadêmico, mas que também apresenta uma acolhida por diferentes públicos.

Como já abordado no subcapítulo anterior, a respeito do ofício do historiador, neste explanaremos acerca do papel do narrador, bem como, os conceitos que envolvem o ato de narrar. E sobre a diferença no trato com a oralidade, vejamos o que diz o autor no trecho abaixo:

Diferente do historiador, que lida com algo estranho a ele e cujo trabalho pressupõe observação metodológica e comprovação (fontes) do que é observado, produzindo, assim, uma interpretação dedutiva, o narrador lida com

matéria da qual é íntimo, cujo estranhamento é impossível, e produz seu relato sob a égide de sentimentalidades e simbolismos, elaborando uma “reescrita” mais próxima da metáfora que da dedução. (SOUZA, 2017, p. 06)

A necessidade em narrar acontecimentos históricos, vivências ou causos se tornou uma prática milenar desde o princípio da civilização. Nós, enquanto humanidade já tivemos inúmeras narrativas, circulando a partir da sua documentação escrita, embora a maioria das histórias que sabemos tenha sido, na maioria das vezes, fundamentada na tradição oral.

As narrativas orais nos permitem uma imersão na história, possibilitando reflexões para a compreensão do papel crucial que ela desempenha na democratização do conhecimento. Do mesmo modo, que [...] “nos dá acesso a experiências que de outra forma não alcançaríamos, elas desvelam, o processo próprio da narrativa dando a possibilidade de formular problemáticas importantes para a compreensão do homem e sua relação com o tempo”. (SOUZA, 2010, p. 120).

No campo da oralidade, é de suma importância estabelecer a diferença entre os dois tipos de narrativa: a ficcional e a oral. A primeira, é executada, ou seja, ela não apresenta a intenção de se comprometer com a veracidade sobre o mundo real. Por sua vez, a narrativa oral, surge da representação da realidade, comprometendo-se, portanto, em expor somente o que se considera verdade.

Uma questão importante a ser abordada é a da narrativa de identidade, uma teoria proposta por Paul Ricoeur (1994), que consiste no ato de contar histórias sobre nós mesmos, tais como, de onde viemos, como somos, para onde vamos e qual o significado disso na nossa vida. Assim como as histórias de ficção, nós geralmente contamos a história narrativa (narrativa identidade), usando por exemplo, os heróis que nos ajudaram ou os vilões que nos atrapalharam, bem como, os acontecimentos que deram linha ao nosso enredo, os desafios que tivemos que superar, ou até mesmo aquele sofrimento que foi necessário aguentar nessa história.

Geralmente, quando contamos a nossa história, ou seja, a nossa identidade narrativa, sempre buscamos elencar os acontecimentos mais relevantes da nossa vida, sejam eles bons ou ruins. São acontecimentos, que acreditamos serem os responsáveis por moldar quem somos, e que tiveram um grande impacto na nossa vida, tanto de forma positiva, quanto negativa. O mais intrigante de tudo isso, é que, embora hipoteticamente, duas ou mais pessoas tenham vivido a mesma situação, provavelmente



essas pessoas irão interpretar a situação de maneiras diferentes, de certa forma baseadas nas suas próprias identidades narrativas.

Deste modo, isso significa dizer que, conforme as pessoas contam suas histórias de vida, ou fatos específicos que norteiam as suas vidas, elas irão elaborando e dando sentido a essa história, ou seja, contar a história da nossa vida é uma forma de dar sentido a ela.

Nesse sentido, é válido destacar a afirmativa de Paul Ricoeur (1990, p.72) de que as narrativas apresentam um poder transformador na identidade de um sujeito, e conseqüentemente da cultura em que habita. O autor define ainda que uma narrativa ao ser elaborada, ela não surge de forma aleatória, porém da própria ação daquele que narra sua história ou a de outros. Sendo assim, o ato de narrar, uma história de vida, diz respeito as ações dos homens. Vejamos a citação abaixo:

É no processo de escuta ou de acompanhamento de uma composição narrativa que acontece o que Paul Ricoeur chama de refiguração. O sujeito, constituído ao mesmo tempo como leitor ou escritor de sua própria história ou da história de outros, ao se apropriar de uma composição narrativa, é capaz de encontrar, nas ações que foram articuladas e ordenadas com certa inteligibilidade e de forma dinâmica, as possibilidades de redescrever sua ação no mundo. (RICOEUR, 2010, p.280 apud SILVA, NAHUR, 2020, P.55)

Benjamin (1994), ao abordar sobre o narrador, faz várias considerações que nos permite refletir acerca da importância da forma mais antiga da expressão popular, o ato de narrar. Na concepção do autor, o ato de narrar é como um intercâmbio de experiências, é como tecer um fio que se alimenta constantemente nos fios da memória, trançando uma rede construída com o tempo, tal qual, como em um trabalho manual. Ou seja, Benjamin, considera o ato de narrar como uma experiência acumulada ao longo das vivências, e que tem como matéria prima o que se pode extrair da tradição oral, bem como, considera o ato de narrar também, como uma forma artesanal de comunicação.

O objetivo destes apontamentos é destacar a relevância da oralidade como processo de inclusão entre o ontem e o hoje, bem como, refletir sobre as narrativas orais nas relações sociais e humanas e a sua importância na construção de saberes e troca de experiências e na preservação das memórias de pessoas que são membros de uma comunidade. Portanto, o papel das narrativas orais é traçar o caminho da construção do lugar, das experiências e das vivências, pois cada história acaba por refletir uma experiência pessoal, assim como abraça, também, as experiências da comunidade onde vivem aqueles que relatam suas histórias.

### 1.2.3– Narrar para não esquecer: uma abordagem sobre o conceito de memória

Esta pesquisa surgiu com a finalidade de buscar, por meio das narrativas orais, compreender sobre a história da comunidade da Praia do Crispim-PA, uma vez que, a comunidade não possui registros em documentos oficiais que versem sobre a sua história. Nesse sentido, nos propusemos coletar as narrativas orais, sobretudo, por um viés do que define o autor Muniz Sodré, no capítulo 5 da sua obra intitulada *O Terreiro e a Cidade*, como atitude ecológica.

Para entendermos sobre o conceito abordado por Sodré (2019) é necessário que se compreenda qual a relação dos atores sociais escolhidos com a comunidade em questão. Sendo assim, podemos destacar que grande parte dos povos da Amazônia vivem em constante relação com o espaço em que vivem, pois, a cultura de extrair da natureza seu sustento e de tentar preservá-la ao máximo são práticas de sobrevivência que ultrapassam gerações.

Portanto, os saberes e as memórias, presentes em comunidades como a do Crispim, se tornam relevantes para pesquisas acadêmicas, pois estes povos, além de herdarem a tradição cultural de seus antepassados, conhecem a prática e os mistérios da natureza, ainda que esta, venha sofrendo com a constante ação do homem, seja em seu espaço físico, social ou cultural.

Sodré (2019, p.167) define a atitude ecológica, não somente, como a relação que o indivíduo possui com o meio ambiente, e ressalta que nada tem a ver com o discurso do preservacionismo, mas com o agir de maneira respeitosa com a natureza, exaltando-a até mesmo, como uma figura divina. Entende-se que a definição deste conceito, tenta explicar a relação do homem com a natureza, não como uma necessidade de subsistência, onde se busca apenas o que se precisa para sobreviver, mas uma relação de coexistência.

Os atores sociais escolhidos para contar suas narrativas sobre a comunidade possuem uma conexão afetiva com o local e carregam memórias importantes para a compreensão da história da Praia do Crispim, além de serem considerados os habitantes mais antigos da região, são referências para os demais moradores, quando o assunto é narrar sobre a história da comunidade. A escolha destes atores sociais, surgiu por conta de suas experiências e vivências na localidade, pois de acordo com Walter Benjamin (1994) somente quem viveu diversas experiências tem o que contar.

Partindo desse pressuposto, podemos perceber as memórias como algo que foi vivido, e, portanto, continua vivo derivando da sinergia das atividades do cotidiano, proporcionando aos membros da comunidade a oportunidade de se perceberem como narradores e nutridores das memórias coletivas da localidade. São nos vestígios do pensamento de Zumthor (1993) que este trabalho considera as narrativas orais contadas pelos fundadores e demais moradores da comunidade da Praia do Crispim, como narrativas que nascem da memória.

Acerca das definições abordadas podemos discutir, ainda, o conceito de narrativa como forma de organização da experiência humana, pela qual se pode estudar o convívio social, uma vez que o ato de contar histórias é uma prática social, e tal prática mostra uma possibilidade aceitável de se incorporar nos costumes da comunidade, características diversas daquelas em que se originaram, e assim, permitir a continuidade com a tradição.

E nesse contexto, destacamos, sobretudo, o papel essencial da comunicação na compreensão da identidade cultural, das tradições, na conscientização sobre a importância da preservação e combate a degradação ambiental, bem como, contribui na democratização do conhecimento, das práticas e saberes dos moradores da comunidade, por exemplo. Com base nas definições de Vera França (2008, p.75) os conceitos de cultura e comunicação não são fenômenos independentes e distintos, pois, estão conectados no mesmo fenômeno das relações sociais. Sendo assim, a ação de comunicar-se faz apelo à cultura não como conteúdo a ser simplesmente transmitido, mas, como algo que se produz, se reproduz e se recria.

Deste modo, considera-se que a cultura é compreendida como um fenômeno em constante atualização e re/construção, a partir de processos memorialísticos. Refletindo a memória à luz da comunicação, é possível compreender a organização social, a partir de um processo relacional e interacional constante.

Portanto, define-se a memória como um processo essencial para a compreensão do fazer organizacional da contemporaneidade, logo, a memória faz parte da realidade e não se pode negligenciá-la e nem resumi-la somente enquanto um produto histórico e arquivista. Do mesmo modo, que a cultura não é descritiva a comunicação não é transmissiva, a memória não é linear, nem tampouco se restringe ao passado. A problematização e reflexão acerca da articulação desses conceitos re/constitui a rede que tece a organização e suas

relações.

Como já mencionado no subcapítulo anterior, a história é a análise crítica do passado ou o estudo do presente, a partir do passado. A história é uma reconstrução do passado que deve ser feita de forma crítica, com respaldo teórico e metodológico, além de passar pelo escrutínio de outros acadêmicos da área.

A memória, por sua vez, é um compartilhamento de lembranças e discursos acerca do passado, uma memória compartilhada, um olhar para o passado ancorado nos interesses e visões de mundo do presente, sem muito senso crítico e sem método; é um tipo de fonte que a história usa, mas não é a história em si. Portanto, na academia entende-se por memória, em linhas gerais, que trata-se de um conjunto de elementos, ou seja, os acontecimentos vividos pessoalmente e que fazem parte de nós por um passado do qual queremos que seja o único e verdadeiro.

Há alguns fatores a se considerar sobre as memórias, diz respeito aos eventos do passado, vividos ou valorizados. São aqueles, em que certos grupos costumam defender memórias que a história já desconstruiu através de pesquisa e crítica, por considerarem que estas sejam únicas e reais. A exemplo, os militares que se beneficiaram da ditadura, e que por isso, ainda costumam defender suas memórias.

Outro fator é o dos eventos vividos em um lugar comum, e aqui destacamos ainda, a diferença entre os conceitos: lembrança e memória. A lembrança é algo que, mesmo que seja compartilhada com os outros, ela é individual e sobre o que você viveu. Já a memória, segundo Halbwachs (2013, p. 30) pode ser sobre algo que você não viveu, porém identifica-se, porque ela é coletiva ou compartilhada por um grupo do qual você faz parte.

A lembrança requer uma comunidade afetiva, que se constitui mediante o convívio social que os sujeitos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais. A lembrança individual, é baseada nas lembranças dos grupos que estes indivíduos estiveram inseridos. Sendo assim, a constituição da memória do indivíduo acontece pela combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele pertence e, portanto, recebe influências, seja de uma igreja, associação, família, grupo de pescadores, etc. Por essa concepção, entende-se que o indivíduo contribui e participa com a memória individual e a coletiva.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2013) defendeu a teoria de uma categoria denominada “memória coletiva”, esta define que o fenômeno referente a localização das lembranças e a recordação, só pode ser analisado caso não se considere os contextos sociais

que exercem fundamentalmente a base para a tarefa de reconstrução da memória. Deste modo, é intermédio da categoria “memória coletiva”, proposta por ele, que a memória passa a não ter somente uma proporção individual, uma vez que as memórias de um indivíduo não são apenas suas, do mesmo modo que nenhuma lembrança existe de forma isolada de um determinado grupo social.

Na concepção do autor, a memória é um processo de reconstrução, que deve ser estudada a partir dos seguintes aspectos: considera-se que a memória não se trata de repetição de acontecimentos e vivências que se realizam de forma linear, em contrapartida se diferencia das vivências e acontecimentos que podem ser rememorados e localizados num espaço e tempo determinados e envolvidos em um grupo de relações sociais. Vejamos:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p.39)

Os resultados de uma pesquisa histórica sólida, não mudam apenas porque um grupo não concorda com seus resultados. Em compensação, a memória está sempre vulnerável às mudanças culturais e políticas do presente, esta é um constante olhar do presente em direção ao passado, que é seletivo e condicionado por grupos que disputam a memória.

Em todas as sociedades há disputa de memórias que são antagônicas ou mesmo divergentes, e por serem vulneráveis ao presente, a mudança sobre o passado, também muda, dependendo de quem tem o poder da narrativa, ou seja, naquele momento, quem tem mais condição e mais poder em transmitir, é quem consegue passar adiante uma narrativa.

O ponto crucial do conceito de memória, é a noção de quadro social, onde as nossas memórias individuais estão perpetuamente marcadas socialmente, ou seja, o que nos lembramos é conectado com a sociedade, na qual fazemos parte, deste modo, os marcos sociais nos rodeiam. E esses marcos sociais carregam representações da sociedade, as necessidades, os valores e a moral da sociedade que vivemos. E para o sociólogo Maurice Halbwachs, isso significa que, nós só podemos lembrar de algo quando for possível recuperar a posição dos acontecimentos passados e os marcos da memória coletiva, o que implica no social, mesmo nos momentos mais individuais.

A cerca do conceito de “memória coletiva”, identificamos após diversas leituras que o termo desagrade uma parte dos acadêmicos, uma vez que, essa definição transmite uma

impressão de algo que está acima dos indivíduos, ou seja, separada desses sujeitos. E por conta disso, há quem prefira a denominação “memória compartilhada”, por serem compartilhadas sobrepostas, fruto de interações sociais múltiplas que acontecem dentro de marcas sociais e relações de poder.

Um dos motivos pelo qual deve-se ter atenção ao uso dos conceitos, é porque a memória não é um conjunto de dados que nós recebemos passivamente de forma totalmente objetiva ou somente como mera informação. E mais importante do que coletar dados da memória, é analisar os processos de construção da memória. Isso implica em observar e analisar que são os atores sociais distintos que fazem parte de uma certa memória.

Poder lembrar do próprio passado é o que sustenta a identidade, pois existe uma relação de constituição mútua, logo as memórias e identidades não são objetos materiais que encontramos ou perdemos. Estas, são situações sobre as quais pensamos, e por isso, elas não existem fora da nossa política, das relações sociais e das nossas histórias. É na constituição dessa memória coletiva ou compartilhada tão importante quanto as lembranças, que deve-se também, considerar os esquecimentos e o silêncio.

Toda narrativa do passado é uma seleção, a memória é seletiva, pois a memória total é impossível, e isso acarreta no esquecimento necessário, orgânico, ou seja, aquilo que o indivíduo não consegue reter. Mas, também, ocasiona a existência de outros tipos de esquecimento com diferentes sentidos.

O processo de construção da memória, resulta em escolhas entre os eventos do passado, em que um certo grupo considera que devem ser lembrados. Quando essa escolha é feita, o grupo acaba ocultando e esquecendo outros. E sem esse entendimento você não consegue entender com exatidão as constituições das memórias.

E nós, na função de pesquisadores, devemos sempre levantar alguns questionamentos, dentre eles: porque querem esquecer tal evento? Quem tem interesse nesse esquecimento? Alguém sai ganhando ou perdendo? Quem? E somente a partir dessas indagações, que novas perspectivas na pesquisa podem surgir, proporcionando de forma mais abrangente o entendimento das relações de força nas disputas pela memória, bem como, dos interesses que estão em jogo.

Nesse sentido, a constituição da memória é um fenômeno histórico, onde o historiador tem que identificar os princípios dessa seleção e observar como eles variam, dependendo do lugar ou do grupo envolvido, assim como estas memórias podem mudar com o passar do

tempo. A memória tem um poder muito forte a construir identidades de grupos, ressaltando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como parte de um coletivo, muitas vezes em detrimento de quem não é visto como parte do grupo. Sobre memória, Le Goff tece as seguintes considerações:

"A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória" [Le Goff, 1972, p.461].

Em suma, a memória não necessariamente precisa do respaldo de uma pesquisa histórica minuciosa, ainda que seja sempre desejável que isso aconteça. Nesse sentido, a memória é uma das muitas fontes históricas que tem sido de grande relevância nas últimas décadas, e promete continuar sendo.

### **1.3 – Era uma vez...uma Pesquisa (procedimentos metodológicos, desafios e relatos da pesquisa de campo)**

#### **1.3.1 Dificuldade para encontrar registros oficiais sobre a história da comunidade.**

Para o andamento da pesquisa realizamos um breve levantamento bibliográfico na Biblioteca Municipal de Marapanim-PA, com a finalidade de localizar alguma bibliografia existente sobre a comunidade da Praia do Crispim. A princípio, nos foi indicado a obra em que consta sobre a história do município, um livro que tem por título: Reconstituição Histórica Cultural Mística e Chistosa de Marapanim. A referida obra é de autoria do historiador Agripino da Conceição, que por sua vez, é cidadão marapaniense. No entanto, a publicação não apresenta relatos sobre a história da comunidade.

Porém, a indicação não foi por toda descartada das contribuições da pesquisa, pois nos serviu para a compreensão do contexto histórico e cultura do município ao qual a comunidade pertence. No capítulo que versa sobre o município de Marapanim, ressaltamos a importância de entender sobre a história do município para tentar identificar alguma relação histórica, social ou cultural com a comunidade.

A fim de verificar se havia alguma produção que tivesse relação com a temática, passamos a buscar em outras fontes como, trabalhos acadêmicos, sites oficiais do município de Marapanim, inventário turístico do Estado do Pará, acervo pessoal de moradores e jornais



impressos, ou seja quaisquer dados que pudessem agregar alguma informação relevante para pesquisa. Contudo, o que encontrei sobre a comunidade, resumiam-se apenas a informativos, algo superficial como a localização, município ao qual pertence, quilometragem e características turística do local.

A partir do levantamento das informações sobre a história da comunidade, tornou-se perceptível, naquele momento, o quanto a pesquisa seria relevante, uma vez que se apresenta com a finalidade de contribuir para a compreensão da história de Crispim, por meio das narrativas orais de seus moradores. E por não termos identificado, a priori, registros na história oficial sobre a comunidade ou documentos de cunho científico a respeito, que entendemos que seria um trabalho de pesquisa minucioso a ser realizado, para investigar os vestígios desta história.

No momento da decisão de iniciar as investigações, nos demos conta de que as narrativas orais poderiam ser grandes aliadas para a busca da compreensão da história da comunidade. Pois, [...] “quando se busca informações na história e não se encontra, cabe ao escritor realizar essa investigação” (EVARISTO, 2021). Portanto, este foi o motivo que nos levou a busca por atores sociais que pudessem narrar não somente a história da praia, mas as suas experiências enquanto moradores da comunidade.

Ao todo foram ouvidos seis moradores, três deles considerados os que vivem a mais tempo na comunidade, considerados pelos demais, também, como os fundadores da mesma. Cada um com uma experiência de vida diferente e narrativas orais diversas que nos auxiliaram no entendimento da história da comunidade da Praia do Crispim-PA. Não iremos nos deter a apresentação dos atores sociais, neste momento, pois teremos mais a frente um capítulo para descrever brevemente suas histórias e narrativas sobre a temática investigada

### 1.3.2 A busca por uma metodologia adequada

Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, surgiram do cruzamento de metodologias, com o intuito de proporcionar uma compreensão mais ampla e aprofundada do objeto de pesquisa, os vestígios da história da comunidade da Praia do Crispim. Como abordagem teórica para pesquisa, nos debruçamos nos estudos dos teóricos que abordam sobre o estudo de narrativas, tais como, Motta (2013), Ricoeur (1994), Souza (2010) e Benjamin (1985). Já sobre memórias e história contamos com Le Goff (1990), Maciel (2017) e Sodré (2002).

Embora os autores acima pudessem contribuir com as teorias de história, memória e narrativas orais, se fez imprescindível a definição de uma metodologia de pesquisa. Contudo, ao passo que se encaminhava a pesquisa, nos vimos diversas vezes sem conseguir aplicar uma única metodologia, pois nos deparamos por muitas vezes com alguns fatores que interferiam na coleta de narrativas sob o viés de uma determinada metodologia, por exemplo, por conta da idade avançada de um dos atores sociais, tivemos que adaptar o processo de escuta, inserindo uma entrevista semiestruturada, para lhe direcionar acerca do que nos interessava investigar, também tivemos que realizar a entrevista junto com os filhos do ator social, por se tratar de uma pessoa debilitada fisicamente por conta da sua saúde e em decorrência da idade. Porém, com o passar do tempo e com as contribuições do orientador desta pesquisa, fomos encontrando as metodologias adequadas.

Sendo assim, nos ancoramos nos aportes teóricos acerca da metodologia da pesquisa narrativa de Motta (2013, 2017) e nos apontamentos de Jovchelovitch & Bauer (2008) sobre a entrevista narrativa, este que é considerado um método de abordagem de pesquisa qualitativa, entrevista não estruturada e de profundidade.

Em síntese, a metodologia de pesquisa narrativa de acordo com Paiva (2013, p.03) define-se como aquela consiste na coleta de histórias acerca algum tema específico, onde o pesquisador busca encontrar informações para entender um determinado fenômeno. Esta investigação o pode contar com as histórias obtidas através de diversos métodos, tais como: o registro de narrativas orais, narrativas escritas, entrevistas, diários, autobiografias e notas de campo. No caso, desta pesquisa, nosso objeto de investigação são os vestígios da história da praia do Crispim, e como método de compreensão do objeto, contamos com as narrativas orais.

É relevante frisar que o trabalho com narrativas orais, torna-se uma tarefa desafiadora, visto que, na narrativa oral o ato de contar é necessário, no entanto mostrar também exerce uma questão importante, porque o texto antes de ser transcrito, é um texto oral e com marcas próprias da oralidade, tais como as expressões faciais, os gestos e as mímicas que são características do ato de narrar.

Deve-se levar em consideração que a narrativa oral, quando se transforma em narrativa escrita, pode acabar tornando-se incoerente ou até mesmo incompreensível, porque nem sempre o escrito consegue traduzir aquilo que no oral tem um significado, os sentidos das palavras requerem conhecimento da vida cotidiana dos moradores e do lugar de onde se colhem as histórias. Portanto, manter a fidelidade e compor um outro texto é uma tarefa, no mínimo, paradoxal, o que gera uma tensão ainda maior no limite entre o oral e o escrito.

Nesse sentido, trabalhar a tradução do oral para o escrito demanda uma atenção redobrada, pois a transmissão oral utiliza-se de recursos que a escrita não consegue dar conta. Em sua obra *Tarefa do Tradutor*, Benjamin (2008, p.41) afirma que há uma essência no original que não pode ser traduzido. Deste modo, para que pudéssemos chegar a uma transcrição o mais próximo da autenticidade, nos utilizamos do recurso audiovisual, para entender e buscar garantir a preservação da essência das narrativas orais, considerando que há gêneros, a exemplo dos documentários (narrativas audiovisuais) que proporcionam uma proximidade com a realidade, bem como, por registros fotográficos e documentais dos acervos dos próprios atores sociais e dos demais membros da comunidade.

Na teoria de Jovchelovitch & Bauer (2008, p. 90) foi na poética de Aristóteles que surgiu o despertar para as narrativas e a narratividade, atrelado ao aumento da compreensão da função que o ato de contar histórias desenvolve na conformação de fenômenos sociais. Sendo assim, as narrativas tornaram-se um método, bastante propagado nas ciências sociais. Logo a entrevista narrativa, passou a tornar-se um método específico de coleta de dados, em formato característico de Schutz (1992). Como cita Roland Barthes:

“Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa. (...) Ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida”. BARTHES (1993:251-2)

A necessidade de contar história existe em todas formas de vida humana, sendo assim, é um ato elementar da comunicação humana, tornando-se, inclusive, uma capacidade universal. Pois, é por meio da narrativa que as pessoas recordam de acontecimentos, organizam sequencialmente uma experiência, ou seja, [...] “jogam com a cadeia de acontecimentos que contribuem com a construção da vida individual e social” JOVCHELOVITCH & BAUER (2008, p. 91)

É válido ressaltar que o ato de contar histórias é uma habilidade que não, necessariamente, depende de escolaridade e conhecimento linguístico. Ainda segundo Jovchelovitch & Bauer (2008) pode-se traduzir um acontecimento tanto em termos gerais, quanto a acontecimentos concretos em um lugar e tempo, o que denominam como termos *indexos*.

Outro fator importante a ser considerado é o da relevância da seleção, de mais de um, ator social (ou narrador), pois, como observou Peter Burke (1992) há uma necessidade em se considerar as narrativas orais, ressaltando a importância destas para o entendimento de uma temática, por uma variedade de pontos de vista. Isso proporciona ao pesquisador aceitar os

relatos orais com toda sua característica subjetiva, uma vez que as narrativas orais não são neutras.

O narrador, independente, do lugar social em que ele esteja, sempre fará a narrativa dos fatos com base em seu conhecimento de mundo, nas suas crenças e ideologias. Isto implica em dizer que as narrativas orais não são menos verdadeiras ou menos ficcionais do que diversas histórias oficiais que dispomos na sociedade. Sendo assim, podemos considerar que os narradores relatam seus enredos no presente, a partir da recriação de uma condição que rodeia seu imaginário, passando então, a selecionar os acontecimentos e fatos, por meio das lembranças ou esquecimento de maneira intencional ou não. Como define Motta (2013):

A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e conseqüentemente, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis. MOTTA (2013, p. 37)

Segundo afirmam Soster & Piccinin (2017, p. 53, 54) não é somente uma questão de identidade dos atores sociais que importa, há necessidade de que o pesquisador compreenda e conheça a atuação social dos sujeitos, bem como seus propósitos comunicativos e o exercício das relações de força entre eles, ou seja se há uma hierarquia entre eles, qual a posição social que ocupam ou quais as diferenças de gêneros, entre outros.

De acordo com teoria pragmática, o sujeito é denominado de enunciador ou emissor, porém na teoria narrativa a orientação é para que o definam pelo termo narrador. O motivo se justifica diante da diferença entre a teoria literária e pragmática, pois na segunda, o narrador é considerado um sujeito empírico e que atua no momento em que transmite seu relato envolto por seus valores, posicionamentos com base em uma performance comunicativa concreta.

Não se pode deixar de destacar que a pesquisa que envolve as narrativas orais como método de investigação de algo, por exemplo a história da comunidade da Praia do Crispim, e isto carrega em si um fator importante, o da empiria. O autor José Luiz Braga (2011) ressalta a importância da realização da pesquisa empírica, uma vez que esta necessita de uma observação efetiva de determinados ângulos da realidade.

É bom enfatizar que não é “pesquisa empírica” apenas aquela investigação explicativa, realizada com controle rigoroso de variáveis e/ ou desenvolvida por aproximação quantitativa. O trabalho de compreensão do objeto empírico, a reflexão sobre “situações indeterminadas” (não esclarecidas) do ambiente social, na pesquisa qualitativa, corresponde igualmente a pesquisa empírica – bastando que a motivação principal do pesquisador se volte para efetiva descoberta de conhecimento sobre tais materiais, orientado por teorias pertinentes. BRAGA (2011, p. 05)

Para realização das coletas das narrativas, andamento e conclusão da pesquisa proposta, necessitou-se em dividi-la em três etapas. O primeiro momento da pesquisa dedicou-se aos estudos bibliográficos que consistiam no cumprimento das disciplinas, bem como nos estudos teóricos que a embasam. Em um segundo momento, ainda com as dificuldades enfrentadas pela pandemia do Covid-19, fomos à campo para investigar e registrar as narrativas orais em busca do que se pretendia. Por fim, a última etapa, consistiu na análise do material coletado e escrita deste trabalho.

No decorrer da pesquisa in loco, fiz diversas fotografias que compõe este trabalho, bem como, um diário de campo, onde redigi observações que compõem as páginas da pesquisa em forma de descrição. Aqui dividiremos com os leitores as motivações que levaram ao interesse em pesquisar, não somente sobre as narrativas orais, mas por narrativas específicas acerca dos vestígios da história da Comunidade do Crispim-PA. Portanto, faz-se necessário, uma abordagem prévia sobre a relevância dos estudos de narrativas na contribuição com a manutenção da memória e identidade da comunidade.

O interesse pela coleta e estudos de narrativas orais, não é uma prática recente. Pode-se considerar que se trata de uma técnica milenar, tendo em vista que os textos de circulação oral, como os bíblicos e fábulas da Antiguidade, inclusive, chegaram até nós passando por várias mudanças, sendo assim, muitas delas, em decorrência do registro escrito.

[...] o campo dos estudos narrativos também tem presenciado um debate paralelo sobre o problema de como fixar a literatura oral para o texto escrito. Este “fixar” exige, para a análise de literatura oral, uma dupla preocupação em manter fidelidade ao texto linguístico e simultaneamente com a qualidade artística para invocar as sensações poéticas na leitura da tradução. (LANGDON, 1999, p. 14)

Dessa forma, trabalhar a tradução oral/escrito requer maior atenção, uma vez que, a transmissão oral utiliza ferramentas que a escrita não consegue dar conta, conforme Benjamin (2008), há uma essência no original que não pode ser traduzida. Na narrativa, que se pretende coletar além de uma essência que pertence ao âmbito do oral, há também uma carga de saber do homem amazônico, que não se concebe por científico, mas se compreende por meio dos seus valores e tradições.

Portanto, compreende-se, que esta pesquisa se justifica diante da importância que ganha à frente aos estudos sobre comunicação e cultura na Amazônia, e dos estudos sobre narrativas orais, bem como, para a compreensão da grandeza do saber do homem amazônico. Partindo desse pressuposto, é possível que se entenda o motivo pelo qual vem aumentando a recorrência pelos estudos em comunicação social, e como estes vem se reinventando através das narrativas

orais e da contribuição das pessoas por meio de suas memórias. Tais métodos, tornaram-se segundo Perazzo (2006, p. 05) ferramentas inovadoras para investigação de fenômenos sociais.

Os atores sociais que aparecem na contribuição desta pesquisa, exercitam diariamente sua vivência com os demais membros da sua comunidade, com o mar e a natureza. Os seus conhecimentos e visões de mundo se manifestam numa perspectiva que difere dos conhecimentos científicos dos estudiosos da academia científica. E estes, não podem ser tratados como irrelevantes ou menores, mas sim como propulsores de um conhecimento grandioso que se dá a partir das suas vivências, o que por sua vez, desafia e instiga o saber científico.

No subcapítulo abaixo abordaremos acerca da pesquisa de campo e seus desafios, bem como o relato da busca pelos atores sociais, as metodologias que precisaram ser adaptadas devido algumas circunstâncias da pesquisa, e entre outros.

### 3.2.1 Primeiros contatos na visita de campo, coleta das narrativas e registros fotográficos

Início este subcapítulo rememorando que nosso primeiro contato com a comunidade da Praia do Crispim, como mencionado no capítulo introdutório, aconteceu no ano de 2012. Ao nos depararmos com a comunidade, a primeira intenção foi saber a origem do nome da praia, por ser de interesse nosso os estudos dos nomes de lugares. Para a área da linguística, especificamente a Onomástica, existe uma corrente chamada de estudos Toponímicos, que estuda a origem dos nomes de lugares, sejam eles nomeados por uma característica semântica ou motivacional de quem o nomeou, ou seja, “o signo toponímico é motivado pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador” ANDRADE (2010, p. 23).

Nesse sentido, o primeiro fator que nos estimulou o interesse em pesquisar sobre a comunidade, foi justamente a origem da sua denominação, no entanto para o andamento da investigação são necessárias informações específicas sobre o contexto histórico, aspectos culturais, características físicas do local, etc. E foi a partir da constatação de que não havia nenhum registro oficial sobre a história da praia do Crispim, que mudamos o rumo do interesse pela pesquisa.

E foi durante decisão de mudar os rumos da pesquisa que conhecemos aquele que viria a ser o nosso primeiro ator social, um senhor chamado Jorge Pinto e sua esposa Marcelina Pinto, ambos aposentados e que vivem na comunidade do Crispim, e que por muitas vezes nos

surpreendia com a sua sabedoria em relação ao mar e a natureza. Ressalto que haverá mais a frente, um capítulo que resume brevemente a história de vida de cada ator social, porém aqui relataremos de forma sucinta somente as etapas desenvolvidas na pesquisa de campo.

Outro ponto importante a se destacar é que os fatos citados acima antecedem meu ingresso no mestrado. Pois, desde a minha primeira visita, passei a frequentar a comunidade com mais assiduidade, pois meu sogro possui uma casa de veraneio na referida praia, e desde então, ao conviver ali, até mesmo durante um mês inteiro (períodos de férias), passei a realizar algumas anotações sobre as observações que eu fazia da comunidade, principalmente das mudanças que aconteciam em seu espaço físico e social com o passar dos anos, sejam por consequências da ação do homem ou da natureza, por exemplo, como impactava na comunidade as consequências do fenômeno das marés altas<sup>3</sup>.

Após o ingresso no mestrado vimos a possibilidade de contribuir com a comunidade, realizando uma investigação, não somente, sobre a origem do nome da praia, mas também, uma busca por vestígios da história da comunidade, através das narrativas orais de seus moradores. Deste modo, levantamos a seguinte problemática: as narrativas orais serão capazes de responder sobre a história da comunidade da Praia do Crispim-PA? Quem poderia contar essa história e por quê?

Portanto, este tornou-se o ponto de partida para a empreitada na busca, entre os moradores, por pessoas que pudessem colaborar com esta investigação. Um dos primeiros nomes que surgiu de forma unânime foi o do senhor Jorge Pinto, este é considerado pelos demais, como um dos moradores mais antigos da região. E como já o conhecíamos não nos pegou de surpresa esta indicação, inclusive, não foi difícil encontrá-lo para conversamos a respeito da pesquisa, porque havíamos frequentado sua residência algumas vezes.

Nosso primeiro contato, com a finalidade de conversarmos sobre a pesquisa com o seu Jorge ou “velho Jorge”, como é popularmente conhecido na comunidade, aconteceu no sábado do dia 10 de abril de 2021, pela manhã. O dia estava bastante nublado, seu Jorge não tinha acesso a nenhum meio de comunicação, portanto, não tivemos como avisá-lo previamente da nossa visita. Ao chegarmos em sua residência, não os encontramos, e decidimos voltar outra hora, porque a casa fica situada a uns 3 quilômetros de distância da parte movimentada da praia, e em um lugar que fica inviável sair até que a maré baixe. Porém, no caminho para

---

<sup>3</sup>**Fenômeno das Marés Altas-** A gravidade da Lua atrai a superfície do oceano em sua direção e a força centrífuga gerada pelo movimento do sistema Terra-Lua cria uma força oposta, resultando em dois bulbos de maré. De acordo com a teoria do equilíbrio, esses bulbos tendem a ficar alinhados com a Lua à medida que a Terra gira em torno do seu eixo. As marés altas seriam nos bulbos e as marés baixas seriam nas cavas, ou seja, na região entre os bulbos. Fonte: [www.bioicos.org.br](http://www.bioicos.org.br)

voltarmos para casa, nos deparamos com o casal nos acenando, eles estavam na beira da praia, retirando as redes de pesca do mar. Então, lá mesmo conversamos a respeito da nossa visita e explicamos sobre a proposta da pesquisa, seu Jorge disse que aceitava participar e disse que havia outras pessoas que poderiam contribuir, caso fosse de nosso interesse.

Informamos a eles, que aquela era uma visita inicial, pois precisaríamos marcar uma entrevista quando ele tivesse maior disponibilidade para nos atender. No entanto, seu Jorge disse que já poderíamos conversar, assim que ele e sua esposa terminassem o recolhimento das redes de pesca, aproveitamos o momento e fomos conversando sobre a rotina deles na praia e sobre a parceria de sempre irem pescar juntos, assim como, fizemos alguns registros fotográficos desse momento.

Na imagem abaixo podemos observar a distância que estavam em relação a sua casa que aparece ao fundo, assim como podemos observar nesse registro, um pouco de como é o cotidiano do casal, em sua vida à beira mar.

Figura 1 – Ator social Jorge Pinto e sua esposa Marcelina Pinto retornando a sua residência após sua rotina de pesca.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Conforme seu Jorge e dona Marcelina nos informaram, poderíamos conversar sobre a pesquisa, assim que eles terminassem seus afazeres, e assim fizemos, aguardamos e depois seguimos para a sua residência para conversarmos e tomarmos um café, a pedido do casal.

No caminho até a sua casa, fomos conversando com eles, e uma fala me chamou atenção, quando seu Jorge mencionou que: “daqui uns anos muita coisa vai mudar aqui no Crispim porque a natureza já está tomando o que é seu” e que estava feliz de as universidades estarem olhando para comunidade, porque muitos alunos estavam indo lá fazer pesquisas. Mas, ressaltou também que nenhuma das pesquisas teve interesse na história da praia, e segundo ele todo lugar precisa de uma história.

Ao chegarmos em sua residência, ele disse que poderíamos entrevista-lo, uma vez que, o filho dele iria buscá-lo naquele dia para realizar alguns exames médicos e não sabia quando retornaria. Nesse momento, relembramos ele de que aquele seria apenas o primeiro contato para explicar a pesquisa e saber se ele aceitaria o convite para contribuir com a mesma. Mesmo estando ainda no início das aulas no mestrado, sem ter tido qualquer orientação específica sobre metodologias da pesquisa em comunicação, pedi autorização para gravar o que ele me narraria. As narrativas começaram a acontecer espontaneamente, sem roteiro prévio ou qualquer orientação, apenas ouvíamos atentos e registrávamos tudo, dona Marcelina também fez suas contribuições com relatos que serão trabalhados no capítulo 3 deste trabalho, dentro de temáticas importantes sobre a história da comunidade.

A entrevista não durou mais que duas horas, pois teve que ser interrompida pela chegada do filho de seu Jorge. Porém, não tivemos como deixar a oportunidade passar e, ali mesmo, ainda sob a procura de atores sociais, realizei a primeira coleta das narrativas orais. Mas, deixei acordado que gostaríamos de voltar para conversarmos com mais calma sobre algumas dúvidas que pudessemos vir a ter, sobre o que nos foi relatado. Como o senhor não possuía telefone para contato, logo, o seu filho nos disponibilizou o dele para avisarmos quando retornaríamos pela comunidade novamente.

A partir da experiência que tivemos com nosso primeiro ator social, nos dedicamos a organizar um cronograma de pesquisa de campo mais elaborado, inclusive, intercalando as visitas em dias úteis e finais de semana.

Embora tivéssemos um local para estadia durante a pesquisa in loco, encontramos alguns contratempos, um deles consistia na distância, pois diferentemente de um passeio no final de semana, a pesquisa de campo demanda bastante tempo e organização. Então, tivemos que elaborar um cronograma, que pudesse atender não somente a nossa disponibilidade, visto que

estávamos em período letivo no mestrado, mas a dos demais atores sociais que viriam a ser entrevistados.

Uma das primeiras atividades do cronograma destinava-se a realização do levantamento bibliográfico do que havia de informações sobre a história da comunidade do Crispim. E para isso, tivemos que visitar alguns lugares no município de Marapanim-PA, que é o responsável político-administrativo da comunidade. Foram praticamente dois dias andando em todos os pontos referenciados como acervos que poderiam conter materiais sobre a história em questão, alguns dos lugares visitados foram: as escolas municipais, secretária de educação do município, bibliotecas municipais, secretaria paroquial e secretaria de cultura.

No entanto, não conseguimos encontrar absolutamente nenhuma publicação a respeito do que nos interessava à pesquisa, e essa, talvez tenha sido a maior comprovação de que estávamos no caminho certo, pois já havia se tornado concreto, o fato de que a pesquisa se tornaria relevante, de uma forma além do esperado, pois mais do que decifrar a origem da denominação, seria possível buscar por vestígios da história da praia, por intermédio de vozes que carregam consigo memórias importantes para a comunidade.

No final do mês de abril de 2021, voltamos a procurar entre moradores de Marapanim e Crispim, outros nomes de pessoas que pudessem contribuir com informações acerca da história da comunidade da Praia do Crispim, e por diversas vezes, em ambas as localidades, ouvimos os nomes dos senhores Jorge Pinto, como já fora mencionado, e de Amado Pinheiro Negrão (conhecido popularmente pelo apelido de “boi sem rabo”). Estes, nos foram descritos como os mais antigos moradores da região, e, portanto, aptos a contar sobre histórias de como surgiu a comunidade.

Nesse mesmo período, comecei a investigar sobre a localização do seu Amado para que pudéssemos conversar sobre a nossa pesquisa. No entanto, a investigação teve que ser interrompida, no mesmo mês, devido ao aumento de casos de covid-19 na região, o que me impossibilitou de continuar com o cronograma de pesquisa, porque fomos informados pelos órgãos de segurança do município de Marapanim que as barreiras de acesso a cidade seriam fechadas, portanto precisaríamos retornar a nossa cidade de Castanhal-PA, ou seríamos obrigados a permanecer no município, até que as barreiras fossem liberadas, e isto só seria possível, caso houvesse redução dos casos da doença, ou seja, algo imprevisível. Por este motivo, tivemos que interromper o cronograma e aguardar um outro momento para continuidade da visita de campo.

Somente no mês de agosto, após a queda no número de casos da covid-19, retornamos a Marapanim, e ao chegarmos no município fomos informados por um morador de que seu Amado havia falecido há poucas semanas, vítima do vírus que assolava o mundo. A notícia nos pegou de surpresa e nos causou espanto, pois além de ser uma personalidade importante para os membros da comunidade do Crispim e do município, este seria uma das peças fundamentais para a escuta e registros das narrativas orais. E este, talvez tenha sido um momento de reflexão acerca da importância de se registrar as narrativas orais de pessoas como seu Amado, com a finalidade de proporcionar a preservação das memórias que representam algo ou um lugar.

Contudo, não nos contentamos com uma única fonte a respeito do falecimento do senhor, e fomos em busca de apurar a informação recebida, e de fato, nos foi constatado por outros moradores de Marapanim, que a informação era verídica. E por conta da triste notícia que nos deparamos, resolvemos ficar no município, pois já era noite, e irmos somente no dia seguinte pela manhã até a comunidade do Crispim, buscar outras pessoas que pudessem contribuir com a pesquisa.

No dia seguinte, a caminho da comunidade e na busca por uma indicação de um possível ator social, que encontramos, por acaso, um sobrinho de seu Amado Pinheiro, o senhor conhecido pelo apelido de “Bagre”, este nos foi indicado em Marapanim, por já residir há bastante tempo na comunidade. Ao contarmos o trajeto que já havíamos feitos para encontrar o senhor Amado, e após prestarmos nossas condolências ao parente em questão, ele nos informou que havia um mal-entendido, e que na verdade, quem havia falecido era a esposa de seu tio. No mesmo dia, o sobrinho nos passou o endereço da casa de seu Amado, e partimos em uma tentativa de um primeiro contato. Infelizmente, não conseguimos incluir o sobrinho na pesquisa, porque o próprio declinou do convite, por não ter disponibilidade para contribuir conosco, naquele momento.

Embora, o sobrinho de seu Amado não pudesse participar diretamente da pesquisa, consideramos este, uma figura importante para que déssemos andamento a mesma, pois ele disponibilizou seu tempo para desfazer o mal-entendido em relação ao tio, nos orientou sobre como chegar ao endereço do nosso ator social, bem como nos atendeu e interessou-se em ouvir acerca da finalidade deste trabalho.

Abaixo temos um registro do nosso encontro com o senhor “Bagre” que aconteceu em um estabelecimento comercial na vila de Bacuriteua, que pertence a região da Praia do Crispim-PA.

Figura 2 – Morador da comunidade do Crispim-PA que atende pelo apelido de “Bagre”.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Um senhor que é dono do estabelecimento onde encontramos com o “Bagre”, nos informou que o mesmo, sabe contar sobre muitos casos, segundo ele, de “coisas sobrenaturais” que acontecem na praia, e ainda ressaltou que não era “história de pescador”. Mesmo com o tempo corrido, o sobrinho ainda nos contou um desses acontecimentos, e disse que é muito comum os pescadores verem muita coisa “encantada” no alto mar. Ouvimos a sua narrativa, e solicitamos autorização para fazermos registros fotográficos, porém, infelizmente, não deu tempo de gravarmos o relato, mas quem sabe não possa surgir uma pesquisa, somente, sobre estas narrativas da comunidade. Nos despedimos do nosso informante, e fomos até o endereço que nos foi passado, em busca de encontrar nosso possível ator social

O primeiro contato com o senhor Amado Pinheiro, aconteceu no mesmo dia, em que descobrimos o mal-entendido, em 08 de agosto de 2021 às 10h da manhã, em sua residência. Ao chegar em sua casa, nos deparamos com todos os filhos reunidos e estes nos receberam com muita atenção, ainda que em um momento delicado, pela perda recente da matriarca da família. Explicamos a todos qual a finalidade da pesquisa e como o seu Amado Pinheiro poderia contribuir com a mesma.

A intenção, no primeiro momento era somente um contato inicial para marcamos uma entrevista, no entanto seu Amado e sua família fizeram questão de nos passar algumas informações durante nossa conversa. Os filhos me relataram, inclusive, que o pai já havia perdido quase 100% da sua audição, então por isso, eles precisariam falar mais alto com ele, e que precisaríamos ter que falar da mesma forma, para que ele pudesse me entender. Foi um momento de muita conversa, os filhos nos mostraram documentos, imagens da mãe, e seu Amado se sentiu à vontade para conversar e narrar algumas histórias da comunidade.

Entendo a pesquisa como momentos de oportunidades, uma vez que os cenários tornaram-se imprevisíveis, principalmente, porque estávamos vivenciando um momento de instabilidade por conta da Pandemia do covid-19, e por dependermos de outras pessoas para que ela acontecesse. Deste modo, aproveitamos a oportunidade para coletar o máximo de informações que considerávamos importantes, e pedi autorização para fazer registros fotográficos e gravar os diálogos, ainda que fossemos realizar uma entrevista posteriormente. Após, a conversa marcamos uma nova data para a entrevista, trocamos contatos telefônicos e nos despedimos da família. Na imagem abaixo, temos a fotografia que fizemos de seu Amado em nosso primeiro contato com ele.

Figura 3 – Ator social Amado Pinheiro – em sua residência.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Em suma, do que foi descrito até o presente momento, podemos afirmar que realizar registros fotográficos, fazer as gravações e coletar o máximo de informações possíveis logo no primeiro contato, foi uma decisão acertada, uma vez que, em um intervalo de dois meses, tanto nosso primeiro ator social, quanto o segundo deram entrada em internações hospitalares.

O primeiro, do qual tivemos informação sobre seu estado de saúde, foi o senhor Amado Pinheiro Negrão, como havíamos trocado contatos, um dos seus filhos entrou em contato e nos informou que não seria possível nos receber no período que marcamos, pois, seu pai encontrava-se internado em estado grave de saúde, e que assim que saísse ele iria passar uma temporada com uma das filhas na capital Belém-PA.

Um mês após a notícia da internação de Amado, recebemos a ligação dos familiares de Jorge Pinto, este também, encontrava-se internado na capital. Os filhos nos informaram que a suspeita a princípio era de Covid-19, pois seu Jorge negava-se a tomar o imunizante por medo de efeitos colaterais e desinformações a respeito da vacina. É válido ressaltar que naquele período o acesso a vacinação era restrito a população e somente grupos considerados de ricos, estariam recebendo a dose do imunizante.

Diante de todas as dificuldades encontradas até o presente momento, podemos afirmar que a mais difícil foi a espera pela melhora dos atores sociais para o nosso segundo contato, passamos por diversos sentimentos de incerteza sobre o andamento da pesquisa. Recebíamos avisos constantes da família sobre o estado de saúde de ambos, assim como, como tínhamos interesse em tê-los colaborando com a pesquisa, eles também queriam contribuir conosco. Nesse intervalo de tempo, fizemos visitas à comunidade para realizar registros fotográficos, bem como fazer observações escritas sobre o cotidiano da mesma, para compor os capítulos deste trabalho.

O nosso retorno à comunidade, para encontrar com nosso ator social, Amado Negrão, aconteceu somente no início de março de 2022 às 8h00 da manhã. Fomos informados, em uma quinta-feira, por um de seus filhos, que já poderíamos visita-lo, pois ele já estava na comunidade. Por motivos de demandas do mestrado, só conseguimos nos deslocar à praia no sábado pela manhã. Neste dia, estávamos preparados e levamos um roteiro prévio, pois já havíamos recebido a notícia que o senhor encontrava-se muito debilitado em relação ao primeiro contato. Deste modo, aplicamos o modelo de entrevista semiestruturada, para que tornar a narrativa direcionada em temáticas que pretendíamos compreender sobre os vestígios da história da praia do Crispim. A entrevista com seu Amado, nos rendeu muitas narrativas

importantes para as respostas que buscávamos, narrativas estas, que serão abordadas no decorrer do capítulo 3 desta dissertação.

Durante a entrevista na casa de seu amado, conhecemos nosso terceiro ator social, este já estava presente fazendo uma visita. Ao terminar a entrevista, o filho de seu Amado disse que Lorival Rosa Nunes era uma das pessoas que morava a bastante tempo no local, sendo assim, já analisamos a possibilidade de ele poder contribuir com a pesquisa, aproveitamos a oportunidade para conversarmos um pouco com seu Lorival e conhecer sobre sua história de vida e na possibilidade contribuir com a pesquisa, nos relatando suas memórias sobre a comunidade. O senhor nos relatou que estava na comunidade há mais de 50 anos e que aceitaria ser entrevistado, logo perguntamos se ele teria disponibilidade de nos atender naquele momento, porque não tínhamos uma previsão de retorno, e ele se prontificou.

A entrevista com o senhor Lorival aconteceu na casa do seu Amado, fizemos a coleta das narrativas, esta de uma forma diferente, demos uma pergunta inicial: “O que o senhor sabe nos contar sobre a história da Praia do Crispim, com base na sua vivência aqui?” E o deixamos percorrer os caminhos da sua memória, foram poucos os instantes que precisamos intervir e definir um tema sobre algo, ele nos narrou fatos importantes que serão descritos neste trabalho, assim como, mostrou uma visão diferente de seu Amado sobre algumas questões que envolvem a comunidade. No capítulo 3 desta pesquisa, faremos uma breve biografia dos atores sociais, pois consideramos necessário para a compreensão da relevância destes para com a comunidade.

A princípio, a entrevista seria apenas com três atores sociais, Jorge, Amado e Lorival, no entanto, em ambas as entrevistas um nome foi citado, o de uma mulher chamada Conceição Maria Souza do Nascimento, esta é considerada por eles a primeira mulher a colocar um bar e restaurante na praia do Crispim, e está até hoje com seu estabelecimento funcionamento, e gerando renda para comunidade.

Com base nas informações que recebemos sobre a senhora Conceição, consideramos necessária sua presença na pesquisa. Saindo da casa de seu Amado, nos direcionamos ao endereço da referida senhora, que fica no mesmo local do seu restaurante, porém chegamos no horário de almoço, e por ser um restaurante, naturalmente é um período mais tumultuado, e por consequência, naquele momento não conseguimos conversar, pois ela estava na cozinha. Comunicamos a um dos funcionários do restaurante que voltaríamos em outro momento, porque não havia possibilidade de esperarmos, naquele momento, pois tínhamos programado o retorno à nossa cidade. Contudo, pegamos o número de telefone do local para um futuro contato.



Uma das maiores dificuldades da pesquisa de campo, consistiu na execução do cronograma estipulado, embora tenhamos elaborado cada etapa das visitas, ainda assim, tivemos que lidar com algumas adversidades, sendo elas, por agendas que conflitavam, por questões de saúde dos atores sociais, ou simplesmente por problemas de logística. Um dos problemas aconteceu, na última viagem citada, pois o veículo em que estavam eu, meu marido e minha filha, teve uma pane hidráulica, e a viagem que estava prevista encerrar às 13h, acabou se estendendo até às 23h, foram muitos os percalços até a resolução do problema. E tal, situação também, nos chamou a atenção para a carência de serviços automotivos em uma região que circulam muitos veículos, tanto de moradores, quanto de turistas.

Como mencionei, a pesquisa de campo mesmo com um bom planejamento pode apresentar imprevistos, e isto aconteceu ao tentarmos contato com a senhora Conceição, pois, ao entrarmos em contato com ela, recebemos a notícia de que ela não poderia nos receber porque estava passando por problemas de saúde. Deste modo, entendemos que as situações poderiam sair do controle, pois estávamos lidando com pessoas e cada carga as suas particularidades.

Diante das incontáveis dificuldades para o cumprimento do cronograma da pesquisa de campo, chegamos a cogitar a hipótese de não insistir no contato com a senhora Conceição. Contudo, surgiu a oportunidade de entrevista-la no início de março de 2023, e mesmo estando com o prazo esgotando para a finalização desta etapa, não poderíamos deixar de tentar a possibilidade de termos suas contribuições. Um dos fatores motivadores para nossa persistência, surgiu no exame de qualificação, como sugestão da banca avaliadora. A proposta era que pudéssemos incluir no trabalho, vozes femininas, que também, pudessem contribuir com suas narrativas. Tendo em vista, que havia uma pretensão inicial por parte da pesquisa em trazer ao protagonismo a figura de mulheres da comunidade que pudessem narrar sobre a temática pesquisada, iniciamos uma nova tentativa de conseguir a entrevista com dona Conceição.

Em 05 de março de 2023, às 17h da tarde, chegamos na comunidade da praia do Crispim, no final do expediente dos estabelecimentos, na intenção de conseguirmos a atenção da senhora para explicar a finalidade da pesquisa, bem como conseguir que esta, pudesse colaborar cedendo-nos uma entrevista. Ao chegarmos no restaurante, fomos recepcionados por uma das filhas de Conceição, que nos informou que sua mãe não se encontrava, naquele momento, mas que poderíamos aguardar seu retorno, pois não demoraria. No intervalo em que aguardávamos seu retorno, explanamos para ela, de forma sucinta, sobre o que estávamos fazendo ali, bem como, surgiu seu nome nas narrativas dos demais atores sociais.



No momento em que dona Conceição chegou, sua filha repassou a ela a informação que havia recebido, e ela nos atendeu de forma bastante atenciosa. A senhora pediu para um dos seus funcionários organizar uma mesa e cadeira para que todos pudessem se acomodar, e assim iniciou-se a entrevista, após o pedido de autorização para gravar a narrativa.

A princípio, usamos do mesmo método de iniciar a entrevista com uma pergunta, para que ela fosse tecendo sua narrativa conforme lembrasse dos momentos. Todavia, percebeu-se que Conceição é uma pessoa tímida, e que só respondia aquilo que lhe era perguntado, sendo assim, mudamos a forma de conduzir a entrevista e aplicamos o modelo de entrevista semiestruturada, a mesma que usamos com seu Amado, e com o decorrer da entrevista as narrativas sugeriram com mais espontaneidade. Assim como, nas demais entrevistas, fizemos registros fotográficos do momento e nos despedimos, na certeza de que a decisão de entrevistá-la foi assertiva, não restou dúvidas de que suas narrativas contribuíram muito para a compreensão sobre a história da comunidade do Crispim.

Ao encerrarmos a entrevista mencionada acima, permanecemos no local para organizar algumas coisas da pesquisa, então sentou-se próximo a mesa em que estávamos um senhor que atende pelo nome de Amâncio, iniciamos ali, de maneira informal, um diálogo sobre a situação em que ficou os estabelecimentos e casas após o último fenômeno das marés altas, e o mesmo começou a nos relatar sobre o corrido e sempre comparando com situações parecidas que aconteceram no passado. Seus relatos começaram a nos chamar atenção, e então, explicamos o intuito da pesquisa e perguntamos se ele teria interesse em participar. Após o convite ser aceito, demos início as gravações, deixando-o continuar suas narrativas, sem pedi-lo para repetir o que havia nos contado, e por coincidência, ele nos relatou que chegou à comunidade quando ainda era apenas uma vila de pescadores.

Durante a entrevista chegou outro senhor de nome Francisco, e seu Amâncio o chamou para confirmar sobre a história que estava nos narrando, nesse momento, o senhor convidado para o diálogo, confirmou a informação relatada e ainda começou a narrar sobre outros fatos interessantes sobre a história da comunidade, que ainda não haviam sido citados pelos demais atores sociais. Como a entrevista estava sendo gravada, interferimos para informa-lo, e indagamos se a situação lhe causaria algum problema, bem como o convidamos para contribuir com suas narrativas neste trabalho, ele aceitou e nos informou que era esposo de dona Conceição.

Demos continuidade a entrevista, desta vez, observando a narrativa construída pelo diálogo de ambos, como se fossem um o suporte do outro na concretização das lembranças de

fatos que aconteceram na comunidade. Encerramos estas últimas entrevistas, com o receio de não abranger nenhum método de pesquisa, mas com a certeza de que foi uma experiência diferente das demais, e que com certeza, contribui muito para o entendimento do que buscávamos.

Ao todo, encerramos a pesquisa de campo com a coleta de narrativas orais de seis atores sociais, com perfis totalmente diversos, com vivências distintas e com visões diferentes acerca da mesma temática investigada.

Em todas as entrevistas, buscamos coletar registros fotográficos antigos da praia do Crispim, do próprio acervo pessoal dos atores sociais ou demais membros da comunidade, mas a coleta não teve sucesso, pois a maioria não tinha ou alegaram que foram perdidos ao longo dos anos, muitas dessas perdas, durante a alta da maré que chegava sem aviso prévio e pegavam os moradores desprevenidos a ponto de perderem tudo com a entrada brusca das águas em suas residências. Conforme as imagens abaixo é possível mensurar as consequências desse fenômeno na vida da comunidade.

Figuras 4 e 5 – Imagens de casas destruídas pelo fenômeno das marés altas na praia do Crispim-PA. Em 28 de março de 2019.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

## **2 – “MARAPANIM, PRINCESA DO SALGADO” – Breve contexto histórico da Região**

### **2.1– “Fruto de Boa intenção?” – O que conta a história oficial?**

Antes de abordar sobre a investigação dos vestígios da história da comunidade da Praia do Crispim-PA, por meio, das narrativas orais, é necessário que se faça entender sobre a localização da região a qual a comunidade pertence, para observarmos se há alguma herança da história ou cultura do município que influencie direta ou indiretamente na comunidade, uma vez que, Crispim faz parte do setor político-administrativo de Marapanim-PA. Portanto, este capítulo apresentará um breve contexto histórico do município de Marapanim, ressaltando inclusive, a forte representatividade cultural do município para a “região do salgado”. O título dado ao capítulo é um trecho do canto de carimbó do Grupo Uirapuru, um dos tradicionais conjuntos de carimbó da região.

Deste modo, é necessário que se compreenda que o foco da pesquisa não é o Município, mas, uma comunidade pertencente a ele. Sendo assim, este capítulo conta com subcapítulos que versam sobre as características de maior relevância, para nos ajudar a conhecer e entender sobre alguns aspectos importantes da região. Iniciamos esta abordagem destacando que o município de Marapanim-PA, tal qual, outros territórios pertencentes ao Estado do Pará, iniciou seu processo de desenvolvimento a partir da chegada e instalação das ordens religiosas que se implantaram no Brasil no período que compreende o século XVII.

Porém, no que diz respeito à formação histórica do município de Marapanim-PA, pode-se afirmar que há pelo menos duas versões conhecidas e narradas por autores marapanienses. A primeira versão de acordo com Conceição (1995, p. 49) defende que história oficial retrata que o território em que hoje, situa-se a cidade, pertenceu à fazenda denominada “Bom Intento”. o autor afirma também, que em 12 de dezembro de 1639 a Ordem dos Mercedários chega em Santa Maria do Pará, e estes ganham em forma de doações as terras próximas ao rio Marapanim, onde, ainda hoje, é possível de serem encontrados os resquícios do cemitério e da igreja de Nossa Senhora das Mercês, construções essas, erguidas no passado.

Contudo, Castro (1998, p.12) define o desenvolvimento de Marapanim em três fases, a primeira inicia-se com a chegada do padre jesuíta João Souto Maior que veio em missão, designado pelo seu superior, da Cia de Jesus, Padre Antônio Vieira. Padre João, segundo conta esta versão da história, chegou em 1656 a Aldeia Arapijó que pertencia ao povo indígena Pacajá; considera-se que este, foi primeiro homem branco a pisar em solo Marapaniense, e que

teve como missão, trazer os fundamentos do Evangelho, dos Sacramentos e da cruz à Aldeia. Chegou a região sob ordem de seus superiores da Companhia de Jesus com a intenção de catequizar os indígenas Pacajá, pertencentes a aldeia Arapijó instalada próxima as margens do Igarapé do Pajé nos arredores do rio Marapanim. Esta expedição era denominada de acordo com Santos (2010, apud Souto Maior, [1656] 1914) como a “viagem do ouro” e tinha a previsão de durar somente de cinco a seis meses. Em seu diário de expedição, onde descreve sua jornada ao Pacajá, no ano de 1656, o padre fez relatos detalhando as características geológicas, que visualizava durante a navegação, descreveu também, seu primeiro contato com os povos indígenas que habitavam a região e sobretudo registrou acerca de uma construção “[...] aos 4 de abril aportamos no fim da jornada, [...] mandei levantar uma Igreja para n’ella termos a semana santa, e ensinar a estes gentios.” (SANTOS, 2010 apud SOUTO-MAIOR, [1656] 1914)

A segunda fase consiste após o falecimento do Padre João Souto Maior, onde se confirma pelo Quadro Nominal Sesmarias<sup>1</sup> de Arthur Vianna, no ao de 1904, os nomes das pessoas que detinham de posses de terra às margens do rio Marapanim, período que antecede a fundação do município em 12 de outubro de 1862 conforme aponta (Conceição, 1995, p. 50). Segundo Castro (1998, p. 15) o rei de Portugal Dom João V, fez uma doação das terras pertencentes, antes ao Pe. João Souto à Antônio de Souza Cabral. E no dia 29 de dezembro de 1745, a partir da metade do século XVII, após a introdução da Cruz do Evangelho e dos ditos Sacramentos, passou-se a considerar-se o início da colonização, de fato, do município, na aldeia de Arapijó.

Por fim, a terceira e última etapa se deu através da implantação do município após a expulsão dos jesuítas por ordens do Marquês de Pombal, no dia 03 de setembro de 1759. De acordo com Castro (1998), os religiosos foram expulsos do território brasileiro, por conta da Reforma Pombalina, o que acarretou a desocupação das terras que integravam a Fazenda e que eram administradas por eles. A partir de então, iniciou-se a prática das “sesmarias”<sup>4</sup>, que destinava em forma de doação à particulares, espaços territoriais para ocupação e desenvolvimento econômico; desde de que, se administrassem as terras em conformidade com os ideais que a Coroa Portuguesa propunha.

Com base em dados históricos do IBGE (2010) sobre o município de Marapanim-PA, tempos depois à expulsão dos jesuítas, o Padre José Maria do Vale, teve acesso à terra que pertencia ao município, e “dela separou uma parte, da qual, doou para a formação do patrimônio

---

<sup>4</sup> O termo “Sesmaria” era empregado, pelos portugueses, para designar todo terreno pertencente à Coroa Portuguesa, em que houvesse ausência administrativa e, também, do ponto de vista econômico, fosse improdutivo.

de uma freguesia<sup>5</sup>”. Deste modo, a localidade adquiriu status de freguesia, no ano de 1869, sendo nomeada de Nossa Senhora da Vitória de Marapanim. Somente no ano de 1874, a região é emancipada de forma política e administrativamente, com a atual denominação de **Marapanim**.

No município há uma estátua erguida em homenagem ao Padre José Maria do Vale, ela fica localizada na praça de Nossa Senhora das Vitórias, de frente para o trapiche, segundo moradores a posição foi definida de forma estratégica para que pudesse parecer que ele estaria abençoando quem entra na cidade pelas águas, ou ainda que este seria uma forma de simbolizar a bênção do Padre aos pescadores.

Figura 6 – Monumento construído em memória do Padre José Maria do Vale, considerado o fundador do município de Marapanim-PA.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

O Padre José Maria do Vale pertencia a Ordem Jesuíta, nasceu no ano de 1807 em Abaetetuba-PA, e foi ordenado sacerdote em 11 de abril de 1834, por Dom Romualdo de Seixas. chegou em Marapanim vindo pelo rio Simôa até o rio Cajutuba e por fim ao rio furo do Pajé, daí em diante até o rio Marapanim. Ao chegar cativou os habitantes, e logo depois comprou

---

<sup>5</sup> Entende-se como **freguesia** um determinado agrupamento ou povoação paroquiana (HOUAISS, 2009). No dizer de Agripino da Conceição (1995, p.54), “[...] em 21 de outubro de 1869, por esforços do dito padre, foi o povoado elevado à categoria de freguesia e povoação com o nome de N. S. da Vitória de Marapanim. Mais tarde, em 15 de janeiro de 1878, de acordo com a Lei Provincial nº 802, de 04 de março de 1874 recebeu a povoação o predicamento de vila (Vila de Marapanim).”

uma casa de engenho e a transformou em uma escola, e também, em uma capela em 1860. O nome da Fazenda foi escolhido pelo padre, que considerou todo seu feito, como fruto de uma boa intenção, por isso, deu o nome de Ilha do Bom Intento, que passou a ser administrada pelos jesuítas. Padre José Maria do Vale, chegou a ocupar o cargo de vereador da primeira câmara municipal, instituída em 15 de janeiro de 1878, adquiriu mais terras e ocupou-as com alguns de seus irmãos, o padre faleceu em 9 de dezembro de 1883, aos seus 76 anos, sempre lembrado como político, missionário e educador.

Embora Castro (1998) ressalte que a história de criação do município tenha ocorrido após a chegada do padre José Maria do Vale à região, afirma também que a história do lugar, onde hoje é Marapanim, iniciou-se bem antes da chegada de Padre João Souto Maior. Como observa-se no trecho:

“[...] à Aldeia de Arapijó, já era habitada pelos índios Pacajás, parentes próximos dos índios Maracanãs que habitavam a aldeia de São Miguel de Maracanã, cuja missão catequizadora tinha sido entregue aos padres Manoel de Souza e Matheus Delgado, autorizados que foram pelo Sub-Prior da Ordem, padre Antônio Vieira [...]” (CASTRO, 1998, p. 12).

Ao que há de informações, a região já era habitada pelos índios Pacajás, que residiam na aldeia Arapijó. Atualmente, a região em que situava-se a aldeia é ocupada por uma comunidade vinculada ao município de Marapanim, que tem por denominação, também, Arapijó.

Sendo assim, há pelo menos duas versões quanto à formação histórica do município. Uma do ponto de vista histórico, a partir da presença do padre José Maria do Vale à região, ponto de vista difundido pela “história oficial”. E a outra, contada por poucos moradores, que explicitam o que já existia antes da chegada do padre José Maria do Vale, tratando de uma história que se inicia já no século XVII, com os primeiros habitantes da localidade. Deste modo, ambas as versões são encontradas nos registros oficiais, bem como, nas narrativas dos habitantes do Município de Marapanim acerca da história de Fundação da região

## **2.2 “Borboletinha do mar” - Origem do nome Marapanim, sua estrutura urbana e cotidiano.**

O município de Marapanim fica localizado na região nordeste do Estado do Pará, mais conhecido como a região do salgado. Uma cidade rica culturalmente e conhecida popularmente como: “princesinha do salgado”, “terra do carimbó” ou “terra de mestre Lucindo”.



Quanto a sua denominação, Conceição (1995, p. 15) afirma que a origem do nome Marapanim é oriunda da Língua Nheengatu, o topônimo de origem indígena do Tupi-guarani, que significa “borboletinha do mar”. A nomeação foi designada pelos indígenas Pacajás que habitavam na região e que avistavam às margens do mar muitas borboletas amarelas.

No que diz respeito a sua arquitetura urbana, podemos observar que Marapanim, ainda apresenta resquícios de acordo com Ribeiro (2017, p.22) das edificações com características neoclássicas do período colonial, hoje consideradas patrimônio histórico e cultural da região, o que contrasta, no entanto, com as novas edificações, visto que, há no município, casas e estabelecimentos de engenharia mais atuais. É possível observar esse contraste, principalmente, no entorno da praça da igreja de Nossa Senhora das Vitórias. A imagem abaixo, mostra a imagem de uma residência que apresenta característica de uma arquitetura que possui referências que nos remetem ao ideário republicano francês.

Figura 7 – Residência localizada ao lado da Igreja Católica. Ainda mantém preservada a sua arquitetura histórica.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Essa residência é uma das obras de arquitetura que mais chamam a atenção de quem visita o município de Marapanim-PA, uma obra com todos os detalhes originais muito bem preservados. Sua localização é estratégica para quem deseja vê-la pessoalmente, pois fica ao

lado da igreja de Nossa Senhora das Vitórias. Algumas edificações no município, como as que podemos observar nas imagens abaixo, são modelos de arquitetura de características neoclássicas e que de acordo Ribeiro (2017, p. 25) apresentam, em sua maioria, “alguns traços em comum como ritmo em suas aberturas, simetria, mesmas alturas e larguras em seus vãos, arcos, detalhes como antas, eiras, beiras e tribeiras”. Albernaz & Lima (2000) ainda ressaltam que dependendo do tamanho da edificação podem existir detalhes arquitetônicos, porém sempre seguindo o padrão neoclassicista.”

Figuras 8 e 9– Construção antiga de Marapanim localizada próximo ao Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



É importante darmos destaque também, a outra edificação da arquitetura histórica de Marapanim, que é considerada como a mais importante do município, o Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja. Este imóvel pertenceu a uma significativa personalidade do município, no período republicano. A construção localiza-se na Rua Diniz Botelho, ao lado da igreja de Nossa Senhora das Vitórias (padroeira do município).

De acordo com Conceição (1995, p 51) o edifício foi construído no ano de 1890 com a finalidade de servir como sede do governo municipal, embora só tenha sido finalizado em 03 de setembro de 1893, a partir da participação da população de Marapanim e com a doação do Coronel Henrique Botelho Diniz.

O prédio foi tombado pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECULT-PA), em 1994. No entanto, afirma Ribeiro (2017, p. 45) que não foram encontrados em meio a suas documentações os projetos arquitetônicos devidos, ou ainda levantamentos para compor seu inventário. A imagem abaixo foi registrada em agosto de 2021, é possível observar na imagem que o prédio em questão, encontrava-se totalmente deteriorado e abandonado.

Figura 10 – Prédio histórico - Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Contudo, ressaltamos que no período em que registramos a imagem acima, o prédio já constava com a aprovação do Projeto de Restauração, Reforma, Adaptação e conservação, previsto para iniciar em 26 de junho de 2020, tendo como previsão de término a data de 25 de

dezembro de 2020, com emenda parlamentar do senador Paulo Rocha (Partido dos Trabalhadores-PT), tendo como agentes participantes o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Prefeitura Municipal de Marapanim, como é possível observar na imagem abaixo, nas placas instaladas ao lado do monumento. A obra, segundo informações da Secretaria de Cultura do Município, não iniciou na data prevista, por conta da Pandemia do Covid-19, que paralisou diversas obras.

Figura 11– Placas que constam as informações sobre a obra de revitalização do prédio histórico



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Ao retornar em março de 2023 ao município, fizemos este outro registro, como podem ver nas imagens a abaixo o mesmo prédio só que após a conclusão de revitalização.

Figura 12– Fachada do Paço Municipal Monsenhor Edmundo Igreja, após revitalização.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 13– Prédio histórico – Paço Municipal após revitalização



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

O prédio após a sua revitalização passou a ser a sede da Prefeitura Municipal de Marapanim e se tornou um dos atrativos turísticos do município. Não somente esse, mas, há ainda, outros monumentos que carecem de projetos de revitalização, e que merecem essa atenção, uma vez que, também, ajudam a compreender o processo histórico pelo qual a cidade passou.

A nível de estrutura, o município consegue atender bem as necessidades da população e apresenta uma boa estrutura urbana para receber turistas, pois, conta com hotéis, pousadas, supermercados, padarias, farmácias, hospital, agências bancárias, correios, lojas de todos os segmentos, bem como, uma vasta opção de restaurantes e pontos de vendas de comidas, principalmente, as comidas típicas do Estado do Pará.

A gastronomia local chama a atenção dos turistas, por ser considerada uma das melhores do Estado do Pará, segundo o Estudo Socioambiental realizado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio); e por oferecer uma variedade de peixes, mexilhão, sarnambi, camarão, caranguejo, siri e o famoso e exótico turú (molusco que é retirado do tronco de árvores apodrecidas do mangue), além da diversidade de frutas exóticas encontradas facilmente na região como bacuri, cupuaçu, açaí, pupunha, ajiru, muruci, tucumã, taperebá, araçá, entre outras. Todas essas iguarias são encontradas para compra, tanto no comércio, quanto nas estradas que dão acesso as agrovilas do município.



Nas imagens a seguir é possível observar como é comum encontrar à beira das estradas, vendas de diversos produtos, principalmente frutos do mar e frutas típicas da época. É uma maneira de atrair o interesse do turista, pela facilidade de encostar o veículo e realizar sua compra a caminho do seu destino, assim como é uma forma da população, inclusive, adquirir renda para o sustento de suas famílias.

Figura 14 – Ponto de venda de camarão, na estrada.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 15 – Barraca de venda de camarão, na vila que dá acesso a Marapanim.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Marapanim tem como característica do seu cotidiano, a diversidade de rotinas acontecendo no mesmo ambiente. A região que abrange o município se divide em espaço urbano, rural e praiano, estes espaços possuem suas particularidades cotidianas, das quais descreveremos adiante. Apesar de pertencer a uma região interiorana, a cidade não é totalmente pacata, pois a atividade comercial urbana, no município, é responsável pela movimentação constante na cidade.

Na Avenida Barão do Rio Branco é onde se concentra grande parte das lojas, açougues, escolas, farmácias, panificadoras, restaurantes e supermercados; a avenida é frequentada por diversos moradores, diariamente. Em contrapartida, temos também dentro do mesmo espaço urbano, o cotidiano dos pescadores, que madrugam em suas práticas pesqueiras e ao amanhecer comercializam o que extraem da pesca, no mercado municipal, que fica localizado às margens da bacia hidrográfica do Rio Marapanim.

Outro aspecto que compõe o cotidiano da região é a zona Rural, os habitantes dos vilarejos, vivem em sua maioria da agricultura familiar, apesar de viverem afastados da cidade, ainda assim, necessitam se deslocar ao espaço urbano para vender seus produtos agrícolas, bem como para buscar por serviços de saúde, bancários ou comerciais, por exemplo.

A população que habita em comunidades praianas, em sua maioria vivem do extrativismo de pesca e da atividade Turística. Os moradores de regiões de praia, também compõe o cotidiano da cidade de Marapanim, uma vez que estes, mesmo tendo seu cotidiano local, também dividem o cotidiano urbano juntamente com os demais grupos, pois necessitam comercializar o pescado e também fazer aquisição de bens e serviços essenciais.

Destaca-se também que o cotidiano da cidade é atravessado por pessoas de outras regiões, principalmente em período de veraneio, visto que, a cidade é um dos pontos turísticos da região do salgado, o que afeta diretamente na rotina da região, pois, a cidade volta sua atenção aos turistas, o que leva a uma maior movimentação no município nesse período. E ao falar de turismo na região, não podemos deixar de mencionar sobre a cultura marapaniense, principalmente, aquela que tem como maior representatividade o carimbó.

E antes de iniciarmos o capítulo que versa sobre a cultura marapaniense, vale ressaltar que uma das principais características do município, se dá por ele pertencer a uma região litorânea amazônica, e ser rodeado de manguezais. Por conta desta característica, o extrativismo de caranguejo, assim como nas demais regiões da Zona do Salgado, é o grande destaque, tanto no comércio, quanto na culinária, turismo e cultura.



Essa representatividade do extrativismo do caranguejo, se faz presente até no formato do Portal de entrada da cidade, como podemos observar na imagem abaixo. A estrutura do monumento faz alusão a forma física de um caranguejo.

Figura 16 – Portal de entrada do município de Marapanim-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Além do portal de entrada do município, há também outros dois monumentos turísticos, que chamam a atenção de quem visita a cidade, ao passar pelo portal a primeira imagem que se avista é do monumento em homenagem ao Mestre Lucindo, que é uma referência na cultura de Marapanim, do qual veremos no próximo capítulo. O segundo monumento turístico é letreiro da cidade, inaugurado em 2019.

Figura 17– Letreiro do município de Marapanim-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

### 2.3 - “Marapanim, terra do Carimbó!” – Breve abordagem sobre a cultura marapaniense.

O município de Marapanim é conhecido em todo o Estado por conta da sua cultura, a diversidade cultural do município se destaca principalmente pelos eventos ligados ao Carimbó<sup>6</sup>. Marapanim, é palco de um dos mais tradicionais eventos culturais da região nordeste do Estado do Pará, o chamado Festival do Carimbó; evento que exalta o ritmo musical paraense e que homenageia o principal cantor e compositor do município, Mestre Lucindo Rebelo da Costa.<sup>7</sup>

Mestre Lucindo é considerado pelos moradores do município como um dos maiores expoentes da Cultura marapaniense, seu legado segue até hoje, sendo passado de geração à geração pelos grupos de carimbó. Sua relevância para a cultura marapaniense lhe rendeu um monumento na entrada do município, como podemos observar no registro abaixo.

Figura 18– Monumento de Mestre Lucindo, na entrada da cidade.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

---

<sup>6</sup> O termo ‘**carimbó**’ designa o instrumento musical denominado curimbó, tambor feito de um tronco internamente escavado, onde em uma das extremidades é colocado couro curtido (FUSCALDO, 2015, p. 83)

<sup>7</sup> **Mestre Lucindo** – nasceu no ano de 1908 na Vila de Cujutuba em Marapanim, cidade do nordeste do Pará. Responsável por mais de 300 composições, no entanto, lançou apenas um LP, período em que perdeu, inclusive, direitos de algumas canções. Uma das características de suas composições são os destaques as belezas da região do salgado, bem como, o imaginário das populações da Amazônia. Lucindo foi pessoa que esteve à frente do grupo de carimbó “O Canarinho”, que tinha como principal característica a divulgação do tradicional Carimbó pau e corda. Lucindo faleceu em 1988, mas, deixou seu legado para a cultura musical de Marapanim

Além do Festival do Carimbó, são realizados outros eventos que também são atrativos turísticos, por exemplo, o Baile do Sol, o Festival da Regata a vela do Rio Marapanim, Carnarimbó e Zimbaribó, bem como, os eventos religiosos do Círio e Arraial de Nossa Senhora das Vitórias.

O Círio de Marapanim é um dos eventos religiosos que mais atrai turistas para a região, e de acordo com as informações prestadas pela secretaria da Igreja Católica, a realização começou em 1904 quando o Padre José Maria do Vale, fundador de Marapanim, retornou de uma visita que fez à Arapijó, e trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora das Mercês, e devido graças alcançadas, o religioso decidiu criar o Círio de Nossa Senhora das Vitórias, um evento que se tornou tradição, bem como é realizado a mais de 100 anos e reúne milhares de fiéis.

Figura 19– Trasladação da imagem de Nossa Senhora das Vitórias.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

A imagem acima é um registro da primeira Trasladação de Nossa Senhora das Vitórias, após o isolamento por conta da Pandemia do Covid-19. Esse evento, antecede a procissão que acontece no domingo, no entanto, não deixa de ser um momento tão emocionante quanto, onde se manifestam a fé e devoção dos católicos.

Um dos elementos principais da cultura de Marapanim-PA é o Carimbó, tanto do ponto de vista turístico quanto cultural. Uma pesquisa realizada pelo IBGE (2010) constatou que o município é reconhecido como a “terra do carimbó”, apesar do ritmo não pertencer exclusivamente ao município, o gênero musical em Marapanim é bastante presente na cultura



local, no entanto, se distingue do carimbó do Marajó, por exemplo. Uma das características que ocasiona essa distinção deve-se ao fato de Marapanim situar-se na Zona do Salgado, região onde se entrecruzam a floresta amazônica e o oceano atlântico, e por conta disto, nessa região litorânea do Pará, de acordo com Fuscaldo (2015) o ritmo recebe a denominação de Carimbó Praieiro (ou praiano). As letras do carimbó praieiro, traduzem fortemente, as características fisiográficas que envolvem o seu contexto de produção, e refletem, dentre outras coisas, os modos de ser do homem amazônico e sua relação com a natureza e formas de trabalho.

Como já mencionado neste capítulo, Marapanim com o passar dos anos se tornou sede de um dos principais eventos culturais da região, o Festival do Carimbó, evento que se tornou tradição e busca fomentar a cultura popular por meio do carimbó. O festival conta com a apresentação de grupos de danças folclóricas, artistas e compositores de carimbó da região, principalmente da zona rural.

As apresentações culturais mantem o objetivo de continuar repassando as tradições do carimbó ao demais, tendo como referência sempre a figura de Mestre Lucindo. Além do festival citado, há também no município outros eventos diretamente ligados ao ritmo do carimbó, como por exemplo, o Carnarimbó, que surgiu com o bloco 'Garnizé da madrugada', tendo como um de seus idealizadores o músico, Alcemir Palheta, este foi um marco, uma vez que foi a primeira vez que grupos de carimbó subiram em um trio elétrico para realizar o carnaval. Por ser o carimbó a marca do município, a cultura e turismo local também são diretamente influenciados pelo carimbó, pois a cidade recebe anualmente muitos turistas, principalmente no período dos eventos culturais que envolve ritmo.

Sendo o Carimbó a marca registrada da cultura em Marapanim-PA, é muito comum encontrar estabelecimentos comerciais que carregam em suas denominações homenagens aos mestres do carimbó ou até mesmo ao ritmo em si.

Além dos festivais culturais, o turismo em Marapanim, também tem como atrativo as praias e balneários. As praias que fazem parte da administração de Marapanim são: a Praia do Crispim e a Praia do “Lembe”, esta última localizada na Vila de Camará, ambas atraem muitos turistas, principalmente no período de veraneio.

Após a abordagem sobre o contexto histórico e cultural do município de Marapanim-PA ao qual pertence a comunidade do Crispim, o foco desta pesquisa, é necessário que identifiquemos o que se sabe oficialmente sobre a Praia do Crispim, para darmos andamento a nossa investigação dos vestígios da sua história.

### 3- “O QUE SE SABE OFICIALMENTE SOBRE A PRAIA DO CRISPIM?”

#### 3.1 – “Garimpendo informações” - Veículos oficiais do município, livros e sites.

Temos como finalidade, neste capítulo, abordar sobre o que se sabe, oficialmente, sobre a Praia do Crispim. Tendo em vista, que tudo relacionado a comunidade, sabemos apenas por registros e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade -ICMBio, ou seja, são dados muito mais estatísticos do que históricos, mas que podem nos fazer compreender sobre alguns aspectos da temática que nos dispomos a investigar.

De acordo com o IBGE (2010) a praia do Crispim é uma das mais importantes e extensas do Município de Marapanim, localizada no litoral do Estado do Pará, fica em um ramal à 8 km do trevo que liga Marapanim a Vila de Marudá. Segundo os moradores e donos de pousadas na praia, a comunidade recebe anualmente muitos turistas que vão em busca de tranquilidade, lazer e contato com a natureza. Atualmente, a comunidade dispõe de estrutura razoável com pousadas, restaurantes, bares e apresentações culturais aos fins de semana. Para quem aprecia esportes aquáticos, a praia se tornou um point dos praticantes de kitesurf<sup>8</sup>, sendo sede, inclusive de campeonatos.

Figura 20– Praticante de Kitesurf, na Praia do Crispim.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

<sup>8</sup> O **Kitesurf** é um esporte aquático que utiliza uma pipa ou papagaio e uma prancha com suporte para os pés, sendo o objetivo, “voar” e deslizar sobre a água, puxado pela pipa. É uma mistura de windsurf, surfe e wakeboard. Este esporte é bem recente e está ficando popular no Brasil e no mundo. Fonte: <https://www.infoescola.com/esportes/kitesurf/>

O registro acima foi feito durante o período de veraneio amazônico, o esporte aquático vem ganhando bastante destaque na Praia do Crispim, desde a inauguração da pousada P9 Kite Point que oferece, inclusive, treinamentos para os turistas que possuem curiosidade em praticar o esporte, além de receber o público já praticante do mesmo. No web site Kite Center Pará<sup>9</sup>, eles descrevem as praias de Crispim e Marudá, como excelentes locais para a prática do esporte, ressaltando ainda que a praia predileta dos kitesurfistas paraenses é a do Crispim.

Na praia do Crispim o kitesurf é indicado, principalmente, para quem está iniciando, por ter um ambiente tranquilo, embora em dias de maré cheia, se torne perigoso, pois é quando muitos banhistas aproveitam para entrar no mar e isso, pode acabar ocasionando acidentes. Outros perigos eminentes com a maré cheia, são as barracas e linhas de alta tensão dos postes que acabam sendo tomados pela maré, dificultando o desvio do equipamento com segurança.

Como podem observar na imagem abaixo, a estrutura da pousada é de madeira como a maioria das casas e estabelecimentos do local. De acordo com ICMBio (2014) o fato se justifica, porque as construções litorâneas de maneira geral, recebem menor impacto com a maresia, do que outros tipos de materiais.

Figura 21– P9 Kite Point Pousada e Restaurante na Praia do Crispim.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

<sup>9</sup> Endereço do Site Kite Center Pará: <https://kitecenterpara.wixsite.com/kitesurf/maruda-crispim>

A respeito de sua organização enquanto sociedade civil, de acordo com o Estatuto Socioambiental do ICMBio (2014) a comunidade da Praia do Crispim, conta com uma Associação de Moradores que atua a mais de 20 anos e que possui sede própria, a mesma está sendo reativada após um período sem atividades. As eleições acontecem somente entre os moradores e proprietários de estabelecimentos comerciais da comunidade. A principal ação da diretoria é buscar recuperar a adimplência da organização social civil.

Uma das funções da associação, também, é o controle da distribuição da água na comunidade. Segundo membros da associação comunitária as duas caixas d'água utilizadas no abastecimento de água para a comunidade foram compradas pelos próprios moradores. E por isso, a associação é a responsável pela distribuição e cobrança das mensalidades de consumo dessa água.

Na imagem a seguir, pode-se observar que os reservatórios não possuem uma grande capacidade de armazenamento, mas atendem bem a comunidade, os valores das tarifas de água são cobrados de acordo com uma distribuição determinada pela organização civil, as residências pagam um valor inferior aos estabelecimentos, que por vez, consomem mais. Existe um horário de funcionamento dos reservatórios, os mesmos são ligados em dois horários, um pela parte manhã e outro no final da tarde, a manutenção é paga pela associação, conforme a arrecadação das tarifas.

Figura 22– Sistema de distribuição de água da comunidade.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



São os moradores e membros da associação que ficam responsáveis, também pela administração da logística para receber os turistas que chegam de veículos particulares ou em ônibus de passeio. Durante o ano todo a comunidade recebe turistas, no entanto o fluxo de circulação aumenta no verão, principalmente, no mês de julho, por causa das férias escolares.

A comunidade deixa sempre pessoas responsáveis em organizar os veículos dentro do estacionamento, assim como, alguém responsável por cobrar a taxa para estacionar. A imagem abaixo foi realizada no mês de julho de 2022, e mostra como são muitos os ônibus de passeio que circulam na praia do Crispim, nesse período.

Figura 23– Imagem de ônibus de passeio no estacionamento privativo da comunidade



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

De acordo com a pesquisa realizada em conjunto com o Laboratório Central do Estado do Pará (Lacen) e Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), sobre a Balneabilidade das praias no Pará, a Praia do Crispim é hoje, considerada uma das mais saudáveis da região do Salgado.

Um dos diferenciais da Praia do Crispim ainda se dá pela tranquilidade do local, em relação a outras praias do Estado, são quilômetros de faixa de areia onde se pode curtir a natureza tranquilamente, inclusive sem interferências de sons automotivos na área da praia que são proibidos pelos moradores da comunidade. Como podem ver na imagem a seguir existem diversas placas informando a proibição de sons automotivos, bem como, a circulação

de qualquer veículo nas areias da praia. Medidas como esta, são atrativos, principalmente por quem busca desfrutar do lazer em família.

Figura 24 – Placas informativas sobre a proibição de carros na área de praia.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

A segunda imagem é um registro da atuação dos funcionários dos restaurantes e bares da comunidade, para deixar tudo organizado para receber os turistas, principalmente no horário em que a maré começa a encher, pois é o período em que os banhistas costumam chegar.

Figura 25– vendedores organizando as mesas para chegada dos turistas



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Tendo em vista que a Praia do Crispim é uma localidade importante para a Região do Salgado, tanto do ponto de vista turístico quanto ambiental, por ser esta comunidade, inclusive demarcada como Reserva Extrativista Ambiental, que leva o nome de Mestre Lucindo, como é possível observar no registro feito da placa da Republica Federativa do Brasil. É importante e de extrema relevância que se busque compreender sobre a história da comunidade, para que esta, tenha registros da sua história e cultura oficialmente reconhecida.

Figura 26 – Placa da República Federativa do Brasil- Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Não há muitas informações sobre a comunidade da praia do Crispim nos veículos de comunicação oficial do município ao qual pertence, embora seja possível encontrar informações em Mídias alternativas como as redes sociais, estas também, só apresentam dados estatísticos relacionados, em sua maioria, ao turismo. Há algumas produções científicas que abordam sobre pesquisas na comunidade, muitas delas nas áreas de geografia, engenharia ambiental, engenharia de pesca e matemática. No entanto, constatamos que não há nenhuma produção que verse sobre a história da comunidade da praia do Crispim.

### **3.2- “OS NARRADORES DO CRISPIM” – “conhecendo um pouco da história da praia pelos primeiros habitantes do local”**

Como mencionado no decorrer deste trabalho, constatamos após uma pesquisa minuciosa, que não havia, até o presente momento, qualquer registro oficial que contasse sobre a história da comunidade da Praia do Crispim. Esta, que é uma das mais importantes praias da região do Nordeste do Estado do Pará, e que se tornou de grande relevância, principalmente, para o turismo no Estado. Deste modo, nos desafiamos a investigar possíveis vestígios desta história, por meio das narrativas orais de seus moradores.

O título desse capítulo, teve como inspiração a obra cinematográfica “Os Narradores de Javé”, filme brasileiro e de autoria de Eliane Caffé e Luis Alberto de Abreu. A obra em si, tem bastante relação com a pesquisa, por enfatizar a importância das narrativas orais para sociedade, principalmente para compreensão da história e manutenção das memórias e identidade cultural de um povo, como é o caso da comunidade da Praia do Crispim. Em paralelo, trazemos reflexões sobre a importância das narrativas orais, uma vez que, cada narrador pode ser nutridor das memórias tanto individuais, quanto coletivas da comunidade.

Cabe ressaltar aqui, que o primeiro dentre os muitos assuntos abordados neste capítulo, consiste na apresentação de um breve histórico de vida de cada ator social, bem como, o motivo da escolha e relevância destes, para a conclusão desta pesquisa.

Este capítulo, assim como os seus subcapítulos, pretendem nos fazer refletir sobre as narrativas orais nas relações sociais humanas e a sua importância na compreensão da história e compartilhamento dos saberes, assim como na troca de experiências entre os membros que compõem a comunidade. O papel das narrativas orais é traçar o caminho da construção do lugar, das experiências e das vivências, levando em consideração que cada história acaba por refletir uma experiência pessoal, assim como abraça também, as experiências da coletividade onde vivem aqueles que relatam suas histórias.

Os atores sociais que contribuíram com este trabalho foram, a priori, escolhidos de forma criteriosa, pois a proposta da pesquisa era justamente descobrir os possíveis vestígios da história da Praia do Crispim. Sendo assim, ambos precisariam nos fazer compreender por meio de suas memórias, as seguintes indagações, que norteiam o interesse por esta pesquisa: Por que a praia se chama Crispim? quem foram os primeiros habitantes a residir a localidade? Quais as características da cultura local? como se deu o processo de povoamento? Essas e outras perguntas, foram o fator propulsor que nos fizeram buscar através das narrativas orais,



a possibilidade de repostas para traçar os caminhos desta história. Pois, como cita Walter Benjamin (1994) somente quem viveu diversas experiências tem o que contar. Em *O Narrador*, o autor faz várias considerações que nos permite refletir acerca da importância da forma mais antiga da expressão popular que é o ato de narrar.

É crucial que se leve em consideração também, a importância do acesso à informação, uma vez que, a comunicação possui um papel essencial no entendimento da história e no reconhecimento, através da visibilidade que se dá a identidade cultural de um povo, bem como auxilia na conscientização sobre temas urgentes como o da preservação e combate a degradação ambiental e o da democratização do conhecimento, de práticas e saberes do homem da região amazônica.

Estas questões também despontam nos aspectos econômicos, políticos e sociais da comunidade pesquisada. Portanto, proporcionar a visibilidade das temáticas abordadas na compreensão da história da Comunidade do Crispim-PA em documentos oficiais, científicos e nos meios de comunicação é fundamental, pois, a visibilidade ajuda, sobretudo no processo de inserção das temáticas necessárias no debate público.

Para darmos início a breve apresentação da biografia de cada ator social, é importante destacar que um dos momentos mais desafiadores da pesquisa, foi justamente a realização das entrevistas. As adversidades vividas em campo, nos fez compreender que nem sempre é possível se manter distante de envolvimento com a vida dos atores sociais. E que por diversas vezes nos vimos preocupados com o estado de saúde deles, uma vez que são pessoas, em sua maioria idosas, não os colocamos em posição apenas de possíveis “informantes”, mas como pessoas que são importantes para aqueles que os amam, e que podem contribuir muito com a comunidade da qual fazem parte, apenas compartilhando suas memórias.

Todas as informações acerca da história de vida dos atores sociais se fazem necessárias para compreendermos o contexto social que cada um ocupa, na comunidade. Pois, isso nos ajuda a entender qual a bagagem que cada narrativa pode trazer consigo, com base nas memórias de cada um.

A primeira história vida que iremos apresentar brevemente, é do primeiro ator social indicado pelos demais membros da comunidade da Praia do Crispim, o senhor Jorge de Souza Pinto (figura 27), atualmente tem 82 anos, é brasileiro e natural de Marapanim-PA. Seu Jorge, ou “velho Jorge” como é popularmente conhecido na comunidade, é aposentado, tem como crença o catolicismo, é casado com Marcelina Pinto e pai de seis filhos. Antes de aposentar,

exerceu a profissão de pedreiro, e foi assim que chegou a comunidade a qual reside. Embora tenha filhos, Jorge mora somente com sua esposa Marcelina, os filhos residem no município de Marapanim.

Seu Jorge é considerado pelos moradores como uma das primeiras pessoas a morar na praia do Crispim. Sua casa fica localizada à uns três quilômetros de distância da parte movimentada da praia. O terreno em que mora faz parte de uma área pertencente a reserva da união, é uma vila em que, obrigatoriamente, só pode ser habitada por pescadores. Seu Jorge, apesar de aposentado, também exerceu por muitos anos a prática da pesca artesanal <sup>10</sup> atualmente, exerce a prática pesqueira somente para seu sustento e de sua família.

Figura 27 – Ator social 1 (Jorge de Souza Pinto, 82 anos)



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Seu Jorge é um homem possui muitos saberes locais e práticas que adquiriu conforme sua vivência na praia. Durante visita de campo, nos surpreendeu a gama de conhecimentos

---

<sup>10</sup> A **pesca artesanal na Amazônia** brasileira é de vital importância para o fornecimento de alimento à população local e como fonte de renda, obtida através da comercialização do pescado nos mercados dos centros urbanos regionais e da exportação para o sul do país ou mesmo para o exterior. Fonte: Isaac, Milster, Rufino (1996, p. 185)

mostrados pelo ator social, em relação a pesca, além dos conhecimentos empíricos, algo que se destaca é a sua relação com o mar e a natureza, vai além da relação de coexistência, é uma relação de respeito. Acerca do que foi descrito, o autor tece as seguintes considerações:

Os pescadores artesanais mantêm contato direto com o ambiente natural e, assim, possuem um corpo de conhecimento acerca da classificação, história natural, comportamento, biologia e utilização dos recursos naturais da região onde vivem (Silvano, 1997).

No dia do primeiro contato para entrevista, seu Jorge e sua esposa Marcelina, nos convidaram para irmos até sua casa (figura 28 e 29), da qual eles chamam de “barraco”, as construções de madeira são muito comuns nessa área de praia, visto que elas são as mais indicadas para enfrentarem a maresia, sem que ocasione muitos danos. A escultura do homem em frente a casa do casal, foi feita por um de seus filhos que demonstra gosto por esculturas, segundo pai. O terreno da casa é rodeado de pés de ajiru, uma fruta típica da região norte.

Figura 28 – Casa do ator social Jorge Pinto na Praia do Crispim



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 29 – Casal Jorge e Marcelina



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Apesar do objetivo aqui, ser apresentar uma breve biografia dos atores sociais que colaboraram com esta pesquisa, ressalto a importância de se abrir um parêntese para a figura da senhora Marcelina Pinto. Assim como seu marido, ela também entende muito sobre as práticas pesqueiras, ao ser perguntada sobre como aprendeu a manusear a rede de pesca, ela respondeu: “aprendi só observando ele (marido) fazer... são tantos anos juntos fazendo esse caminho pra colocar a rede e despescar a rede, que eu já sei o que fazer de olhos fechados”.

Segue abaixo alguns registros de Marcelina recolhendo as redes de pesca da praia, uma atividade que eles fazem todos os dias, para garantir o alimento, como não há energia elétrica na área em que residem, eles não têm como armazenar os peixes.

Figura 30 – Marcelina Pinto, esposa do seu Jorge.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Figura 31 – Dona Marcelina organizando rede de pesca



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

O segundo ator social do qual apresentaremos uma breve história de vida é do senhor Amado Pinheiro Negrão que nasceu no ano de 1926, no dia 13 de setembro, tem atualmente 95 anos de idade, sendo este, de nacionalidade brasileira, nascido no Estado do Pará, viúvo, de religião católica, aposentado e pai de quatro filhos. Seu Amado nasceu e se criou na comunidade do Crispim-PA, sua família, no caso seus pais, são considerados pelos demais moradores como os fundadores da comunidade. Diferentemente de seu Jorge, e dos demais atores sociais que veremos posteriormente, este não migrou de outra cidade. Seu Amado é conhecido popularmente pelo apelido de “Boi sem rabo”, segundo seu o primogênito Lázaro, o apelido se deu porque durante o cortejo do cordão de boi, seu pai que estava sob efeito de bebida alcoólica, teria arrancado o “rabo do boi” e saído correndo com parte da alegoria em mãos, por isso, ganhou esse apelido.

Figura 32 – Ator social 2 - Amado Pinheiro Negrão, 95 anos, (apelido: “boi sem rabo”).



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

No capítulo 1.3 que versa sobre os procedimentos metodológicos, há relatos sobre como foi difícil encontrarmos seu Amado para contribuir com a pesquisa. Resumidamente, para chegarmos até ele, tivemos que solucionar com a ajuda de seu sobrinho, o mal-entendido que fizeram acerca de sua vida. Seu Amado era casado, porém sua esposa faleceu no dia 29 de julho, com 89 anos, um mês antes de conseguirmos contato com seu Amado. Sua filha nos contou que a mãe, a senhora Orlandina Miranda Costa Negrão foi a primeira professora da comunidade e que sabia contar muitas histórias sobre a Praia do Crispim.

Ela nos mostrou um caderno cheio de registros com piadas, causos e poesias que a esposa de seu Amado adorava escrever. Contou-nos também que a mãe ofertava diversos cursos para as mulheres da comunidade. Ressalto aqui, que devemos dar mesma importância que demos a dona Marcelina, porque é necessário proporcionar visibilidade ao protagonismo de mulheres que foram ou continuam sendo, de muita relevância para a comunidade.

Figura 33 – Residência de seu Amado Negrão



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

A imagem acima é da residência de seu Amado, esta já é a terceira casa, porém sua família foi a primeira a ter construção em alvenaria da comunidade, construída sob o mesmo terreno da casa em que viveu com sua família por muitos anos na sua infância. Uma curiosidade é que a primeira casa foi erguida pelo pedreiro de apelido “caboquinho”, este é pai de seu Jorge e já falecido. Esta casa, não é de madeira como as demais construções, porque não está na beira

mar, mas sim, em uma vila chamada Bacuriteua, da qual mais a frente explicaremos que foi onde a comunidade do Crispim começou.

Seu Amado, pertence a uma família considerada tradicional e de influências na política de Marapanim, é filho do ex vereador Elias Negrão, que foi eleito em 1950 na gestão de Osvaldo de Carvalho. É irmão da Professora Eneida Lisboa, bem como, tio do ex vereador José Luís Pinto Lisboa. Tal fato, nos possibilita entender como surgiu a influência de seu Amado na comunidade do Crispim, e por consequência no processo de ocupação da praia.

O terceiro ator social é o senhor Lorival Rosa Nunes, nascido em 05 de janeiro de 1950, tem 72 anos de idade, de nacionalidade brasileira e natural de Bragança. Seu Lorival é viúvo, pertence a religião católica, atualmente trabalha como caseiro, e tem oito filhos, sendo estes, duas mulheres e dois homens. Diferente da história dos dois atores sociais citados anteriormente, que foram um dos primeiros a residirem na Comunidade do Crispim, seu Lorival, chegou a comunidade tempos depois, está há quase 50 anos.

O mesmo, veio da Vila de Fátima que pertence ao município de Bragança, ele decidiu migrar para a comunidade, no período, segundo ele do URV<sup>11</sup>, “[...] foi no tempo do URV que eu vim embora pra cá, aumentava a mercadoria hoje e quando era amanhã já era outro preço, tempo horrível e difícil pros pobres, então eu vim criar meus filhos pra cá”.

Figura 34– Ator social 3 - Lorival Rosa Nunes, 71 anos.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

<sup>11</sup> Unidade Real de Valor. A URV era um índice calculado diariamente pelo Banco Central, implementado no dia primeiro de março de 1994 e que oscilava como o dólar. Servia para reajustar preços e salários para que ambos caminhassem no mesmo compasso. À época, a inflação no Brasil estava em mais de 5.500% ao ano. A intenção era fazer com que, após alguns meses em que a URV servisse como referência de preços para a população, se tornasse moeda, o real. A moeda corrente naqueles tempos era o cruzeiro real. Todos os cálculos eram feitos em URVs, mas pagos em cruzeiro real. Fonte: <https://vademecumbrasil.com.br/palavra/urv>



Seu Lorival nos narra, inclusive, que muitas das famílias que moram na Comunidade do Crispim, também migraram no mesmo período, por ser uma região em que havia fartura de peixe para consumo. Este, nos deu uma informação que até então, não havia sido mencionada pelos demais atores sociais, em relação a localização inicial da comunidade, fato este que veremos no subcapítulo 3.2.2 sobre o processo de ocupação da terra. Embora o senhor Lorival, não tenha nascido, nem se criado na comunidade do Crispim, este é uma pessoa que vivenciou diversas situações, desde a migração de famílias por conta das condições citadas, bem como, de que forma essas famílias se instalaram na comunidade e como estão hoje após esse processo migratório.

O quarto ator social, na verdade é uma mulher e se chama Conceição Maria Souza do Nascimento (figura 35), tem 64 anos e nasceu no dia 06 de dezembro de 1956, é brasileira e natural do Maranhão, casada, mãe de três filhos e tem como religião o catolicismo. A senhora Conceição mesmo não lembrando com exatidão, nos narrou que chegou na Praia do Crispim em 1998, após passar por muitas dificuldades onde moravam, uma pessoa que é da família os informou que no Crispim haviam muitas possibilidades de melhorar de vida, pois tinha a pesca e o turismo (o que confirma a versão de seu Lorival, a respeito do motivo das pessoas migrarem para essa região).

Dona Conceição, embora tenha se mudado somente em 1998 para a comunidade, esta foi citada nas duas narrativas, tanto de Jorge, quanto de Amado, como sendo a primeira mulher a colocar um bar e restaurante na Praia do Crispim, dando oportunidade de gerar renda não somente para sua família, mas para outras pessoas que trabalham com ela e são da própria comunidade.

Figura 35– Ator social 4- Conceição Nascimento, 64 anos.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Conceição, é casada com o quinto ator social desta pesquisa, o senhor Francisco Mendes, popularmente conhecido como “Souza”, 72 anos, aposentado, já foi pescador e hoje auxilia sua esposa em seu empreendimento, seu Souza ingressou nas contribuições da pesquisa, após participar indiretamente das narrativas do próximo ator social que iremos apresentar. Uma figura bastante conhecida na praia, por junto com sua esposa, gerar oportunidade de renda para a comunidade.

Figura 36– Ator social 5- Francisco Mendes, 72 anos.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Por fim, e não menos importante, o sexto e último, ator social que colaborou a pesquisa, trata-se do senhor Amâncio Braga Lopes, nascido em Magalhães Barata, no ano de 1963, casado e pai de dois filhos. Seu Amâncio chegou na Praia do Crispim, na época em que a comunidade ainda era somente uma vila de pescadores. O mesmo, sempre viveu da pesca, mas por conta de problemas de saúde, hoje trabalha apenas informalmente no restaurante de dona Conceição para garantir o sustento de sua família. É uma pessoa querida pelos moradores e tido como alguém prestativo. Suas narrativas contribuíram muito para o entendimento de questões relevantes para a finalidade da nossa pesquisa.

Figura 37- Ator social 6 – Amâncio Lopes, 60 anos



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Os subcapítulos a seguir tem por finalidade abordar a respeito das narrativas orais coletadas daqueles que contribuíram como atores sociais desta pesquisa, que tem por objetivo a busca e compreensão dos vestígios da história da comunidade da Praia do Crispim. Assim como, refletir sobre as narrativas orais nas relações sociais humanas e sua importância na construção dos saberes e da troca de experiências da comunidade. Tendo em vista que, o papel das narrativas orais é traçar o caminho da construção do lugar, das experiências e das vivências, pois cada história acaba por refletir uma experiência pessoal, assim como proporciona também, as experiências coletivas da comunidade onde vivem, aqueles que narram suas memórias.

### **1.1 – Por que Praia do Crispim?” – Narrativas orais sobre a origem do nome da comunidade.**

Neste subcapítulo será possível entender, por meio das narrativas orais, dos atores sociais a origem da denominação da comunidade da Praia do Crispim. Um dos momentos de grande relevância para a pesquisa, que ascenderá, por consequência uma discussão sobre os traços de violência colonial, especificamente ligados à escravidão.

Diante de todas as informações dadas sobre esta pesquisa, tornou-se notório que a intenção de realiza-la, surgiu do interesse pelos estudos toponímicos. E foi por não conseguirmos, a priori, desvendar a etimologia do nome do lugar, que passamos a buscar primeiramente por seu contexto histórico, para assim investigar a possível motivação desta denominação.

A Toponímia é a ciência linguística que se dedica aos estudos dos nomes próprios, sejam de pessoas (antropônimos), ou de lugares (topônimos). Sobre essa temática Karylleila Andrade, tece as seguintes considerações:

Os estudos toponímicos, dentro do alcance pluridisciplinar de seu objeto de estudo, constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas, que ocuparam um determinado espaço. Quando o indivíduo ou comunidade linguística atribui um nome a um acidente humano ou físico, revelam-se aí tendências sociais, políticas e culturais. ANDRADE (2010, p.103)

É válido ressaltar, que o primeiro passo para se consiga desvendar a motivação da denominação do lugar, é buscar entender seu contexto histórico e por consequência, alguns outros contextos como o cultural e social, por exemplo. E ainda assim, de acordo com Andrade (2010, p.107) não é possível prever com exatidão a intenção que influenciou o ato da

nomeação quando existe a ausência de quem o denominou, ou até o intervalo cronológico do tempo da denominação, bem como a ausência de registros em mapas cartográficos ou livros.

Nesse sentido, a intenção inicialmente desta pesquisa era em buscar por meio de sua história, entender a motivação do nome dado à praia do “Crispim”, no entanto, não encontramos nenhum documento oficial sobre a sua história.

E partindo desse pressuposto, nos propusemos a investigar os vestígios da história da comunidade, por um viés da perspectiva das narrativas orais, na intenção de buscar compreender como a comunidade surgiu, bem como aconteceram as mudanças no seu ambiente físico e social com passar dos anos. Assim como, mostrar de que forma as narrativas orais podem contribuir na compreensão da história e memória desta comunidade.

Durante a entrevista com os atores sociais, buscamos aplicar a todos a mesma pergunta: “o que você sabe sobre o nome da praia do Crispim? Por que ela tem esse nome, saberia me contar o que sabe a respeito?” e a partir de então, as narrativas começavam a surgir. A primeira pessoa entrevistada foi seu Jorge, este iniciou justificando que tudo que sabe à respeito é o que ouviu dos pescadores, que segundo ele, andavam pescando pelo Crispim quando nem haviam casas. Vejamos o que nos narra sobre:

“[...] olha eu sei sobre essa história do nome Crispim. Que dizer, o que eu sei é o que os pescadores contavam pra nós. Esses pescadores vinham pra cá quando nem tinha casas aqui. Uma vez... essa história é pesada...um me contou que o avô dele disse, que teve um navio que passou no alto mar quando ele tava pescando com um grupo e esse navio jogou fora uma porção de escravo pra morrer no mar, aí teve uns que conseguiram se salvar. Uns se atracaram no barco pra não se afogar, uns nadavam e outros morrerem. Coisa feia... assim o avô dele contou pra ele. Aí desses um que se atracaram no barco, esses pescador jogaram na praia e lá eles viveram muitos anos, não morreram de fome porque tinha fartura de peixe, aí se criaram aqui. Aí sim! Sobre o nome Crispim, este Crispim era um desses escravo que se salvaram, ele era mesmo que uma liderança dos outros aí falavam que aqui era a praia do Crispim. Aí pegou esse nome até hoje. Como eu disse... essa história me contaram, até porque se eu tivesse visto esse fato, eu nem tava mais aqui de tão velho (risos)”. NARRATIVA 1, JORGE PINTO.

Na narrativa acima é possível notar que a memória revivida pelo ator social partiu da narrativa de uma outra pessoa, portanto, é aquilo que nos afirma Souza (2010, p. 120) que as narrativas orais nos possibilitam uma imersão na história, bem como nos abrem passagem para vivermos experiências que de outra forma seria impossível, possibilitando, inclusive formular problemáticas necessárias para a compreensão do homem e sua relação com o tempo.

Partindo para a narrativa de seu Amado, esse também nos narra sobre o que ouviu a vida inteira sobre a história do nome do lugar, a família de seu Amado apesar de ser considerada a fundadora da comunidade, não anula na história a existência dos que já ocupavam a região,

vejamos o que nos diz seu Amado a respeito da motivação da denominação da Praia, deixo aqui uma observação, seu Amado nos concedeu duas entrevistas, em ambas repetiu a mesma história, mas acrescentou na segunda alguns detalhes, portanto este trecho é um compilado das narrativas. Vejamos o que diz, o ator social 2:

“[...] Olha, foi uma família que vieram. A Flávia que contava para nós, porque ela era muito velha, né? (risos) ela contou que foi uma família... não sei de onde eles eram, vieram e se apossaram, acho que eram de São Domingo, dizem que eram de lá porque quando o pessoal chegou por aqui, acharam muito caco de telha na praia com esse dizer de São Domingos. Aí veio pra cá... se davam o nome de... Marinel, Marusso, Amortaniel, diz que era muitos. Eram escravos que vieram e se apossaram das terras tudinho, só podia ser, porque naquela época tinha muitos que fugiam e iam se isolar. Aí veio este Crispim também no meio. Assim os mais velho contaram pra nós. Quando eu nasci já era esse nome de Crispim” NARRATIVA 2. AMADO NEGRÃO

Como já mencionado no capítulo sobre metodologias, seu Amado precisou da presença dos filhos durante a entrevista, porque estava debilitado de saúde e precisava tomar seus medicamentos. No momento dessa narrativa, um dos filhos de seu Amado, o senhor chamado Lázaro, comentou que desde pequeno quando ele se interessou de saber a respeito do nome da Praia, que os pais contam sobre narrativa, e ressalta:

“[...] Aí devido esses nomes de Marusso, Marinel... o pessoal daqui colocaram o nome também dos filhos... Marusso, Marinel, Amortaniel, tem o Crispim aqui também.” LÁZARO (filho de seu Amado)

Ao perguntar se a família de seu Amado chegou antes ou depois das pessoas citadas, seu Amado afirma que sua família foi quem chegou depois. também são questionados se há alguma descendência dos primeiros habitantes:

“[...] Sim, foi... eles já tavam aqui, minha família veio muito depois. Eles eram muito antigos, demais. Não, não! Parentes não temos com eles, eram escravos que vieram aí...a terra não era habitada, né?” NARRATIVA 2. AMADO NEGRÃO

O terceiro ator social, o senhor Lorival, em sua narrativa sobre o que sabia sobre o nome Crispim, informou que cada pessoa contava um relato diferente sobre a mesma história, e que ele mesmo já teria escutado pelo menos umas três versões. Vejamos:

“[...] iiii moça, se eu lhe contar... eu teria que perguntar qual história desse nome a senhorita ia querer saber. Eu tô aqui uns quase 50 anos e já escutei que: este Crispim era um homem que veio com a família de outra cidade fugido de fazenda... já escutei que eles eram andarilho que tavam procurando um quilombo e se perderam pra cá, já...e por fim tem essa história que ele chegou aqui de barco pelo mar com os parente dele. Por certo mesmo, é que de tudo dessas história eles eram escravo. O pessoal diz que eles eram tudo bem pretinho. Eu sou preto, mas perto deles diz que eu sou branco. É cada um conta uma coisa, mas a verdade que escravo ele era... fugido com os outros.” NARRATIVA 3. LORIVAL NUNES

A próxima narrativa sobre a origem do nome praia quem faz é a senhora Conceição, ao ser perguntada, ela diz que as pessoas ouvem falar sobre o Crispim, mas que não o conheceu:

“[...] Aqui no Crispim, nessa região toda a gente sabe que era um senhor que morava aqui, morou por muitos anos, eu nunca vi ele, nunca conheci..., mas o povo conta isso. Que ele foi o primeiro morador. O pessoal dos mais antigo falam até que ele era sobrevivente de escravidão, mas não sei dizer muito” NARRATIVA 4. CONCEIÇÃO NASCIMENTO

Assim como demais atores sociais narraram, seu Francisco Mendes, também contou sobre o que sabe da origem do nome Crispim, bem como informou que ele mesmo, já havia tido interesse em investigar a origem da denominação, vejamos:

“[...] Eu já tentei umas várias vezes... e pra onde eu fui assim no caminho diz que era um moço bem baixinho, que andava aqui, era só ele, era pescador... só ele andava aqui. Tinha um barracozinho, aí muitos que vinha de fora chegava e dizia assim: olha vamo lá pro seu Crispim, vamos lá pra casa do seu Crispim, que era pra vim pra cá, aí iam pra ajudar a pescar, pra pegar umas pratiqueira... só que eu não cheguei a conhecer. É uma história... como eu estou dizendo, como eu já vi... já vários contando que ele era um moço, que ele era pequeno. Aí essas perguntas no SPU<sup>12</sup> já fizeram pra gente, aí mandaram a gente procurar a origem, aí a origem... eu cheguei até mesmo ir lá pelo seu Amado, vizinho ali do Bacuriteua, com os mais antigo aqui, aí informaram que era um senhor que tinha aqui pelo nome Crispim, não sei se era apelido, dizem que era pescador. Aí vem, vem outro, aí foram conquistando o nome Crispim, né? Aí o homem desapareceu e ficou só o nome Crispim.” NARRATIVA 5. FRANCISCO NUNES

O senhor Amâncio Lopes, foi dos atores sociais que também alegaram que já havia escutado muitas versões, mas que acredita que independente da história ser ou não verdadeira sobre a origem do nome, é o que a comunidade tem para contar, segundo ele:

“Eu gosto de saber das coisas, aprender... eu sou muito curioso dona, teve um dia que perguntei pra um homem, um senhor bem antigo que mora aqui na praia, se ele conhecia a história do nome ser assim, porque Crispim não é um nome normal igual a gente sabe um monte por aí, é diferente, né? Aí ele me disse o seguinte: olha mano, eu vou te dizer o que eu já ouvi muito falar sobre este Crispim. Ele era um homem pescador que vivia aqui na vila, foi o primeiro que se atreveu morar na praia, o pessoal diz que ele tinha fugido pra cá porque era escravo, e escravo sofria. Isso foi o que ele me falou. Eu sei que pra mim não importa o que ele era, porque senão fosse ele abrir as portas pra nós, ninguém tava aqui, então eu respeito a história. E se era foragido era porque sofria sendo escravo, isso sim” NARRATIVA 6. AMÂNCIO LOPES

O foco deste subcapítulo é apresentar o resultado da investigação, por meio das narrativas orais, da origem da motivação toponímica da praia do Crispim. No entanto, não se pode deixar de comentar que em sua maioria, as narrativas dos moradores se entrelaçam em

<sup>12</sup> Superintendência do Patrimônio da União no Estado do Pará - SPU

uma temática muito sensível a ser observada, o da violência colonial por meio do processo de escravidão. Não se pode descartar a hipótese de ser realmente uma narrativa real, a história de que o “Crispim” possa ter sido uma pessoa que viveu e fugiu de uma situação de trabalho escravo, tendo vista o que afirmam os autores Nascimento; Oliveira e Silva (2014)<sup>13</sup> quando dizem que durante o extenso período de vigência da escravidão, as pessoas negras sempre conviveram com a indiferença dos “homens brancos”, e que as fugas, bem como os extermínios praticados por feitores ou até mesmo o suicídio, e a formação dos quilombos, a participação dos negros na maioria das rebeliões que aconteceram, ao longo período que antecedeu à abolição do processo escravista, demonstram sobretudo as diversas formas de resistência do povo negro.

De acordo com Gomes (2003), existem registros que apontam a respeito do último carregamento de escravos, que se deu em Belém, no ano de 1834, um ano antes do surgimento da Cabanagem. Sendo assim, o tráfico negreiro supostamente teria cessado na Amazônia no dia 07 de janeiro de 1835, com a tomada do poder pelos cabanos. E que no período da vigência do governo revolucionário, medidas foram decretadas, para que houvesse a proibição de todo e qualquer comércio que oriundo do tráfico negreiro, tanto africano, quanto regional. Contudo, o autor contraria a teoria de que tráfico atlântico teria encerrado completamente na região amazônica, após 1834. O que este defende é que ainda tenham acontecidos muitos desembarques clandestinos até meados de 1840, embora tenham acontecido em menor quantidade em relação ao sudeste.

Os fatos acima citados, podem nos ajudar a entender que não estaria distante a possibilidade de estarmos de frente com uma história real de sobrevivência da era violenta em que os povos africanos e afro amazônicos foram submetidos. Porém, a investigação para comprovar ou não, a veracidade das narrativas aqui registradas, não cabe a esta pesquisa, no momento, mas poderá ser uma inquietação para uma pesquisa futura.

É fundamental termos em mente que o ato de nomear para o homem, é mais do que dar um nome a algo ou alguém, é na verdade uma necessidade de organização e orientação. É por conta das possibilidades infindáveis do léxico, que “o ser humano sempre atribui nome a tudo que o cerca: às coisas, aos animais, às pessoas e ao espaço físico em que vive”. ANDRADE (2010).

---

<sup>13</sup> NASCIMENTO, Milton, OLIVEIRA, Alexa, SILVA, Júlio. **Negros: escravos e libertos nos bastidores da Cabanagem**. p. 29

Sendo assim, o nome Crispim surgiu pela necessidade de nomeá-lo em algum momento, e essa definição foi realizada a partir de uma determinada motivação. Espera-se na maioria das vezes que as motivações dos nomes de lugares sejam por conta de características físicas, geralmente sob influência do ambiente, a exemplo do nome da Praia Ponta de Pedras em Santarém-PA, que recebe essa nomeação por conta das enormes pedras alojadas na beira da praia. No entanto, não é o caso da motivação que abordamos nesta pesquisa, e nessa perspectiva diz Sapir (1984) que:

“Explicar todo traço da cultura humana, apenas pela ação do ambiente parece ser ilusão. O ambiente é sempre consolidado ou mudado pelas forças sociais e compreende fatores físicos e sociais. O ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ele as forças sociais” SAPIR (1984, p.46)

Com base nas considerações do autor, podemos entender que as influências da nomeação, por mais simples que fossem, raramente agiriam sobre o homem desassociado de forças sociais. Ou seja, embora a comunidade receba o nome de Crispim, porque este foi o primeiro a habita-la, só isso não seria motivo para a nomeação, se de fato ele não tivesse alguma relevância para quem a nomeou.

Durante a etapa de levantamento bibliográfico acerca da etimologia do nome Crispim, encontramos o trabalho de dissertação da pesquisadora Érica Patrícia Barbosa Costa que versa sobre a Toponímia Marapaniense do Estado do Pará, porém nos deparamos com a inclusão, justamente, da análise taxonômica da praia do Crispim, isso se justifica diante da ausência de registros oficiais sobre contexto histórico, cultural e social do lugar, para fins de análise da motivação da nomeação deste topônimo.

“Identificamos 83 termos toponímicos, mas analisamos apenas 80 deles. Os termos Marudá, Moroçoca e Crispim não foram analisados, uma vez que não encontramos suas respectivas etimologias.” COSTA (2017, p.64)

E para os estudos toponímicos é importante que se entenda a origem da motivação, e nessa perspectiva Dick (1990) criou as taxonomias para que a divisão dos fatos que envolvam a visão de mundo de um determinado grupo ou realidade sejam analisadas por dois aspectos: físico e antro-po-cultural.

Diante de tudo que foi exposto, e após um trabalho minucioso de coleta, registro e compreensão das narrativas para identificarmos a origem do topônimo que nomeia a Praia/comunidade, chegamos a conclusão, através da investigação de sua motivação que o nome

“Crispim”, de acordo com as taxonomias propostas por Dick (1990) trata-se de um Antropotopônimo, ou seja, um topônimo onde a denominação teve origem de um substantivo próprio e individual de alguém.

Figura 38- Vista da entrada para a Praia do Crispim-PA

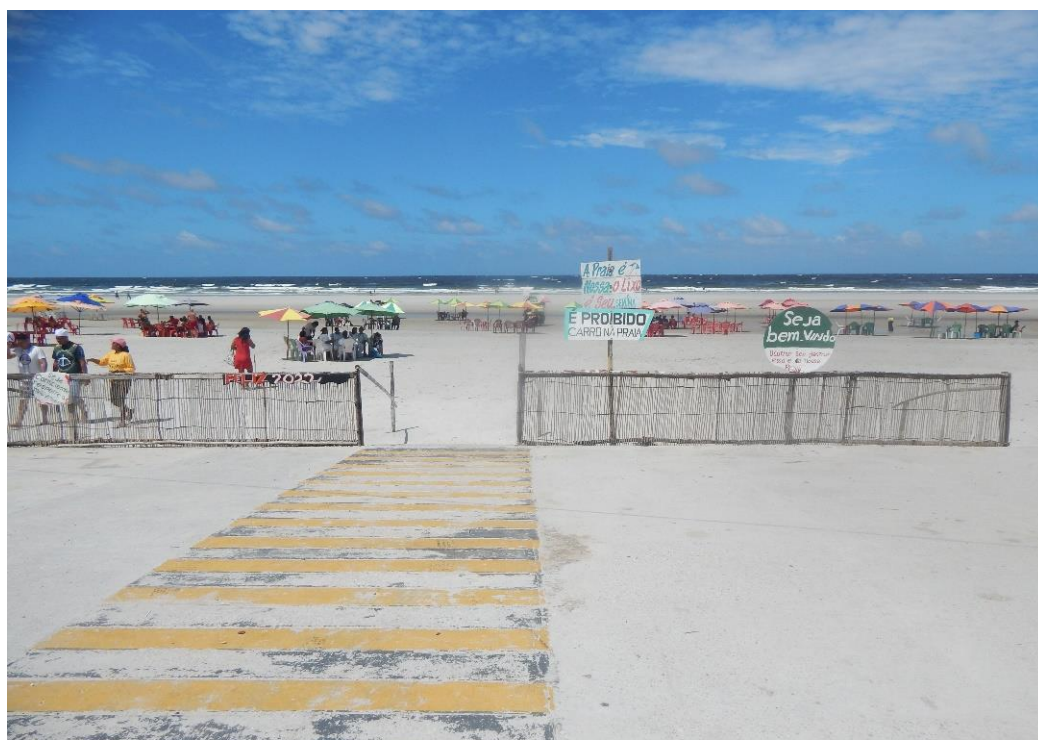


Figura 39: Registro da maré no “horário de banho” como dizem os moradores.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



As imagens acima são de um dia de visita de campo, registrei a entrada que dá acesso a praia do Crispim, após passar horas observando e tentando identificar possíveis características físicas no ambiente que pudessem ser motivo específico de motivação para uma nomeação. No entanto, não consegui encontrar características físicas tão expressivas a ponto de supor uma outra nomeação a comunidade, que não, o do seu primeiro habitante.

### **1.2 – “As primeiras construções na beira mar” – Memória da terra e o processo de ocupação da Praia.**

Neste subcapítulo abordaremos a respeito das memórias que os atores sociais possuem sobre o processo de ocupação da Praia do Crispim. As memórias narradas por eles nos proporcionam a compreensão de como se deu as primeiras construções realizadas à beira mar, como aconteceu a divisão dos terrenos no espaço, quem eram os “donos da terra”, e de que modo esse momento impactou na formação da comunidade.

Antes de iniciarmos a apreciação das narrativas orais acerca do tema, é imprescindível que abordemos dois conceitos norteadores: espaço e território. Para isso, contaremos com os apontamentos de Sodré (2002, p.22). O autor considera que o espaço é todo o perímetro em que circulam os moradores da comunidade, ou seja, o espaço é tido como o resultado do residir, o que por sua vez, não se classifica como o fazer comunitário, porém como algo que determina a própria identidade do grupo, através das marcas que ele imprime no seu espaço físico, e como forma de implantar a estruturação simbólica na comunidade, com a finalidade de submeter normas e valores.

Nesse sentido, podemos compreender que a história da comunidade do Crispim, é a forma como seus moradores estabeleceram suas relações com o ambiente e com os demais membros da comunidade. Portanto, “é o território que traça os limites, especifica o lugar e cria características que irão dar corpo à ação do sujeito” SODRÉ (2002, p. 23). Em síntese, o espaço é aquele em que qualquer pessoa pode ocupar qualquer lugar, já o território é onde se impõe sistemas e regras em relação a mobilização humana de um determinado grupo.

Partindo desses pressupostos, passamos agora para narrativas orais acerca da formação da comunidade da praia do Crispim, buscando entender como esse processo aconteceu e de que forma impactou na formação da comunidade que se tem hoje. A primeira narrativa oral coletada é de seu Amado Pinheiro Negrão, este tem muita relevância na comunidade, pois de acordo com os moradores, sua família foi quem fundou a comunidade, embora se saiba que

antes da instalação de sua família, já haviam outras pessoas habitando o território em questão.

Como base na temática em que tínhamos interesse em abordar, norteamos a entrevista com a aplicação de algumas perguntas, somente para que o ator social pudesse se localizar em suas memórias e assim, iniciar a sua narrativa. As perguntas realizadas se detinham em saber: “em que ano você e sua família chegaram nessa região? O que havia no local à primeira vista? Como eram as casas na época? Você se recorda? Existiam muitas famílias?”. Considerando estas dúvidas, o ator social nos contou sobre suas memórias.

Amado iniciou sua narrativa dizendo que quem chegou primeiro ao local, foi sua avó, que inclusive, se casou com seu avô que tinha algum grau de parentesco com o Padre José Maria do Vale, oficialmente considerado o Fundador do município de Marapanim. Segue o trecho da sua narrativa:

“[...] foi, foi os primeiros a minha família. Minha avó... primeiro foi a minha avó, foi a primeira a vir pra estas terra. Ela veio do Marauá... Marauá é Curuça. Ela veio se casar aqui no retiro<sup>14</sup> com o Benedito... Benedito Pinheiro do Vale. Tu sabe quem é do Vale? Ele é aquele padre que tem lá em Marapanim, estátua grande. Ele o padre parece que era padrinho dele do Benedito, uma coisa assim. Agora as casas aqui que eu me lembro era tudo de barro, tudinho. E do tempo da minha avó já não tem mais ninguém... já morreram tudo, só eu já tenho noventa e tantos anos, mas eu lembro das coisas porque o meu pai me contava” NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO.

O ator social sempre fazia questão de enfatizar que embora sua família fosse a fundadora da comunidade, já haviam alguns descendentes da família do homem que se chamava Crispim, que moravam, segundo ele espalhados pela praia. E que depois de muito tempo eles haviam desaparecidos do local. As memórias narradas por seu Amado, são lembranças do que seus pais lhe contavam sobre como eram as coisas naquele tempo, e ressalta que seus pais também o narravam histórias que ouviam de seus avós.

“[...] meus avós chegaram aqui há muitos anos, mais tinha já por aí o pessoal da família do Crispim, eles viviam espalhados na praia, eu não conheci ele, mas escutei que eles viviam assim. Quando eu já era entendido, eu ouvia muito que eles sumiram da região. O que eu sei é o que meu pai contava pra nós, os dele contavam pra ele e ele contava pra nós, era assim que aprendia as coisa na época.” NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO.

Em seguida, seu Amado começou a entrar no assunto sobre demarcação e distribuição de terras, nos informou que a comunidade do Crispim, na verdade começou onde hoje é a vila do Bacuriteua. E que foi sua família, por intermédio da figura política de seu pai ex vereador de Marapanim-PA, que se iniciou o projeto para abrir a estrada até a praia. Nesse momento,

---

<sup>14</sup> **Retiro** - Nome dado a vila de casa dos pescadores

conseguimos compreender que quando o ator social narra que já existiam pessoas morando, antes da chegada de seus avós, na verdade ele está se referindo “à beira mar”. E que foi a partir da abertura da estrada até a praia, que muitas famílias começaram a migrar para região. Seu Amado chega a tecer um comentário alegando que “[...] lá na praia não tinha nada, o pessoal só ia para lá pra pescar, até chegar lá, era só um caminho estreito, não tinha nada”. E depois do comentário iniciou a narrativa sobre a abertura da estrada até a praia do Crispim:

“[...] Quem fez a primeira estrada pro Crispim foi o Titan, ele é um político.<sup>15</sup> Aquela árvore de breu ali (apontou para a árvore) tem a mesma idade da primeira estrada do Crispim... O senhor que veio na caçamba jogou uma carrada de aterro, aí veio, né? na pedra, veio o que virou essa árvore. Essas árvore são nativa dessa região de campo, o breu. Só de pensar... me cansa. Essa estrada do Crispim me deu muito serviço... Fui quatro vezes em Castanhal atrás de pedir ajuda pro Titan, “caçar” pedra pra botar nessa estrada. (pausa pensativa...) Deve de tá velhão esse político, o Titan, já faz anos que eu não vejo ele... pois, bem essa estrada... botava pedra, mas atolava carro, “amode” dormia e amanhecia “estivado” de carro, pau de arara enterrado, né? “nós tinha” carteira pra desenterrar carro (risos). Foi muita peleja. Só nós sabe.  
NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO

Ao terminar de contar sobre a abertura da estrada que dá acesso a praia, instiguei seu Amado a comentar sobre o fato dele ser considerado primeira pessoa a colocar um bar na praia do Crispim, bem como aconteceu o processo de ocupação desse terreno destinado ao seu empreendimento. Sobre isso, o ator social nos disse:

“[...] Nós que fizemos o levantamento do Crispim. Mandaram... o Bezerra mandou o Agremessor medir o Crispim. O velho Elias (meu pai) que arrendou aquilo ali e o Zé d'água ardente. Tu se lembra quem é o Zé d'água ardente? Era um português, foi uma encrenca de curral<sup>16</sup> aí fora... assim que foi. Aí arrendaram da ponta do Crispim, igarapé e tucumã. Mede 3.700 metros de frente de praia. Eu conheço tudinho e lembro de tudinho. Nos passamos o dia todinho medindo aquilo ali. O Arruda pensou que era dele. O Arruda disse que era dele a praia. O Arruda já é morto esse cara. Não era boa bisca...ele não era pescador. Que nada! Era um grileiro. Invasor! O Arruda pensou que era dele e ainda disse para o doutor Titan que a praia era dele. Quando acaba não era não. Era do velho Elias. Aí o velho Eliais arrendou essa frente tudinho. Acabou com a "roubança" dele (Arruda). Depois ele queria comprar a parte minha, disque pra ele, o Arruda. Ele fez uma proposta comigo o Arruda, ele ia me dá 15 lotes e uma corda para eu voltar para o meu rumo. Aí eu disse: não, não quero não. Se não for com advogado eu não aceito é não. Aí... morreu ele, ele morreu. Ele disse que ia ficar rico... Ficou rico foi com "terra no peito". NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO

Na narrativa acima podemos observar que houve uma divisão de terras na área da praia, no entanto, não fica muito evidente na narrativa de onde partiu essa titulação que garantia aos

<sup>15</sup> **Titan** - Paulo Sérgio Rodrigues Titan é atualmente Prefeito do Município de Castanhal.

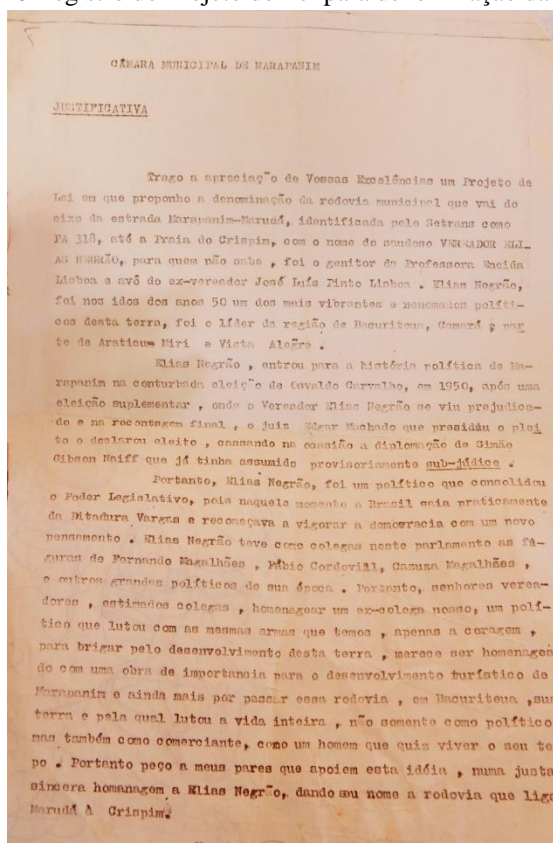
<sup>16</sup> **Curral** - É um engenho de pesca muito eficiente na captura de peixes dentro de canais, rios ou lagoas. Sua construção é uma esteira de taquara e estacas de madeira que fixam no fundo. É constituída de uma parede (espia) que serve de guia ao peixe, é um cercado onde o pescado fica aprisionado. Fonte: [www.icmbio.gov.br](http://www.icmbio.gov.br)

envolvidos o “fatiamento” desse espaço. Seu Amado segue narrando sobre o início da construção do seu bar.

“[...] Nós fizemos o bar, o primeiro no Crispim, sabe? O Estelito que era o distribuidor da Cerpa, sabe quantas dúzias de tábua ele me deu? dez dúzias de tábua ele me deu pra começar o bar, dez dúzias pra mim e dez pro Joaquim, Joaquim era meu sobrinho. Aí nós formamos o bar lá no Crispim. Era só a Cerpa naquela época (marca de bebidas). O Estelito distribuidor da Cerpa... aí ele fornecia tudo, era gelo, era carvão, era tudo... tudo, não tinha energia, né?” Meu filho Lázaro que colocou o nome “Birosca”, na década de 80 ele morou em São Paulo, era barmen na Biroasca de São Paulo, barmen, garçom, caixa... Daí ele veio e colocou o nome. O primeiro bar do Crispim, tinha dois. Biroasca 1 e Biroasca 2 e a Maloca da Biroasca que ficava lá no meio da praia. NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO

É evidente que sobre o processo de ocupação da praia o ator social Amado Negrão, tenha mais memórias em relação aos demais, sobre o início da ocupação do território, primeiramente por ter ouvido as narrativas de seus familiares que iniciaram esse processo, e por ter, de certa forma vivido um contexto social diferente dos demais. Pois, a sua família foi influente na política marapaniense. As imagens abaixo, são registros coletados que demonstram que a influência política da família também, personificou memórias na comunidade. E assim como cita o historiador, “qualquer indivíduo é capaz de produzir história a partir do momento em que age sobre a realidade, não só factual, mas psicológica, dos processos e problemas humanos.” BLOCH (1993)

Figura 40- registro do Projeto de Lei para denominação da rodovia.



Fonte: Acervo pessoal da família Pinheiro Negrão.

A imagem acima, é um registro fotográfico do documento original do Projeto de Lei que solicita a denominação da rodovia municipal que parte do eixo da estrada Marapanim-Marudá, identificada pela Secretaria de Estado de Transporte - SETRAN-PA como PA 318 até a Praia do Crispim, com o nome ex-vereador Elias Negrão. Assim, como também há na comunidade, uma escola (figura 41) que leva o nome do pai de Amado.

Figura 40- Escola Municipal Ensino Fundamental Elias Negrão.



Figura 41- E.M.E.F (Fachada da escola)



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



O lugar onde começou o processo de ocupação da região do Crispim, onde hoje se chama Vila do Bacuriteua, teve sua rua (figura 41) “aberta” a pedido de Amado Negrão, ao então vereador Diniz Botelho, na época o projeto de Lei foi aprovado, e inclusive nomeou-a pelo nome de Rua Amado Negrão.

Figura 42- Rua Amado Negrão, na Vila de Bacuriteua-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 43- Final da Rua Amado Negrão, na Vila de Bacuriteua-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Os demais atores sociais começaram a chegar a comunidade do Crispim, após a venda de lotes de terra que começaram a acontecer na região, seu Amado mesmo, relata que:

“[...] teve um tempo depois, que eu herdei as terras que era do velho Elias (meu pai), e comecei a vender muitos lotes de terra... foi assim que começou a encher de bar na praia, só o Jorge que veio, mas, o pai dele comprou terra na vila dos pescadores, lá não pode vender mais, ficou pra união. A Conceição... ela foi a primeira mulher a comprar e colocar um bar com restaurante na praia, antes dela ainda teve o Batata, uma porção de gente. Mas, aí quando bateu no ouvido do IBAMA<sup>17</sup>... rum... aí eles proibiram de vender tudo. A União tomou de conta e proibiram a venda dos lotes.”  
NARRATIVA 1. AMADO NEGRÃO

O ator social Jorge Pinto, em sua narrativa, relembra o que lhe fez chegar até à Crispim, segundo ele foi depois de fazer um serviço em Marudá, que foi convidado por seu Amado que já conhecia seu pai, para fazer uma obra no seu bar em Crispim. Vejamos:

“[...] Quando eu cheguei pra cá pro Crispim, eu tava lá em Marudá fazendo um serviço naquele hotel grande que tem na praia, aí souberam do meu serviço e me chamaram pra trabalhar no Crispim, numa obra de um bar. Nem sabia que tinha bar pra aquelas bandas, sabia que tinha retiro, aí sim... Quem me chamou foi o dono do bar, o nome dele é “boi sem rabo”, ele é muito velho já, nem sei se é vivo mais, o povo diz que sim... ele que me chamou. Chegando lá fiz o serviço e ele falou que tava vendendo terreno lá, aí nem lembro como foi o rolo, só sei que o finado meu pai que se acertou lá... isso faz muito tempo, hoje “deus o livre” falar em vender terra aqui, aparece logo a marinha.” NARRATIVA 2. JORGE PINTO.

Em outro momento seu Jorge, nos conta que quando se mudou para o Crispim, sua casa ficava no setor destinado aos pescadores, uma vila como eles costumam chamar. É muito nítido que nas narrativas de seu Jorge há, por parte dele, uma inquietação quanto ao fato de comercializar bens naturais, no caso, partes da praia, ele cita, inclusive que via como positivo a ação do IBAMA em interferir nessas vendas, porque além de venderem segundo ele “a natureza”, a ganância por dinheiro ia acabar de vez, com a beleza da praia.

A senhora Conceição e seu esposo Francisco, nos relataram que quando chegaram no Crispim, já haviam muitas casas e bares, mas ela era a única mulher que empreendia no seguimento, e como forma de suprir a necessidade dos turistas, colocou um restaurante também. Até hoje, ela segue com seu estabelecimento e gerando renda à outras pessoas.

“[...] Quando nós chegamos pro rumo de cá, já tinham muitas casas e bares, muitos mesmo. As casas eram todas de madeira, quem morava nas casa eram os próprio dono de bar. Mas, as casa eram mais lá pra frente, hoje já recuaram demais de onde era antes. Tudo porque as águas vão subindo a cada ano que passa, mas quando chegamos tinha muitos morando aqui. Só que só tinha bar, tudo era só bar, os banhista vinha e não tinha onde comer aqui, aí coloquei o restaurante, só eu de mulher” NARRATIVA 3. CONCEIÇÃO NASCIMENTO.

<sup>17</sup> **IBAMA**- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis é uma autarquia federal dotada de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), conforme Art. 2º da Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989. Fonte: [www.gov.br/ibama](http://www.gov.br/ibama)



Figura 44- Bar e Restaurante da Conceição



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

O marido de Conceição, o senhor Francisco, fala sobre uma prática comum que acontece na comunidade. Segundo ele, quando as pessoas se mudam para outro lugar, eles repassam as casas para outros, ou seja, há uma rotatividade de pessoas na comunidade, enquanto uns chegam outros se vão. No entanto, ele ressalta que as únicas casas “de primeira”, que são dos primeiros donos, são as de propriedade dos donos de estabelecimento.

"[...] Aqui na comunidade tem muitas casas que já são de segunda. Como a gente chama, a pessoa que passou pra outra e assim vai. E as casa de primeira como chama, é dos barraqueiro. Mas, não é que eles são barraqueiro de fazer barraco... é só um dizer daqui da comunidade (risos). Outra coisa que a senhora pode observar é que tem muitas casas que são abandonadas mesmo. As vezes a pessoa compra pra passar veraneio e depois não vem mais, no estacionamento mesmo tem casa abandonada já, não se venderam os terrenos, mas as casas não prestam mais, não cuida... aí se perde tudo. NARRATIVA 4. FRANCISCO MENDES

Durante a pesquisa de campo, fizemos diversos registros, e o fato citado por seu Francisco acerca do abandono de casas é uma realidade. Chegamos a investigar sobre o possível motivo de abandono com moradores das proximidades, e a maioria alega que as casas que são abandonadas na praia (na beira mar) é porque a pessoa se mudou para uma



outra área na praia mesmo por conta da destruição das marés altas, ou porque desistiu de reconstruir o tempo todo por causa da maré que só avança cada vez mais e saiu da comunidade, ou ainda porque são casas de passeio, onde as pessoas costumam vir só nas férias e casa se deteriora sem os cuidados, e ninguém volta para arrumar. A exemplos das imagens abaixo.

Figura 45- Casa abandonada no estacionamento.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 46- Casa II abandonada no estacionamento.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Uma questão abordada por seu Amâncio Lopes, foi em relação a chegada de energia elétrica na comunidade, para ele o progresso se deu a partir daí, momento em houve o aumento significativo do turismo na praia, no entanto ele destaca que Crispim, antes da exploração do turismo, já vivia da exploração da pesca. Sendo assim, na sua concepção a praia sempre existiu, o que surgiu depois foi a crescente do turismo, por conta da abertura da estrada e da chegada dos bares. Desta forma, ele destaca que:

"[...] A praia do Crispim, ela sempre existiu, só que ela foi explorada na área de pesca. Antes eram duas ou três cabanas. Aí foi quando chegou a energia que expandiu o movimento aqui. Eu cheguei aqui antes da Conceição e do Francisco, e nessa época era só cabana de pescador mesmo, depois que com a luz... a energia, que outros pessoal foram chegando. Mas, eu sei que quando começou mesmo a movimentação aqui, foi com o bar do seu Amado, um senhor lá do Bacuriteua e de outro que já até faleceu, que era de Marudá. Aí quando chegou a energia, o progresso chega também, e o turismo começou a crescer por aqui. Aqui o talão de energia vinha como Bacuriteua, porque a comunidade do Crispim, começou desde lá. Na verdade, pode ter começado até bem antes com a família do tal Crispim... eu entendo assim.  
NARRATIVA 5 AMÂNCIO LOPES

Após ouvirmos a narrativa de seu Amâncio, tentamos entender melhor sua colocação, uma vez que, ele deixou transparecer que algo lhe intrigava quanto ao surgimento da Praia do Crispim, então nos dispomos a ouvi-lo mais sobre o que lhe incomodava, foi então que ele nos relatou que não se poderia pensar na comunidade do Crispim somente depois da chegada, segundo ele, do progresso. Porque antes, já contavam os mais antigos, que já existiam pessoas morando ali, e que provavelmente eles também eram uma comunidade, tanto que o nome da praia foi dado por causa da existência de outras pessoas que já moravam ali. Mesmo o ator social tendo vindo de outro município morar comunidade do Crispim, nos deixou surpresos o seu sentimento de pertencimento de fato aquela comunidade, a ponto, inclusive de questionar um possível apagamento na história, de quem deu nome a praia/comunidade.

De certo modo, faz sentido a sua inquietação, pois também, tivemos a mesma sensação em relação a história de Marapanim-PA, onde colocam os povos originários que habitavam a região, como coadjuvantes da história do município. Sabemos que esse fato, não é algo exclusivo de uma região, bem como temos consciência de que a história do Brasil como um todo, sempre suprimiu a existência dos que já estavam aqui, antes dos exploradores.

### **1.1 – “A vida de quem mora aqui é assim” – Organização Social e quotidianidade da comunidade do Crispim.**

Iniciamos este subcapítulo abordando conceitos de comunidade, pois é muito comum pensarmos o termo comunidade por um viés imáculo, sempre acolhedor e de relações exclusivamente pacíficas. No entanto, nos afirma Sodré (2002, p. 171) que comunidade não é um lugar alheio aos conflitos e embates, mas é sobretudo um lugar histórico em que uma tradição se insere como uma extensão maior que a do indivíduo em particular, levando-o a se entender como algo que engloba uma totalidade.

No anseio pela compreensão do conceito de comunidade nos ancoramos no que define Raquel Paiva (2003) como a busca da relação dos indivíduos com o outro, com a formação de uma comunidade organizada e que atua na luta contra as desigualdades sociais, bem como possui uma intensa atuação política.

A comunidade da Praia do Crispim, nesse sentido também, atua de forma conjunta e organizada, pela luta da garantia de seus direitos. A comunidade diante das necessidades de uma força de representação política, instituiu, em 23 de janeiro do ano de 1993, a Associação Comunitária dos Moradores do Crispim – ASCOMC, tendo sua sede na Praia do Crispim. De acordo com o Estatuto da Associação Comunitária em questão, esta é uma Entidade Civil sem fins lucrativos, sem vinculação partidária, tendo como foro o município de Marapanim. Seus objetivos principais são: a promoção da união e organização de seus moradores, na defesa dos seus direitos, tendo ainda como função, planejar, instrumentalizar, executar, controlar e avaliar projetos e/ou programas voltados aos direitos da comunidade no âmbito da saúde, educação, esporte, cultura, lazer e entre outros direitos, bem como estimular o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades de cunho econômico de caráter comum, estabelecendo, inclusive, convênios com entidades públicas e privadas.

A comunidade elege o seu representante comunitário a cada 02 anos, um dos critérios para ocupar o cargo é possuir residência na comunidade. No período em que realizávamos a pesquisa de campo para este trabalho, o presidente da ASCOMC em exercício era um homem que atende pelo apelido de “Gue Guevara”. Uma das personalidades mais conhecidas da comunidade do Crispim, não somente entre os moradores da comunidade, mas pelos turistas também. Sua figura começou a ganhar visibilidade por conta da sua manifestação de consciência política e do seu ativismo em prol da preservação da Praia do Crispim. Assim como, muitos moradores da região, “Gue Guevara” também tira seu sustento do turismo que a praia proporciona, e por isso, sempre manifesta sua luta em defesa do meio ambiente.



Figura 47- “Gue Guevara” do Crispim-PA, personalidade emblemática da comunidade



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 48- Famoso Carrinho de Drink's do “Che Guevara” do Crispim-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

A rotina da comunidade do Crispim começa a sua movimentação antes mesmo do sol raiar, os pescadores iniciam suas atividades de pesca ainda na madrugada, os donos de bares e restaurantes começam a organizar logo pela manhã as suas mesas na praia para receber os turistas (figura 49), que em sua maioria chegam bem cedo em ônibus de turismo (figura 50). São donos de bares e restaurantes, guardadores de carro, comerciantes, proprietários de pousadas, vendedores ambulantes, etc, embora sejam funções de interesse particular, todos trabalham com uma finalidade coletiva, a manter forte o turismo na comunidade, pois é dele que gera a renda da maioria das famílias. Segue abaixo alguns dos registros realizados durante a pesquisa de campo, que mostram um pouco do cotidiano da comunidade.

Figura 49- Vendedores organizando a praia para receber os turistas.



Figura 50- Chegada dos ônibus de passeio na Praia do Crispim-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Figura 51- Vendedores ambulantes da comunidade que organizam cedo seus pontos.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 52- Membro da comunidade, apelido “Neguinho” – autônomo e tira sua renda oferecendo transporte de bagagens para os turistas que chegam nos ônibus de passeio.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Os comércios na comunidade começaram a se intensificar recentemente, principalmente após a pandemia do covid-19, o motivo se deu pelo aumento da demanda turística do local. Antes dos dois estabelecimentos registrados nas imagens abaixo (figuras 53 54), chegarem havia um outro estabelecimento que atendia a comunidade, o mercadinho Meio a Meio, mas este fechou após o falecimento de seus donos. Hoje, a comunidade tem pelo menos 3 a 4 estabelecimentos que atendem a demanda local.

Figura 53- Pontos comerciais que atendem a comunidade.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 54- Conveniência inaugurada há um ano na comunidade do Crispim-PA.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 55- Registro da despesca da rede.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

O registro fotográfico acima foi feito durante a nossa estadia na comunidade para acompanhar de perto algumas rotinas, como é o caso da rotina dos pescadores. Inúmeras vezes fizemos questão de viver a experiência o mais próximo da realidade possível, e chegamos a conclusão de que além de um trabalho árduo, há uma necessidade de conhecimentos técnicos, para fazer o que eles (pescadores) fazem de forma muito natural, pois herdaram dos seus antepassados os saberes e práticas para lidarem com a profissão. Acompanhamos o ator social Jorge Pinto em algumas dessas empreitadas do que eles chamam de “colocar rede” e “despescar rede” no mar. E de uma dessas experiências nos gerou registros da seguinte narrativa, acerca das vivências da sua rotina de pescador:

“[...] Aqui nessa vida de pescador a pessoa tem que gostar do que faz, e ter muita paciência. Tu tem paciência? (risos) porque nada é na nossa hora, é tudo na hora da mãe natureza. Ela que diz que hora que nós vamo colocar a rede e a hora que nos vamo tirar. E não tem essa de ir antes, porque se for antes a água não deixa tu chegar nas rede, porque ela são colocadas com a maré baixa, aí enche.... Os peixe cai na rede e depois nos vamos buscar quando a maré baixa. E se demorar a ir buscar vem um espertalhão e rouba teus peixe. (risos) tem que ter experiência. Se eu soltar vocês sozinho aqui, não vão conseguir fazer nada... porque vocês não tem prática. Mas... se quiserem morar uma porção de anos aqui, fazendo isso todo santo dia, vocês aprende. Eu aprendi muito novo, com meu pai. Ensinei meus filhos também, porque quando eu morrer eles não morrem de fome, porque sabem vim tirar “meno’ um peixe pra comer. Até a minha mulher Marcelina aprendeu a despescar, ela que me acompanha. Agora não sei se é ciúme da princesa me pegar. (risos). Princesa é uma

mulher encantada que tem aqui na praia, o pessoal diz que só tem lá em Algodal, mas ela mora é aqui, eu já muitas vezes. Tudo a gente vê nessa vida de pescador, só que quando nós conta, o povo faz logo é dizer que é história de pescador... como sendo mentira, aí nos nem fala mais, tem uns falam mesmo muita mentira, mas só pra sacanea mesmo. Agora tem umas que são história verdadeira, tanto que não é só um que vê. É muita coisa... essa vida". NARRATIVA 1. JORGE PINTO

Como bem narra seu Jorge, a rotina de pescador não é para qualquer pessoa, não somente a dos pescadores, mas da comunidade como um todo. Mas, o que seria da comunidade se não houvessem como diria Raquel Paiva (2023), as trocas reais e simbólicas, ou seja, essa relação provocada pelos encontros e envolvimento diários que o indivíduo tem com a comunidade, e da mesma forma, as influências que a comunidade tem sobre ele.

As narrativas orais coletadas, também nos possibilitaram compreender, ainda que de forma superficial, o contexto cultural que envolve a comunidade, por meio de eventos culturais e religiosos que acontecem no local. Embora seja uma das reivindicações, a questão de investimento nos setores turístico e cultural, alguns estabelecimentos como forma de fortalecer o turismo, promovem eventos com rodas de carimbó, apresentação de grupos folclóricos e shows com artistas locais. Porém, em algumas das narrativas, há relatos de que a comunidade, em si, não possui nenhum evento cultural que seja característico de uma tradição cultural local.

No entanto, a única manifestação cultural que eles consideram como tradição da região, é a Festividade de São Benedito, que acontece na Vila de Bacuriteua-PA, no mês de dezembro, como encerramento do Círio de São Benedito, como narra Lorival Nunes:

"[...] Aqui na comunidade, digo de Bacuriteua... onde o Crispim começou, antes mesmo de eu chegar pra cá eles já faziam essa comemoração. Bem ali, quando passa naquela curva fechada, no rumo de quem vai pra Marapanim, num tem? É a igreja de São Benedito, tem o Santo grande lá na frente. Lá eles faziam uma festa bonita. Eu mesmo peguei muito tronco pra fazerem o mastro... porque tem o mastro, eles levantam e depois derrubam, hoje já não é mais como antes, mas ainda tem a festa. Antigamente era muita gente que vinha de todo canto daqui dessas bandas. Era um festejo grande. Nessa época eles traziam até grupo e carimbó de Marapanim, porque o carimbó é herança de lá. Agora lá no Crispim, não tem um festejo que diga que é de lá mesmo da praia. Nem tem igreja, pra começo de conversa, só tem uma igreja que todo mundo usa que é essa miúda ali da curva." NARRATIVA 2. LORIVAL NUNES

O mesmo evento religioso citado por seu Lorival, foi citado em todas as narrativas, sempre o colocando como algo pertencente a Vila de Bacuriteua, e não da comunidade do Crispim. A igreja a qual se referem ser de São Benedito, é a única igreja da localidade, e por conta disso, observou-se que ainda há uma predominância do catolicismo como religião no local.



Figura 56- Imagem da Igreja de São Benedito, na Vila de Bacuriteua-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Figura 57- Imagem do monumento em homenagem a São Benedito, na Vila de Bacuriteua-PA



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Com base em tudo que foi abordado acerca da sua organização social e quotidianidade da comunidade, encerramos este subcapítulo na certeza de quem a história é um processo que ela pode ser revisitada sempre que possível e recontada com um outro olhar, sempre que necessário. O próximo e último capítulo apresenta uma reflexão sobre a importância da consciência ambiental, tendo como aliados os enfrentamentos da comunidade e os meios de comunicação.

### **1.1 “Nosso receio é que tudo isso se acabe” – Narrativas orais por um viés ecológico da memória.**

Em sua obra *O Terreiro e a Cidade*, Muniz Sodré aborda sobre o conceito de atitude ecológica, como uma relação respeitosa do indivíduo com o meio ambiente, porém, enfatiza que esta relação, nada tem a ver com o discurso sobre preservação, mas do tratar a natureza exaltando-a com consagração. Portanto, compreende-se que este conceito, abordado por Sodré (2019, p.167) tem por objetivo explicar a relação do homem com a natureza, não como uma necessidade de subsistência, mas de coexistência.

A noção de respeito pela natureza é algo que ouvimos em todas as narrativas dos atores sociais, bem como, por outros membros da comunidade durante a estadia na pesquisa de campo. No entanto, seu Jorge se destaca nesse agir com a natureza pelo viés que nos define o autor. O trecho da narrativa que destacamos abaixo, é um dos mais incisivos em relação a forma de ver a natureza, talvez essa visão parta das experiências que o pescador adquiriu ao longo da sua convivência com o meio ambiente. Atentemo-nos ao que nos narra:

“[...] Sabe uma coisa boa de viver na beira da praia? É que nós não precisa pagar por nada, pode pegar tudo de graça. Só tem um porém, se tu pega de graça, tu tem cuidar da natureza, como se fosse um parente que tu queira bem, ela não tá aqui pra nos servir. Tá pra ajudar. E se nos não cuida dela com carinho, ela se revolta. Essas água vindo cada vez mais forte é ela (mãe natureza) cobrando de nos o cuidado que nos não demo. Aí vai reclamar? Ela tem razão. O povo vem e joga lixo na praia, é garrafa, é tudo que não presta... aí ela vem devolver, e vem braba. Aí é nós correr igual menino que corre da mãe quando ela quer castigar. Assim nos faz, sai correndo... pra salvar as coisa do poder da fúria das água. Entende?” NARRATIVA 1. JORGE PINTO

Na narrativa de seu Jorge, é perceptível que ela fala da natureza como se fosse alguém, até mesmo uma divindade. O objetivo desse apontamento não é romantizar a narrativa do ator social, é mostrar que essa relação é fruto da sua experiência individual com o meio em que habita. E seu relato conversa com o que Sodré (2019, p. 168) descreve quando diz que

a natureza se apresenta divina e ativa, contrapondo-se a ideia de natureza passiva e unicamente material.

É, portanto, papel da sociedade começar a trazer para o centro das discussões, pautas sobre o meio ambiente e o clima, tudo isso de uma forma ampla somada as lutas que já travam as comunidades, principalmente, na Amazônia. A autora Paiva (2003) analisa o cenário da contribuição dos meios de comunicação nas relações sociais, o que observamos atualmente como um dos papéis fundamentais dos meios de mídia. Sobretudo, quando ela define que a mídia vive uma era de padronização das pessoas, gerando um discurso hegemônico ilusório. A autora nos faz refletir sobre a necessidade de dar voz ao discurso real, ou seja, aquele protagonizado por grupos que vivenciam o cotidiano das relações sociais.

Na comunidade do Crispim há pessoas engajadas na luta em prol do meio ambiente, é o caso do morador e então presidente da associação que atende pelo apelido de “Gue Guevara”, ele é a figura que atua nos meios de comunicação alternativos (redes sociais) pedindo apoio de órgão públicos e conscientizando, principalmente os turistas, sobre a importância de cuidar da praia e do meio ambiente como um todo, bem como promove ações de limpeza com os demais moradores (figura 59) para manter a praia atrativa. É sempre comum encontrar placas como esta da imagem abaixo, confeccionadas por ele ou outros moradores.

Figura 58- Placas confeccionadas pelos moradores para conscientização da população.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)



Figura 59- Ação de moradores para retirada de lixo da Praia do Crispim-PA.



Fonte: Maria Mirley F. Santos (Acervo pessoal)

Seu Lorival nos conta, também, que já foi uma das pessoas que limpavam a praia e como havia negligência por parte de prefeitos, com a comunidade. Em sua narrativa, ele também conta como “Gue Guevara” chegou a comunidade e começou a ganhar visibilidade como o ativista que é. Vejamos:

“[...] antes do “Gue Guevara chegar na comunidade, quem limpava a praia todinha era eu, quando eu era mais novo, agora não dou mais conta. Eu limpava tudinho essa praia. Teve um dia que viram eu fazer esse serviço, o pessoal aí que trabalhava na prefeitura. E me chamaram pra trabalhar contratado pela prefeitura, eu aceitei, claro. Passei oito anos limpando tudo, mas quando entrou outro prefeito que nunca fez nada por nós aqui, o Ribamar, ele me tirou. Depois disso eu fui trabalhar numa casa, chegando lá eu conheci o “Gue Guevara”, eu que guardava as ferramentas deles, ele nos contou que veio de Castanhal, depois disso ele se casou com uma filha daqui da terra e foi ficando até hoje. Aqui ele é respeitado porque ele que cuida da praia, faz limpeza as vez sozinho de noite... o caba é... gosta de trabalhar. Tem um carrinho que ele vende bebida na praia... as vezes passa doido com carrinho dele empurrando e tocando as música dele, ele parece meio maluco, mas é gente boa. (risos)”  
NARRATIVA 2. LORIVAL.

O título que nomeia este subcapítulo, é na verdade uma situação real, diante de tudo que o meio ambiente vem sofrendo, seja pela ação do homem, ou da própria natureza. Na narrativa contada pelo ator social Lorival Nunes, ele ressalta o quanto mudou o espaço físico da praia desde a sua chegada a comunidade do Crispim. No seu relato ele afirma que há uma



teoria defendida há muitos anos, por Jorge Pinto, de que a praia que antes era, no local onde hoje é o estacionamento, vai voltar para o seu lugar de origem.

“[...] Quando eu cheguei aqui, essa praia é era muito diferente do que é hoje, o mangue era robusto, tinham muitos peixes, era fartura. Não tinha tudo isso de construção que tem hoje, e olha que a maré já aterrou um bocado. Aqui todo conta uma previsão, né? Assim que diz? Que o velho Jorge vem falando a muitos anos, que a praia vai voltar de onde começou... que é lá no estacionamento onde ficam os ônibus. E num é que tá voltando mesmo? Cada vez o pessoal da beira mar tá recuando suas casa. Uma vez um cara desafiou ele. Um Japonês dono de um Hotel aqui que era o único de alvenaria. Ele chegou com uns doutor aí para ver como ia ser a obra... aí o Jorge ouviu a conversa e se meteu dizendo que ele só ia ter prejuízo, que na primeira maré alta a pousada dele ia toda no fundo. Os doutor até zombaram dele. Ah! a senhorita viu? Pois, é. Eles zombaram do velho... quando chegou o mês previsto da maré subir... rum... na primeira porrada que a maré deu... foi metade da construção no chão. O velho acostumado a lidar com o mar. (risos) sabe mais que os doutor que só vieram na época da obra e foram embora. Nesse dia o velho lavou a alma, o Jorge.”  
NARRATIVA 2. LORIVAL NUNES.

Há muitos anos a comunidade do Crispim vem sofrendo com o descaso do poder público, em relação as destruições ocasionadas pelas marés, é compreensível que o que acontece é resultado de fenômenos naturais, porém isso não impede que haja por parte do governo, ações de políticas públicas para amenizar os danos causados. Até o presente momento desta pesquisa, sabemos que a comunidade, depois de muitas lutas com o poder público, conseguiu que fosse assinada uma ordem de serviço, pelo Governo do Estado, para a construção de um muro de contenção na Praia.

A autora Paiva (2003) afirma que é na ausência do estado com ações efetivas que impactem de forma positiva, na vida das comunidades que surgem movimentos de luta em prol de cidadania. Nesse sentido, ela menciona surgimento de organismos alternativos para suprir a carência do estado, e cita três fundamentos de comunidade e instituição. A primeira, é a comunidade agindo pelos interesses comuns do grupo, o segundo é uma instituição compreende o viés estrutural comunitário e a terceira é a comunidade lançando mão da instituição para manter laços entre os seus componentes.

O que muito se espera é que a comunidade do Crispim-PA, possa continuar crescendo, progredindo e gerando emprego e renda para sua população, que possa receber mais atenção do poder público, não somente no turismo, mas na educação, no saneamento básico, na saúde e cuidados com o meio ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho era desvendar o que motivou a nomeação do topônimo Crispim, e hoje concluo uma pesquisa desafiadora que se dedicou a investigar por meio das narrativas orais, possíveis vestígios da história da comunidade do Crispim-PA, até então nunca levantada. Cada uma das narrativas orais vista aqui, reflete uma experiência individual, contudo, são compostas por experiências de uma comunidade onde viveram ou ainda vivem, aqueles que narraram sobre suas memórias. Embora as memórias fossem instigadas a narrar sobre um mesmo assunto, haviam ali, em cada narrativa as particularidades de cada ator social. E isto, fez total diferença para a conclusão desta pesquisa, uma vez que cada olhar nos proporcionou enxergar a mesma história por ângulos diferentes. A problemática proposta por essa pesquisa, visava responder se as narrativas orais seriam capazes de nos fazer compreender sobre a história da comunidade do Crispim. Ao final da pesquisa e depois de tudo que descobrimos e transcrevemos sobre a história investigada, chegamos à conclusão de que as narrativas orais, não só nos proporcionaram compreender o que buscávamos, como nos abriu inúmeras outras temáticas possíveis para pesquisas futuras. A finalidade deste trabalho não é entregar um documento histórico pronto e inquestionável, mas proporcionar a comunidade a oportunidade de preservar as memórias que ajudaram a compreender os caminhos da sua história.

## REFERÊNCIAS

- FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, A.; OLIVEIRA, A.; NASCIMENTO, G.; RONSINI, V. M. (Orgs.). Comunicação e Interações. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 71-91.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGO, Antonio. C. **O positivismo**: caracteres e influência no Brasil. **Reflexão**, Campinas, ano VIII, n. 25, p. 47-97, jan./abr., 1983.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 (adaptado).
- SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: a Literatura de Mercado*. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.
- BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política*, 1994.
- SODRÉ, Muniz, 1942- *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira I* Muniz Sodré. - Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. 184 pp. - (Bahia: Prosa e poesia). Cap. 5- Atitude Ecológica.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- SOUZA, Robério Américo do Carmo. Narrativas Oraís como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. *Revista Maracanan* (n. 17, p. 118-129, jul. /dez. 2017 ISSN-e: 2359-0092 DOI: 10.12957/revmar.2017.28212).
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (tomo 1) / Paul Ricoeur: tradução Constança Marcondes Cesar- Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- LE GOFF, Jacques, *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- EVARISTO, Conceição, Canal: Leituras Brasileiras, 2021. “Escrevivências”

<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY> acesso em 20/01/23

FERNANDES, J.G.S., SANTOS. Do oral ao escrito: Implicações e Complicações na Transcrição de Narrativas Oraís. In: Outros Tempos. Revista Virtual da Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da UEMA. ISSN 1808-8031, volume 02, p. 156-166 156

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR. A letra e a voz: a literatura medieval. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

COSTA, Érica Patrícia Barbosa, 1991 - Do não-lugar ao lugar: a toponímia marapaniense do estado do Pará / Érica Patrícia Barbosa Costa. – 2017.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio) - Estudo Socioambiental referente à proposta de criação de Reserva Extrativista Marinha no município de Marapanim, Estado do Pará. – 2014

IBGE – CIDADE Disponível em:

[www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmum=150440&search=pa](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmum=150440&search=pa)

Marapanim. Acesso em: 28/01/22.

CONCEIÇÃO, A. A. da. *Marapanim - Reconstituição Histórica Cultural Mística e Chistosa*. Marapanim. 1. ed. 1995.

FUSCALDO, B, M, H. *O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil*.

In: Revista CPC, São Paulo, n.18, p. 81–105, dez. 2014/abril 2015.

CASTRO, J. A. *Noções da História de Marapanim*. Belém: Gráfica e Editora, 1998). IBGE – CIDADE Disponível em:

[www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmum=150440&search=pa](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmum=150440&search=pa) Marapanim.

MEIHY, José Carlos Sebe B, "História Oral: como fazer, como pensar" e "Guia Prática de História Oral", 1ª. Ed. 2000. (p.33 - 85)

NASCIMENTO, Milton, OLIVEIRA, Alexa, SILVA, Júlio. Negros: escravos e libertos nos bastidores da Cabanagem

PAIVA, Raquel. O espírito comum – comunidade, mídia e globalismo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.



**APÊNDICE B – Perguntas elaboradas apenas para guiar os temas principais para a pesquisa.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E  
AMAZÔNIA

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO ATOR SOCIAL:

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Religião/ Crença: \_\_\_\_\_ Componentes familiares: \_\_\_\_\_

Entrevista realizada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. Horário: \_\_\_\_\_

1. Em que ano você e sua família chegaram nessa região? O que havia no local à primeira vista? Como eram as casas na época? Você se lembra? Existiam muitas famílias? Me conte sobre.

---

---

---

---

---

2. Você saberia me contar sobre a origem do nome Crispim? O que sabe a respeito?

---

---

---

---

---

3. A comunidade do Crispim surgiu antes ou depois que Marudá?

---

---

---

---

---

4. Me relate sobre como a comunidade começou a se formar, e se tornar o que hoje, é a comunidade do Crispim-PA.

---

---

---

---

---

5. Havia na época igrejas? Qual a religião dominante na época?

---

---

---

---

---

6. Existia algum festejo cultural ou religioso na comunidade, algo que virou tradição?

---

---

---

---

---

7. Você acredita que exista algum tipo de misticismo ou encantarias na Praia do Crispim? Já ouviu ou presenciou história sobrenaturais na praia?

---

---

---

---

---

8. Quais as memórias que você tem da época que convivia com mais frequência na praia do Crispim? Me conte alguma história que marcou sua vida.

---

---

---

---

---

9. Como era o acesso a saúde? Onde recorriam quando precisavam de atendimento médico?

---

---

---

10. Ao longo desses anos, o que você considera que mudou na praia do Crispim? Considera importante a preservação da praia?

---

---

---

---

11. Quantos bares tinham na praia do Crispim na época que grupos de passeio começaram a frequentar? Quem eram as famílias dos primeiros bares? Ainda moram na comunidade?

---

---

---

---

---

12. Qual o meio de sustento da maioria das famílias da comunidade? Houve alguma mudança ou continuam do mesmo sustento?

---

---

---

13. Como foi o período do anúncio da Pandemia? Como as pessoas reagiram? Houve muitos contágios? A comunidade perdeu pessoas nesse período?

---

---

---

---

---

14. Como a comunidade conseguiu se manter durante o período de proibição do turismo na região? Por conta da Pandemia.

---

---

---

---

15. O local hoje é registrado como Reserva Extrativista da Marinha com o título de “Mestre Lucindo”. O que você a respeito dessa titulação?

---

---

---

---

## APÊNDICE C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA

Eu, \_\_\_\_\_,  
nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador da Cédula de  
identidade RG nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF sob nº  
\_\_\_\_\_, residente à Av./Rua  
\_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, município de  
\_\_\_\_\_/Marapanim-PA. AUTORIZO o uso de minha  
imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser  
utilizada na Pesquisa de Dissertação de Mestrado e produção de documentário “VESTÍGIOS  
DA HISTÓRIA: narrativas orais, saberes locais e memórias da Comunidade do Crispim-  
PA” (título sujeito a alteração) e também nas peças de comunicação que será veiculada nos  
canais do PPGCom-UFPA. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo  
o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I)  
home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de  
direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem  
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer  
outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_, dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: